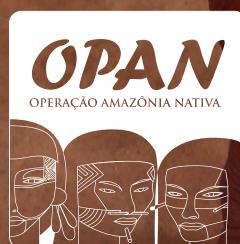


PROJETO: BRA 76414

APOIO AO Povo CHIQUITANO DE FRONTEIRA BRASIL/
BOLÍVIA NO ESTADO DE MATO GROSSO

RELATÓRIO FINAL
**DIAGNÓSTICO
SOCIOECONÔMICO,
CULTURAL E
AMBIENTAL JUNTO AO
POVO CHIQUITANO**



EXPEDIENTE

INSTITUIÇÃO EXECUTIVA

Operação Amazônia Nativa (OPAN)

FINANCIADOR

Manos Unidas

CONSULTORA

Verone Cristina da Silva (antropóloga e historiadora)

EQUIPE DA OPAN

Paulo Eberhardt (indigenista)

FOTO CAPA e CONTRACAPA

Paulo Luís Eberhardt

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alessandra Bernardes

As informações contidas neste relatório não constituem opinião ou posicionamento das entidades que apoiaram.

MATO GROSSO, JUNHO DE 2023.

REALIZAÇÃO



APOIO



Sumário

Lista de figuras - PAG 4

Lista de siglas e abreviaturas - PAG 6

1. Apresentação e metodologia - PAG 7

2. Introdução: Uma breve aproximação do povo Chiquitano no Brasil - PAG 19

3. Caracterização das aldeias e comunidades - PAG 27

3.1 Aldeia Vila Nova Barbecho - PAG 27

3.2 TI Portal do Encantado . Aldeia Nautukirs Pisiors - PAG 45

3.3 TI Portal do Encantado . Aldeia Paama Mastakama - PAG 55

3.4 TI Portal do Encantado . Aldeia Fazendinha - PAG 61

3.5 TI Portal do Encantado . Aldeia Acorizal - PAG 70

3.6 Osbi/Comunidade Nossa Senhora Aparecida - PAG 88

3.7 Comunidade Santa Mônica - PAG 97

3.8 Bocaina/Comunidade Nossa Senhora Aparecida - PAG 105

3.9 Comunidade Nova Fortuna - PAG 114

3.10 Grupo Beija Flor de Chiquitano não aldeado em contexto urbano - PAG 130

4. Atores, relações e instituições junto ao povo Chiquitano - PAG 143

5. Considerações finais e recomendações - PAG 151

Referências bibliográficas - PAG 157

Anexos - PAG 160

Lista de figuras

- Figura 1.** Roda de conversa, aldeia Vila Nova Barbecho
- Figura 2.** Entrevista realizada com Merchora Urtado Pedrassa, comunidade Nova Fortuna
- Figura 3.** Linhas do tempo com anciões Nicolau Urupe Jovió e Clemência Muquissai Urupe
- Figura 4.** Reunião com mulheres do Grupo Beija Flor
- Figura 5.** Mapeamento do Território e aldeia Vila Nova Barbecho
- Figura 6.** Roda de Conversa com lideranças da Aldeia Vila Nova Barbecho
- Figura 7.** Escola Estadual Indígena José Turíbio Vila Nova Barbecho com diretora e representantes da FEPOIMT
- Figura 8.** Roça coletiva fracionada por família na aldeia Vila Nova Barbecho
- Figura 9.** Mapa de localização das aldeias na Terra Indígena Portal do Encantado
- Figura 10.** Croqui da aldeia Nautukirs Pisiors
- Figura 11.** Colheita de abóbora na roça do seu José Ramos Paravá, seu Ito
- Figura 12.** Roça do cacique Vitor Ronaldo Gomes da Rocha e Sebastiana Mendes da Rocha
- Figura 13.** Entrevista Vitor Ronaldo Gomes da Rocha e Sebastiana Mendes da Rocha
- Figura 14.** Roda de conversa com lideranças da aldeia Paama Mastakama
- Figura 15.** Croqui de localização da aldeia Paama Mastakama
- Figura 16.** Roda de conversa com lideranças da aldeia Paama Mastakama
- Figura 17.** Homem carregando banana na aldeia Paama Mastakama
- Figura 18.** Croqui de localização da aldeia Fazendinha
- Figura 19.** Roça de banana. Pajé Lourenço Rupe, Cacique Cirilo Rupe e AINSAN Gabriel Rupe na aldeia Fazendinha
- Figura 20.** Manejo do gado na aldeia Fazendinha
- Figura 21.** Reunião na aldeia Fazendinha
- Figura 22.** Produção de artesanato por Maria Ortiz, aldeia Fazendinha
- Figura 23.** Croqui da aldeia Acorizal
- Figura 24.** Reunião com lideranças da aldeia Acorizal
- Figura 25.** Artesanato fabricado por Marcos Vinícius Mendes Turibius
- Figura 26.** Tecelagem fabricada por Marcos Vinícius Mendes Turibius
- Figura 27.** Artesanato fabricado por Benito Tomichá e Rosa Pires Tomichá
- Figura 28.** Altar com santos na moradia de Rosa Pires Tomichá
- Figura 29.** Camisa do time de futebol a Aldeia Acorizal
- Figura 30.** Liderança da Terra Indígena Chiquitano Portal do Encantado Alexandra Mendes Leite (aldeia Acorizal)

- Figura 31.** Liderança da Terra Indígena Chiquitano Portal do Encantado Jurenilda Ramos Paravá Duarte (aldeia Nautukirs Pisiors)
- Figura 32.** Liderança da Terra Indígena Chiquitano Portal do Encantado Sebastiana Jovió (aldeia Paama Mastakama)
- Figura 33.** Liderança da Terra Indígena Chiquitano Portal do Encantado Maria Síria Rupe (aldeia Fazendinha)
- Figura 34.** Mapeamento aldeia Osbi, Nossa Senhora Aparecida
- Figura 35.** Reunião na escola da aldeia Osbi, Nossa Senhora Aparecida
- Figura 36.** Entrevista com o cacique Aurélio e família da aldeia Osbi, Nossa Senhora Aparecida
- Figura 37.** Mapa da comunidade Santa Mônica
- Figura 38a e 38b.** Roça de toco no quintal de Marcos Antônio Vieira e Feliciana Maconho Paz Flores
- Figura 39.** Roda de conversa na comunidade
- Figura 40.** Prática de Apicultura na comunidade Santa Mônica
- Figura 41.** Fruto da canjiquinha ou murici (*Byrsonima verbacifolia*)
- Figura 42.** Reunião com os membros da Associação de Bocaina
- Figura 43.** Caetano Sespede e Josefa Tomichá
- Figura 44.** Trabalho de Entrevista com o músico Caetano Sespede campo
- Figura 45.** Mapeamento do Território de Nova Fortuna
- Figura 46.** Poço
- Figura 47.** Quintal com plantio de banana
- Figura 48.** Anciã Maria Paticu Algaranha falante da língua materna
- Figura 49.** Entrevista com a anciã e liderança da comunidade
- Figura 50.** Rodas de conversa com mulheres de Nova Fortuna
- Figura 51.** Mulheres de Nova Fortuna apresentam os seus trabalhos as famílias e a OPAN
- Figura 52.** Mulheres de Nova Fortuna recebem apoio de maquinas de costura da OPAN
- Figura 53.** Mulher participa de reunião e do grupo de mulheres com os filhos
- Figura 54.** Roda de conversa do grupo de mulheres do Beija Flor
- Figura 55.** Mulheres do Grupo Beija Flor
- Figura 56.** Músicos do Curussé do Grupo Beija Flor
- Figura 57.** Mulher preparando Chicha para o Curussé
- Figura 58.** Mulher preparando o almoço para o Curussé
- Figura 59.** Mulheres do Grupo Beija Flor servindo almoço
- Figura 60.** Mapa de localização do Grupo Beija Flor
- Figura 61.** Mulheres do grupo Beija Flor na capina
- Figura 62.** A comensalidade no trabalho com a roça
- Figura 63.** Produtos da roça do Grupo Beija Flor

Lista de siglas e abreviaturas

ASIN – Agente de Saúde Indígena

AISAN – Agente Indígena de Saneamento

APIC – Associação de Produtores Indígenas Chiquitano

ASN – Associação Semente Nativa (Niorsch Haukina)

ASCHI – Associação Sustentável Chiquitano

CIMI – Comissão Indigenista Missionária

CTA – Centro de Tecnologia Alternativa

CDHDMB – Centro de Direitos Humanos Dom Máximo Biennès

EJA – Educação de jovens e Adultos

FAINDI – Faculdade Indígena Intercultural

FASE – Federação de Assistência Social e Educacional

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

FEPOIMT – Federação dos Povos e Organizações Indígenas de Mato Grosso

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

INDEA – Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso

ICV – Instituto Centro de Vida

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

OPAN – Operação Amazônia Nativa

REM/MT – Subprograma Territórios Indígenas para o Programa de Redução das Emissões do Desmatamento e da Degradação REDD + Early Movers de Mato Grosso.

SEDUC – Secretaria de Educação e Cultura/MT

SESAI – Secretaria Especial de Saúde Indígena

SENAF – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso



1. Apresentação e metodologia

Este relatório tem como objetivo apresentar os resultados do Diagnóstico Socioambiental, Econômico e Cultural realizado junto a dez aldeias e comunidades do povo Chiquitano nos municípios de Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia.

O trabalho está vinculado ao Projeto Apoio ao Povo Chiquitano de Fronteira Brasil e Bolívia no Estado de Mato Grosso (BRA 76414), coordenado pela Operação Amazônia Náutica (OPAN) e financiado pela Manos Unidas. O Projeto está estruturado em três eixos principais: 1º Eixo – Promoção do protagonismo sociocultural de mulheres e jovens; 2º Eixo – Investimento no aumento da segurança alimentar roças, hortas e quintais para produção de alimentos; 3º Eixo – Diagnóstico socioambiental, econômico e cultural. O objetivo é levantar problemas, visualizar desafios e recomendar ações propositivas de transformação por meio de projetos que contribuam na solução de problemas identificados (Projeto OPAN/BRA 76414, p. 1).

As aldeias e as comunidades¹ beneficiárias do Diagnóstico foram eleitas pela equipe da OPAN, a partir de reuniões e diálogos com lideranças e instituições que já atuaram na região: CIMI/MT (Conselho Indigenista Missionário), FUNAI (Fundação Nacional do Índio) UNEMAT (Universidade Estadual do Mato Grosso), UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), CTA (Centro de Tecnologias Alternativas de Pontes e Lacerda) e FASE/MT (Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional) (Projeto BRA 76414, p. 9).

O Diagnóstico foi realizado com lideranças da Terra Indígena Portal do Encantado (aldeias Acorizal, Fazendinha, Nautukirs Pisiorsch e Paama Mastákama); da aldeia Vila Nova Barbecho; das aldeias e comunidades Osbi, Santa Mônica, Bocaina, Nova Fortuna e o Grupo Beija Flor, de Chiquitano não aldeado, em contexto urbano².

1. O termo “aldeia” é uma categoria étnica que localiza as famílias no território, a maioria delas possui termos associados a topônimos na língua indígena. Já o termo “comunidade” está relacionado com o modo de vida coletivo e recebe o nome de um santo cristão. Alguns Chiquitano utilizam o termo aldeia, outros utilizam ambos, aldeia e comunidade.

2. A OCA – Associação Chiquitano Aeroporto de Vila Bela da Santíssima Trindade, presidida por Sebastião Paz, foi consultada sobre o interesse em participar do projeto, mas o seu representante argumentou que havia dificuldade em operacionalizar o trabalho na associação; por isso, não participou.

Vejamos em seguida o quadro com dados populacionais de cada aldeia e comunidade, considerando que as informações foram obtidas pelos caciques e lideranças:

Quadro 1. Dados populacionais na Terra Indígena Portal do Encantado

ALDEIAS	PESSOAS	FAMÍLIAS	HABITAÇÕES
Acorizal	115	115	115
Fazendinha	45	45	45
Nautukirs Pisiors	42	42	42
Paama Mastakama	68	68	68

Fonte: Dados recolhidos a partir do trabalho de campo, 2022.

Quadro 2. Dados populacionais de aldeias/comunidades

ALDEIAS/ COMUNIDADES	PESSOAS	FAMÍLIAS/MORADIAS	MUNICÍPIOS
Bocaina	223	53 famílias	Vila Bela da Santíssima Trindade
Grupo Beija Flor	60	15 famílias	Porto Esperidião
Nova Fortuna	200	65 famílias /70 moradias	Vila Bela da Santíssima Trindade
Osbi	360	75 famílias	Vila Bela da Santíssima Trindade
Santa Mônica	Mais de 600	90 famílias	Vila Bela da Santíssima Trindade
Vila Nova Barbecho	86 pessoas	25 famílias/23 habitações	Porto Esperidião

Fonte: Dados recolhidos do trabalho de campo com caciques e lideranças das aldeias, 2022 e 2023.

A metodologia do diagnóstico foi participativa e realizada por meio de reuniões ampliadas, rodas de conversa, entrevistas com questões abertas e registros das histórias de vida e linhas do tempo. Ao todo foram realizadas duas viagens a campo e cada uma com a duração de dez dias: a primeira, entre os dias 19 de novembro a 01 de dezembro de 2022, e a segunda entre os dias 22 de fevereiro a 10 de março de 2023.

As reuniões ampliadas permitiram a discussão dos objetivos e a execução do projeto, bem como o levantamento de problemas a serem superados e encaminhados como demandas à OPAN. Além de identificar problemas e interesses locais, foi possível registrar relatos sobre diferentes pontos de vista das famílias em relação aos impactos no entorno das aldeias e comunidades, projetos em andamento e projetos futuros. As rodas de conversa com os grupos familiares levantaram os problemas enfrentados na comunidade e possibilitaram entrevistas com questões abertas com caciques, lideranças e anciões³. As entrevistas privilegiaram também os representantes das principais instituições parceiras em projetos junto aos Chiquitano, dentre elas a FEPOIMT, o ICV e o CTA.

Os temas das entrevistas priorizaram a produção na roça, as atividades comerciais, a disponibilidade e o acesso aos recursos naturais fundamentais para a subsistência, além de dados sobre número de pessoas nas aldeias, adoecimentos, atividades nas escolas, trabalho e geração de renda, associativismo e manejo do gado, entre outras atividades econômicas. Isso favoreceu a obtenção de dados quantitativos, mas predominantemente qualitativos.

Por fim, a linha do tempo, cujo procedimento permitiu o registro de narrativas históricas através de cronologias e acontecimentos, especialmente dos anciões, possibilitou obter fragmentos da memória oral, da história das famílias e suas lutas pela demarcação do território. Além disso, os dados do mapeamento participativo das aldeias foram obtidos do Boletim Território Chiquitano nº11: Identidade Chiquitano – Luta pelo Direito ao Território do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia⁴.

As imagens fotográficas do trabalho de campo foram obtidas por meio do registro de Paulo Luís Eberhardt (OPAN), Marcos Vinícius Mendes Turíbius (aldeia Acorizal), Francelina Chué Poquiviqui (Grupo Beija Flor de mulheres não aldeadas) e Roselino Paravá Ramos (Aldeia Nautukirs Pisiors da TI Portal do Encantado).

O Diagnóstico foi realizado junto às famílias que assumem a identidade Chiquitano e que concordaram em participar do projeto, após a consulta e esclarecimento prévio sobre as ações. Nas aldeias e comunidades, há pessoas que não assumem a identidade étnica, mesmo que estejam vinculadas entre si por relações de parentesco, compadrio ou por regras ceremoniais.

As informações recolhidas no diagnóstico foram registradas em cadernos de campo e, posteriormente, sistematizadas em dois relatórios que subsidiaram o relatório final.

3. Em muitos parágrafos, os mais velhos serão identificados como “ancião”/“anciã”, com o objetivo de manter a classificação e diferenciação para a sabedoria, no sentido de esses indivíduos são aqueles que devem primeiro falar e ser ouvidos.

4. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Boletim Informativo n. 11. Identidade Chiquitana. Luta pelo Direito ao Território. Megaprojetos em implementação na Amazônia e impactos na sociedade e na natureza. PNCSA/PPGCSPA-UEMA (Set. 2022). Pesquisa: Antônio João Castrilón Fernández e lideranças Chiquitano.

Figura 3. Linhas do tempo com anciãos Nicolau Urupe Jovió e Clemêncio Muquissai Urupe



Fonte: Trabalho de campo, registro de Paulo Luís Eberhardt 19/11/2023.

Figura 4. Reunião com mulheres do Grupo Beija Flor



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 9/03/2023.

Nossos principais interlocutores na primeira viagem a campo, entre 19 de novembro a 01 de dezembro de 2022, foram:

1. Aldeia Vila Nova Barbecho, Porto Esperidião

- » Nicolau Urupe Joviô – Ancião da aldeia, músico e falante da língua chiquitano
- » Clemência Muquissai Urupe – Anciã e falante da língua chiquitano
- » Fernandes Soares Muquissai – Cacique da aldeia
- » Elizabete Tossué Soares – Curandeira, esposa do cacique, falante da língua chiquitano
- » Saturnina Urupe Chuê – Diretora da Escola, liderança na aldeia
- » Elena Laura Chuê – liderança religiosa e ministra da igreja católica
- » Cleide Muquissai Chuê – Agente de saúde da aldeia
- » Edmundo Edmundo Urupe Chue – Professor da Escola José Turíbio
- » Belani Tatiane Urup Tossué – Técnica Administrativa da Escola José Turíbio

2. Aldeia Nautukirs Pisiors - Terra Indígena Portal do Encantado

- » Vitor Ronaldo Gomes da Rocha – Cacique da aldeia
- » Sebastiana Mendes da Rocha – Presidente da Associação Sustentável Chiquitano
- » José Mendes – Ancião da aldeia

3. Aldeia Paama Mastakama - Terra Indígena Portal do Encantado

4. Sebastiana Saboré Joviú – Filha de Teresa Surubi Saboré

- » Alisson Mendes Urub – Agente de saúde indígena
- » Elenir de Arruda Espinosa – Membro fiscal da Associação Sustentável Chiquitano

5. Aldeia Acorizal - Terra Indígena Portal do Encantado

- » José Arruda Mendes – Cacique e diretor da Escola Indígena Chiquitano
- » Marcos Vinícius Mendes Turíbius – Artesão e liderança na Associação
- » José Surubi Salvaterra – vice-cacique da aldeia Acorizal
- » Genilson Kiry (Umutina e professor)

6. Aldeia Fazendinha – Terra Indígena Portal do Encantado

- » Cirilo Gabriel Rupe – Cacique da aldeia
- » Maria Cleonice Rup – Membro da Associação APIC
- » Maria Síria Rupê – Membro da Associação e professora da Escola Indígena Chiquitano
- » Lourenço Ramos Rupe – Ancião e pajé da aldeia
- » Maria Graziele Surubi Peteá – Presidente da Associação APIC

7. Santa Mônica, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » Feliciana Maconho Paz Flores – Liderança Chiquitano, professora da Escola Municipal
- » Antônia Maconho Tomichá – Anciã da Santa Mônica
- » Gislaine Maconho Paz Flores – Apicultora em Santa Mônica
- » Poliana A. Justiniano – Moradora de Santa Mônica
- » Antônio Carlos Maconho Paz – Morador de Santa Mônica
- » Sueli Antônia Maconho Costa – Moradora de Santa Mônica
- » Fabrício Justiniano Paz – Morador de Santa Mônica (Membro do grupo familiar Paz Flores)

8. Osbi, Nossa Senhora Aparecida, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » Aurélio Rodrigues – Cacique da adeia Osbi
- » Laucindo Costa Leite Mendes – Profº da escola indígena da Osbi
- » Adelaide Aparecida Chuê Urupe – Profª da escola indígena da Osbi
- » Shirley Rodrigues – Liderança jovem e neta do cacique da Osbi

9. Nova Fortuna, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » José Odilo Cambará – Cacique da Nova Fortuna
- » Miguel Parabá – Ancião, curandeiro e membro da igreja Assembléia de Deus
- » Elizene Poiché Parabá – Coordenadora do grupo de mulheres costureiras
- » Maria Aparecida Paticú Algaranha Lino – Anciã e falante da língua chiquitano
- » Merchora Urtado Pedrassa – Anciã oriunda da comunidade Esperancita

10. Bocaina, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » Carlos Ley Vaka Javanu – Presidente da Associação da Bocaina
- » Cecília Santan Pachuri – Professora da escola e membra da diretoria da Associação N. S. Aparecida

- » Caetano Sespede – Ancião e músico de Bocaina

11. Grupo Beija Flor, Porto Esperidião

- » Francelina Chué Poquiviqui – Liderança e coordenadora do Grupo Beija Flor
- » Francisca Macoño Chué – Integrante do grupo Beija Flor
- » Angelina Chué Poquiviqui – Anciã e integrante do grupo Beija Flor
- » Josefina Urupe Massavi – Integrante do grupo Beija Flor
- » Maria Gracie Urupe Massavi – Integrante do grupo Beija Flor
- » Franciele de Paula Lima – Integrante do grupo Beija Flor
- » Maria Eugênia Parabá – Integrante do grupo Beija Flor

Nossos interlocutores Chiquitano na segunda viagem a campo, entre 22 de fevereiro a 10 de março de 2023, foram:

- » Aldeia Vila Nova Barbecho, Porto Esperidião
- » Fernandes Soares Muquissai – Cacique da aldeia
- » Elizabete Tossué Soares – Curandeira e esposa do Cacique
- » Saturnina Urupe Chuê – Diretora da Escola Indígena José Turíbio
- » Edmundo Urupe Chue Muquissai – Professor da Escola Indígena José Turíbio
- » Belani Tatiane Urup Tossué – Apoio técnico administrativo da Escola Indígena José Turíbio
- » Gonçalo Arildo Muquiçai Chuê – Professor da área de linguagem da Escola Indígena José Turíbio
- » Elimara Tossuê Soares – Professora da Escola Municipal Dona Lila Hill de Souza, Vila Picada, Porto Esperidião
- » Pedro Célio Tossuê Soares – Professor na Escola Municipal Dona Lila Hill de Souza, Vila Picada, Porto Esperidião.
- » Renildo Muquiçai Chuê – AISAN da Aldeia
- » Luciana Leite Espinosa – Artesã da aldeia

12. Aldeia Nautukirs Pisiors, Terra Indígena Portal do Encantado, Porto Esperidião

- » Vitor Ronaldo Gomes da Rocha – Cacique da aldeia Nautukirs Pisiors e AISAN
- » Sebastiana Mendes da Rocha – Presidente da ASCHI – Associação Sustentável Chiquitano
- » e esposa do cacique

- » Roselino Paravá Ramos – Técnico de Enfermagem do posto de saúde da Terra Indígena
- » José Ramos Paravá – Vice-presidente da aldeia e curandeiro
- » Maria Catarina Mendes – Agente de saúde da aldeia e artesã
- » Jurenilda Ramos Paravá – Liderança e Integrante do Grupo de Mulheres da Terra Indígena

13. Aldeia Paama Mastakama, Terra Indígena Portal do Encantado, Porto Esperidião

- » Mariano Cesário Lopes Joviu – Cacique da aldeia

14. Aldeia Acorizal, Terra Indígena Portal do Encantado , Porto Esperidião

- » Cacique José Arruda Mendes – Cacique da aldeia
- » Marcos Vinícius Mendes Turíbius – Membro da diretoria da Associação e artesão
- » Alexandra Mendes Leite – Integra a diretoria da ASN – Associação Semente Nativa (Niors Haukina), liderança do grupo de mulheres da TI Portal do Encantado
- » Benedito Santana Silva (Santão) – liderança e professora, membro da diretoria da Associação
- » Odir Tomichá – AISAN, cuidador do gado e membro da diretoria da Associação
- » Rosa Pires Tomichá – Artesã da aldeia
- » Benito Tomichá – Artesão da aldeia

15. Aldeia Fazendinha, Terra Indígena Portal do Encantado

- » Cirilo Gabriel Rupe – Cacique da aldeia
- » Gabriel Rupe – AISAN da aldeia
- » Maria Cleonice Rup – Esposa do cacique e membro da Associação APIC
- » Lourenço Ramos Rupe – Curandeiro e ancião da aldeia
- » Maria Síria Rupe – Professora da Escola Indígena Chiquitano
- » Maria Auxiliadora Rupe – Sovadeira (massagem de cura) e benzedeira
- » Tereza Rupe – Anciã da aldeia
- » Maria Aparecida Ortiz Penha – Artesã e costureira da aldeia
- » Luiz Surubi – Caçador de subsistência e vice-cacique da aldeia

16. Comunidade Santa Mônica, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » Feliciana Maconho Paz Flores – Liderança e professora da escola municipal não indígena

- » Gislaine Maconho Paz Flores – Apicultora em Santa Mônica
- » *Feliciano Maconho Paz – Agente de saúde
- » *Rafael Tapanaché – Ancião

17. Aldeia Osbi, comunidade Nossa Senhora Aparecida, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » Aurélio Poiché Rodrigues – Cacique da Osbi
- » Pascoal Tomichá – Vice-cacique da Osbi
- » Profº Laucindo Costa Leite Mendes – Professor da escola indígena da Osbi
- » Profª Adelaide Aparecida Chuê Urupe – Professora da escola indígena da Osbi
- » Shirley Rodrigues – Liderança jovem na Osbi
- » *João Santana Lopes Rocha – Agente de saúde de N. S. Aparecida

18. Nova Fortuna, comunidade São Francisco, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » José Odilo Cambará – Cacique da Nova Fortuna
- » Miguel Paravá – Ancião e religioso da Igreja Assembléia de Deus
- » *Merchora Urtado Pedrassa – Anciã e oriunda de Esperancita
- » *Marlene Nunes Doria dos Santos – Coordenadora da Escola Municipal Nova Fortuna
- » Carmem Elizene Poiché Paravá – Integrante do grupo de mulheres de costureira da Nova Fortuna
- » * Márcia –Técnica de Saúde
- » *Vicente Matucari– Agente de Saúde
- » *René da Silva – Cuidador da água
- » Elenir Cebalho – Coordenadora do grupo de mulheres da Nova Fortuna e liderança na igreja católica
- » Félix Lino – antigo morador e participante do movimento que lutou para a permanência na terra.

19. Bocaina, comunidade Nossa Senhora Aparecida, Vila Bela da Santíssima Trindade

- » Cacique Carlos Ley Vaka Javanu – Presidente da Associação de Bocaina
- » Cecília Santan Pachuri – Membro da Associação e liderança da igreja católica
- » Dauranilce Miranda Pachuri – Agente de saúde e integrante da Associação de Bocaina
- » Marino Pachuri – Ancião, músico e primeiro morador de Bocaina
- » Inocêncio Albuquerque Bispo de Oliveira – Coordenadora da escola municipal Monteiro Lobato e professora

20. Grupo Beija Flor, sede urbana de Porto Esperidião

- » Francelina Chué Poquiviqui – Liderança e integrante do grupo Beija Flor
- » Angelina Chué Poquiviqui – Anciã e integrante do Grupo Beija Flor
- » Josefina Urupe Massavi – Anciã e integrante do Grupo Beija Flor
- » Agnaldo Miquissai – Representante do Sindicato de Trabalhadores Rural de Porto Esperidião

San Nicolas del Cerrito

- » *Ezequiel Algarenha – Moradora local
- » *Paula Pachuri – Morador local

Sítio Dois Corações

- » *Carmelo Garcia, Cacá – Morador local
- » *Bárbara Massai – Morador local

* Não se autoidentificam como Chiquitano.





2. Introdução: Uma breve aproximação do povo Chiquitano no Brasil

O povo Chiquitano estudado neste Diagnóstico ocupa os dois lados da fronteira Brasil-Bolívia⁵. No que diz respeito à localidade, as famílias estão circunscritas à região Sudoeste do Estado de Mato Grosso, nos municípios de Cáceres, Porto Esperidião, Pontes e Lacerda e Vila Bela da Santíssima Trindade. A maioria no Brasil fala o português e faz uso do espanhol (a castilha), somente os velhos, chamados de anciãos, falam a língua isolada chiquitano, nomeada pelas famílias de *linguará* e *añenho*⁶.

De acordo com a literatura histórica, o termo “chiquito”⁷ foi empregado em 1561 pelos primeiros espanhóis, como tradução de uma palavra guarani. No século XVI, o termo *tauacícoçis* [tovasicocis] foi utilizado por um jesuíta, que supunha se tratar de pessoas que possuíam casas e portas muito pequenas, sendo necessário adentrá-las somente abaixado. Outra classificação seria a dos Chiriguano, que os chamavam *tapiomiri* [tapuy-miri, tapii miri], ou “escravos de casas pequenas”, mas os espanhóis teriam abreviado para chiquitos (Combès, 2010, p. 128; Falkingler e Charupá, 2012, p. 9).

O termo “chiquitano” passou a ser adotado para designar os diferentes povos étnicos reunidos entre 1691 e 1767 na Missão Jesuíta de Chiquito⁸. Ao todo foram mais de 75 grupos, pertencentes a três famílias linguísticas (chiquito, aruak, otuke)⁹, distribuídas por dez aldeamentos, onde o chiquito foi adotado como língua geral para tradução da Bíblia, de dicionários, de textos litúrgicos, de rezas e de rituais cristãos, a fim de serem utilizados pelos missionários na catequese (Riester, 1967, Tomichá 2012, p. 261-273). Segundo Isabelle Combès (2008, p. 24), os religiosos introduziram os seus próprios métodos nas missões; contudo, a “chiquitanización”, embora incipiente, já existia antes mesmo da chegada dos jesuítas, e as ações dos missionários apenas aceleraram o processo de uma hegemonia chiquitano na região.

Após a expulsão dos jesuítas, em 1767, os Chiquitano que não voltaram à vida independente passaram a ser escravizados no regime de “encomiendas”, pois legalmente, na América espanhola, os índios não eram livres, mas pertenciam a um fazendeiro, sendo incorporados como força de trabalho e vítimas de maus-tratos, especialmente por fazendeiros (Silva, 2001-2002, p. 190).

Na metade do século XIX os limites que delimitaram o Brasil e a Bolívia foram acordados com a

5. Os Chiquitano ocupam as terras situadas desde o sul da linha férrea de Santa Cruz de la Sierra – Corumbá (Mato Grosso do Sul); ao norte, pelo rio Itenez (ou Guaporé no Brasil); a oeste, pelo rio Grande; a leste, pela fronteira com o Brasil (Mato Grosso). A paisagem corresponde a uma zona de transição entre áreas semiáridas e pampas do Gran Chaco e, ainda, áreas úmidas da floresta tropical Amazônica, com épocas secas e chuvosas bem definidas (Riester, 1976, p. 121)

6. No ano de 1998, após a Convenção do Alfabeto Chiquitano em San Ignácio, decidiu-se que o nome da língua na Bolívia seria *besüro* ou *bésiro*.

7. Sobre as diferenças entre os termos Chiquito e Chiquitano, Martínez (2015; 169-186).

8. Os dez aldeamentos na Missão Jesuítica reuniram diferentes etnias: San Xavier (Chiquitos, 946 pessoas); Concepción (Quitemocas, Paíconeas e Chiquitos, 2.249 pessoas); San Miguel (Pequicas, Saracas, Parahacas, Guazorochs, Gazoras, Guarayos, 2.510 pessoas); Santa Ana (Chiquitos, Guazarocas, Curuminaca, Covarecas, Saravecas, 789 pessoas); San Ignácio (Chiquitos, 2.934 pessoas); San Rafael (Chiquitos, Curucanecas, Carabecas, Huatacisís, 1.049 pessoas); San José (Chiquitos, 1.910 pessoas); San Juan (Boros, Penotos, Taus, Morotocos, 879 pessoas); Santiago (Chiquitos, Guarañocas, Tapiis, 1.234 pessoas); Santo Corazón (Samucos, Otukes, Curaves, Potureros, 805 pessoas). D'Orbigny (1839).

9. Família Chiquito (Tao, Pinoco, Manasi e Panoqui); Família Aruak (Saraveka, Paikoneca, Chané); Família Otuke (Otuke, Kovareka, kuruminaka).

assinatura do Tratado de Ayacucho de 1867 e, posteriormente, ela foi ampliada e renegociada por meio do Tratado de Petrópolis de 1903. Sua extensão atingiu 3.423,2 km, destes, 751 km por linha seca e 2.672 km por rios, lagos e canais, possuindo 438 marcos demarcatórios (Xavier, 2006, p. 24).

A história do tempo presente do povo Chiquitano no Brasil é marcada por intervenções territoriais. O Exército fixou destacamentos militares, ao longo da fronteira, desde a década de 1940, muitos deles em locais onde já existiam aldeamentos indígenas. As famílias Chiquitano que habitavam as terras consideradas pertencentes ao Exército foram relacionadas como permissionárias e submetidas às regras e restrições quanto ao uso e ocupação do solo (Moreira da Costa 2002, p. 69). Na década de 1960, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), por meio da regularização de títulos para grandes proprietários de terras no Mato Grosso, desalojou muitas famílias chiquitano. Segundo Bandeira (1988, p. 275), aqueles que obtiveram o título provisório emitido pelo governo conservaram a possibilidade de legalizar o direito à propriedade privada; os que trabalhavam em sítios ou desenvolviam agricultura itinerante em terras comunitárias começaram a ser expulsos desde 1950, e separados dos meios de produção pela repressão.

Os Chiquitano foram classificados de “posseiros” e as terras não distribuídas aos fazendeiros destinaram-se à formação de assentamentos, através do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. Desse modo, logo que os fazendeiros chegavam à região, percebiam que os Chiquitano não tinham as escrituras de suas terras registradas em cartório, instalavam-se nas terras e as requeriam, incorporavam-nas como sua propriedade, colocando os marcos de divisa nas terras tradicionalmente ocupadas, identificadas oficialmente como “terras de bugres ou devolutas” (Silva, 2004; Pacini, 2012, p. 281).

Desde esse período, as famílias dividem os seus territórios com destacamentos militares, agropecuárias e propriedades particulares, que também as empregavam nas atividades de construção de cercas, manejo do gado, cultivo de seringais, piscicultura e preparação de alimentos para trabalhadores. A condição atual vivida pelos Chiquitano é de extrema vulnerabilidade; os diferentes estudos no Brasil afirmam diversos problemas enfrentados por essa sociedade, sendo eles: a ameaça de extinção da língua, a situação fundiária adversa e insegura em sítios, posses não regularizadas, bairros periféricos, assentamentos de reforma agrária, beiras de estradas, acarretando processos de desterritorialização, vínculos de trabalho fora das comunidades, em fazendas e casas de particulares e migrações para as cidades.

Os constantes deslocamentos e a desterritorialização produziram transformações e variabilidade nas formas de organização social, com influências culturais diversas, as quais lhes permitiram incorporar situações demográficas, ambientais e de alteridade nos locais para onde migraram.

A Terra Indígena Portal do Encantado é o único território que está Declarado pela Portaria nº 2.219, de 31/12/2010, como posse permanente de 43 mil hectares e perímetro de 121 km, localizada nos municípios de Pontes e Lacerda, Porto Esperidião e Vila Bela da Santíssima Trindade, na fronteira Mato Grosso/Bolívia.

Nas comunidades Osbi, Santa Mônica, Bocaina, Nova Fortuna e Aeroporto/Vila Bela da Santíssima Trindade, apenas uma parte das famílias se declara Chiquitano e reivindica o direito ao território tradicional. Na aldeia Vila Nova Barbecho, as famílias se autoidentificam como Chiquitano, vivem sub judice na terra e reivindicam a criação de um grupo de trabalho para identificação e demarcação do território. Há, ainda, famílias em contexto urbano, como as mulheres do grupo Beija Flor, que reivindicam direitos à moradia, água e alimentação de qualidade, o reconhecimento étnico e apoio em suas festas tradicionais.

A autoidentificação de pertencimento ao povo Chiquitano não é consenso nas aldeias e comunidades no Mato Grosso. Algumas pessoas se sentirão insultadas ao serem chamadas por esse etnônimo, fato que pode ocorrer até mesmo entre membros de famílias aparentadas e que compartilham mitos e rituais. A

recusa à identidade étnica está relacionada com a dinâmica da vida na fronteira, que os teria associado a “estrangeiros”, “traficantes de drogas”, “ladrões de caminhões”, “ignorantes” e, por esta razão, fariam opção pelo silêncio, calando sua língua, seus rituais, buscando proteção através de sua invisibilidade (Silva, 2008, p. 14). Soma-se a tudo isso, a pressão de fazendeiros que também os empregam e são contrários a “autorrepresentação indígena” porque lhes garante o direito ao território tradicional (Pacini, 2012, p. 72).

Em meio aos preconceitos, ameaças e violências, muitos Chiquitano assumiram sua identidade étnica, lutam pela demarcação do território e pelos direitos de serem reconhecidos como povos originários, fortalecendo as lutas do movimento indígena e o seu protagonismo e participação política.

Moradia, terreiro, quintal e roça

Nas diferentes aldeias e comunidades na fronteira, as famílias manejam unidades produtivas importantes para a sua subsistência denominadas terreiro, quintal e roça. A maioria das moradias chiquitano é feita com a madeira guatambu (*Aspidosperma parvifolium*) e aroeira (*Astronium urundeuva*), cobertas com folhas de indaiá (*Attalea dubia*), uma palmeira rasteira que, após ser trançada, é amarrada com cordas de tucum em taquaras dispostas sobre o teto; e serve ainda para delinear as paredes, preenchidas com barro coletado na própria região. Entretanto, muitas moradias foram alteradas, ou até transformadas, com paredes de alvenaria, telhado de cerâmica ou fibrocimento, por motivo que variam desde a restrição quanto ao uso, porque se encontram dentro das fazendas, ou pela escassez da matéria prima na região.

O terreiro é a unidade produtiva circunscrita ao entorno da moradia e mantido sempre limpo como estratégia de proteção contra insetos, animais peçonhentos e serpentes. Nesses espaços são mantidos os cães e as aves domésticas, como galinhas, angolas e patos, que podem ciscar o chão e empoleirar nas árvores baixas e frutíferas que se distribuem por esse ambiente. Há espécies alimentícias como a pimenta, o açafrão, a cebolinha e a hortelã, cultivadas em latas que permanecem no chão, ou próximas da cozinha; além disso, plantas ornamentais combinadas com as medicinais, cujos cuidados são de responsabilidade da mulher.

As frutíferas de maior interesse das famílias são as mangueiras, as laranjeiras, as goiabeiras, as acerolas, os limoeiros, as ateiras e, em alguns núcleos domésticos, a planta vassoura, utilizada para varrer e limpar o chão. O fumo é cultivado ao redor da moradia contra seres (espíritos) não humanos e maléficos que provocam doenças. Esta espécie é encontrada principalmente nas moradias de curandeiros (as).

No espaço do terreiro, são construídas diferentes habitações que servem para armazenar ferramentas, lavar e secar roupas durante as chuvas. Estruturas de palha e madeira são erguidas para servir aos banhos, e os jirau para lavar utensílios da cozinha. Há varais de arame sustentado por estacas, onde as roupas são penduradas para secar com o vento e o calor do sol; além disso, há tambores de fibra para armazenar água. Os pilões são fixados embaixo de uma habitação para garantir a segurança no trabalho de socar cereais da roça e, ainda, para moer a mandioca e/ou o milho e fabricar a chicha.

O *quintal* ou *quintalzinho* é a unidade produtiva localizada no entorno do terreiro e manejado para subsistência da família. O trabalho de limpeza, plantio e controle de pássaros invasores e pragas é realizado pela mulher e pelos filhos. É uma unidade importante para a segurança alimentar da família, pois os cultivos de mandioca, banana, cana-de-açúcar, abóbora, melancia, milho, batata-doce estão relacionadas com o consumo alimentar. Observa-se que os cultivos são em menor quantidade, porém em maior diversidade.

Portanto, os quintais são espaços privilegiados para as pequenas roças que são chamadas “roças de

quintal” e se organizam na transição entre o terreiro e a roça e, de certo modo, permitem a relação entre essas duas unidades produtivas. Atualmente, as roças de quintal têm sido a principal forma de manejo das aldeias e comunidades chiquitano, devido ao aumento do domínio de fazendas e outros empreendimentos agrícolas no entorno dos territórios, restringindo o uso social da biodiversidade e o manejo das roças.

A roça é a unidade produtiva mais distante da moradia, do terreiro e do quintal, mas é integrada com o sistema e o conhecimento agrícola chiquitano. É a maior área da unidade produtiva destinada ao manejo de diferentes espécies como mandioca, banana, milho, arroz, feijão, arroz, cana-de-açúcar, abóbora, amendoim e algodão. As roças dos anciões eram feitas a dois quilômetros de distância da moradia; no entanto houve transformações territoriais, formação de novas aldeias e redução de famílias e pessoas envolvidas no trabalho com a roça.

Nos dias de hoje, as roças são manejadas próximas das moradias, condição que favorece o controle dos animais de caça como a queixada, o cateto, o tatu, as cutias que atacam os cultivos e, portanto, exige das famílias estratégias de dispersão. As aves, como papagaios e mutum, assentam nas roças pela manhã e no final da tarde, sendo necessário espantá-las para que não destruam as mudas jovens em crescimento. Há práticas tradicionais, como lançar pedras com o instrumento chamado de funda, estratégias de cercamento de roças com telas ou pau a pique, caçadas de animais como fonte de subsistência, além do uso de instrumentos sonoros ou choques para assustá-los.

A maioria das roças exige o preparo da terra com maquinário e gradeação. A “roça de toco” ainda é manejada, mas por poucas famílias e os relatos dos anciões descrevem que esse trabalho ocorre em forma de mutirão, para o preparo da terra, da capina, da derrubada, da limpeza e do plantio.

Atualmente, a terra está sendo gradeada mais de uma vez com o trator para atingir a limpeza adequada. A mudança no manejo de roça de toco para roça gradeada tem crescido, e algumas famílias avaliam que, por esse motivo, houve um aumento de pragas nas roças, que a terra está mais ressecada e que o capim tem aparecimento de forma expressiva; consideram que “a semente vem na grade do trator”. Além disso, um indicador importante é que “cachos de bananas eram maiores na roça de toco, diferente de bananas cultivadas em roças gradeadas. Na roça mecanizada a planta se mantém por apenas três anos na terra, enquanto que na roça de toco por até seis anos” (José Ramos Paravá, aldeia Nautukirs Pisiors, 08/03/2023).



Organização Social Chiquitano

O padrão de assentamento chiquitano está baseado na organização de grupos de irmãos com filiação e residência em um mesmo território (Alarcón 2001, p. 337). Após alguns anos de ocupação, o estabelecimento passa a basear-se em parentelas, com formação de comunidade por meio de duas ou três famílias originais, cujos filhos casam-se e multiplicam a descendência, relacionadas aos ancestrais comuns. De modo geral, o que se verifica é a organização socioespacial chiquitano formada por um grupo de irmãos consanguíneos ou parentes agnáticos.

A unidade socioespacial doméstica nas aldeias é constituída pelas moradias, o terreiro e a roça. Cada moradia abriga um grupo doméstico formado a partir de uma relação de casamento, sendo comum morar junto com os pais as filhas solteiras com os filhos (dela), ou apenas os netos e afilhados. Em geral, as moradias mais próximas são ocupadas por pessoas parentadas, tendo como vínculo a relação entre sogros e genros, mães e filhas, constituindo um grupo familiar (Bortoletto, 2007, p. 124).

As pessoas portadoras dos mesmos sobrenomes chiquitano são classificadas de parentes. Os casamentos entre parentes até a terceira geração são proibidos por serem compreendidos como incestuosos. O casamento entre pessoas referenciadas pelos termos compadre e comadre, ou entre filhos de compadres e comadres, é também desaprovado. Isto porque o compadrio é uma relação que formaliza o “parentesco ritual” entre as famílias envolvidas, cria vínculos, regras e termos de classificação: o padrinho é como pai, a madrinha como mãe e o afilhado como filho cujo parentesco se estende aos demais membros das famílias envolvidas, pois estariam relacionadas entre si. Se essa regra for transgredida, será motivo de imensa vergonha. Portanto, os compadres e as comadres tornam-se irmã e irmão um do outro e os seus filhos, primos (Silva, 2015).

Os sobrenomes indígenas prescrevem escolhas para casamentos, vida ceremonial e critérios para o curandeirismo (Silva, 2015, p. 100). Ao longo da fronteira entre Brasil-Bolívia, ressaltam os sobrenomes: Massavi, Tomichá, Manacá, Poché, Rodrigues, Poquiviviqui, Matata, Surubi, Pedrassa, entre outros,

De acordo com Bortoletto (2007, p. 149-151), muitos casamentos chiquitano ocorrem com trabalhadores de fazendas ou moradores de assentamentos de reforma agrária, ou seja, não índios ou “estrangeiros” de municípios vizinhos, que vieram sozinhos ou com os pais para trabalhar nas fazendas. A antropóloga considerou que os casamentos com os “homens de fora” resultam em maior vulnerabilidade, pois encontrou mulheres separadas morando com os pais e outras casadas pela segunda vez. Os casamentos com “homens pobres”, distintos dos patrões, eram mais comuns, e aqueles com “homens ricos” eram desaprovados¹⁰.

O compadrio ocupa posição privilegiada na organização social e cosmológica chiquitano, podendo ocorrer em diferentes contextos e por meio de acordos entre as partes interessadas. Há diferentes tipos de compadrio para diferentes tipos de relações, entre eles o compadrio de batismo de criança, de casa, de boneca, de aposta, de fogueira, de casamento, de respeito. Contudo, a principal regra é o “respeito” mútuo. O compadrio propõe a fabricação da alteridade, a produção do parentesco e a interdição de certas práticas entre os Chiquitano. A relação de compadrio não termina com a morte; mesmo após a morte todos continuam sendo compadres (Silva, 2017, p. 611).

10. Verone C. Silva (2022, p. 561-578) analisou a concepção do que seria pobre e rico na perspectiva Chiquitano.

Chefias e Cacicado

As aldeias e as comunidades estão organizadas a partir de um sistema de cacicado cujas chefias são reconhecidas como autoridades que ocupam a posição política e ceremonial a partir da linha geracional, na qual os mais velhos detêm mais autoridade que os jovens e os homens mais que as mulheres. Os póoma (ancião) e pökupósuma (anciã) são conhcedores das regras nativas e dos mitos, falantes da língua materna e responsáveis pelas cerimônias e aconselhamento das famílias diante de algum problema. O ancião detém a autoridade por meio da palavra, ele deve falar e ser ouvido.

O primeiro cacique é o representante político da aldeia, coordena e realiza reuniões para tomada de decisões e dialoga com instituições indigenistas fora da aldeia como a FUNAI. O segundo cacique é aquele que deve cumprir as orientações atribuídas pelo primeiro cacique e o apoia. Os músicos são autoridades para o sopro e instrumentos musicais, função delegada aos homens, cabendo às mulheres entoar versos cantados.

A chefia religiosa atua em cerimônias, festas, pastorais da religião católica e, atualmente esta posição tem sido exercida em sua maioria por mulheres. O curandeirismo é uma prática exercida por homens e mulheres com capacidade declarada para a cura, mas poderá ser reconhecido por membros do grupo familiar como feitiçaria. Em uma família, pode haver vários curandeiros que se dividem nas tarefas xamânicas, para enfermidades de crianças, como parteiro, ou em localizar e retirar feitiços malévolos.

As doenças são compreendidas como consequências de um mal trazido de fora, que se apodera do corpo e pode levar à morte. Contudo, esse mal pode ser localizado e erradicado pelo curandeiro (a). Além disso, o xamanismo tem implicações decisivas nos modos de relação familiares e produz rivalidades, intervém na vida cotidiana e nas tomadas de decisões pelos membros de uma aldeia (Riester 1976, p. 156). Outras especialidades de cura são de benzedeiras, parteiras (as) e sovadeira, que realizam prática da massagem.

Os curandeiros chiquitano possuem uma quantidade importante de santos com diferentes “especialidades mágicas”. Junto a essas entidades, há sempre velas, água, registros escritos de rezas, rosários, bíblia e flores. Os rituais acontecem por meio de invocações, rezas e cantos direcionados a cada um em particular, na intenção de obter proteção, cura ou retirada de algum mal provocado por outrem, inclusive com o auxílio de outros santos (Silva, 2015, p. 84).

A “inimizade” é uma relação que, na maioria dos casos, tem sido observada entre pessoas que estariam direta ou indiretamente relacionadas através de práticas de curandeirismo. Uma das estratégias para o controle das rivalidades é o casamento entre membros de famílias as quais pertenceriam os curandeiros (Riester, 1976). Ou ainda, criar relações de compadrio (Silva, 2015).

Concepção de donos, hichis e encantados

Os Chiquitano concebem o mundo povoado por seres humanos e não humanos vinculados a donos específicos por meio dos quais estabelecem o seu pertencimento. Esta compreensão foi aprofundada por Riester (2008) que descreve sobre os hichis, “espíritos que teriam domínios específicos”: hichi-iúrsch (sobre a mata), hichikaársch (sobre as pedras), hichi-tuuírsch (sobre a água), hichi-shoés (sobre a planície), os frutos do campo (sobre toírsch) e hichi-henaschírsch-tí (sobre os animais). Os humanos devem cuidar e respeitar esses seres, pois, se não o fizerem, as consequências podem ser tanto enfermidades, como a própria morte.

De acordo com o antropólogo, os donos desses ambientes estabelecem o uso regulado dos recursos sobre os quais teriam domínio e reagem diante de uma ação que tente violar ou extrapolar o acesso a eles. Nesse mesmo entendimento, os encantados são seres que teriam sido transformados pelos hichis, por desobediência a alguma regra social e viveriam em lugares análogos aos dos humanos, com cidades povoadas à semelhança do mundo dos vivos e que possuem “donos”, mas uma cidade pode ser um rio, uma concha, uma pedra, um buraco a depender da perspectiva. O encontro com os seres encantados poderá transformar a pessoa em outra, fazê-la desaparecer, ser arrastada para o mundo encantado ou adoecê-la. O Carnaval, assim como o dia de Finados e a Sexta-Feira Santa, tem como regra que todos permaneçam juntos porque a solidão é condição para o encontro indesejado com seres não humanos.

As festas, o Carnaval (o Curussé)

Em cada aldeia há um santo padroeiro que “nomeia” a comunidade e a “protege”. Geralmente, o santo, para quem as famílias realizam uma festa em sua homenagem, vive dentro de uma capela construída em uma área central da aldeia

As festas patronais são muito importantes e presentes nas aldeias e comunidades, pois possibilitam relação com o sagrado, encontros entre as famílias e parentes, comensalidade e reconciliação. De acordo com Silva (2015), o Carnaval é a principal festa ceremonial dos Chiquitano no Brasil, identificada como a festa da alegria e nomeada pelas famílias de Curussé.

A festa ocorre no período das chuvas, com a preparação entre os meses de dezembro e fevereiro, quando tem início com o som dos instrumentos musicais a fim de pôr em relação seres humanos e não humanos por meio da Alegria. A festa produz “força”, obtida por meio do consumo da chicha (tavarsch), do riso, da dança em círculo (meakarsch) e da reza aos santos auxiliares. Através dessa festa, o povo Chiquitano explica os seus mitos e domestica os seres patogênicos que provocam doenças nas famílias, transformam as relações entre os humanos para a produção política de uma nova ordem social pautada nas regras de respeito e de evitação. O calendário ritual está intrinsecamente relacionado com as mudanças das estações do ano e do ciclo lunar, da fertilidade e dos cultivos das roças (SILVA, 2015).

Outra cerimônia importante acontece na sexta-feira Santa, quando os Chiquitano realizam o “velório ritual”. Assim que finda o enterro do carnaval, as famílias iniciam o luto ritual, que segue até a Páscoa. No dia da Páscoa do calendário cristão, as famílias realizam “a festa para os compadres”, comem juntos e realizam cumprimentos de reconhecimento da relação de respeito. A comensalidade ceremonial é realizada nas principais festas da aldeia: Páscoa Carnaval, Páscoa e Festa Patronal, havendo sempre um dia em que todos se reúnem no barracão central, ou na sede da associação, ou ainda no pátio central, para comerem juntos ao redor de uma grande mesa.



3. Caracterização das aldeias e comunidades

3.1 ALDEIA VILA NOVA BARBECHO

Vila Nova Barbecho é uma aldeia localizada há 110 km da sede urbana do município de Porto Esperidião. É formada pela linhagem familiar dos Tossuê, Urupe, Chue, Muquissai, Macoño, Massavi. A aldeia conta 86 pessoas em 25 famílias, distribuídas por 23 habitações e que assumem a identidade étnica. As lideranças incluem, nessa estatística, três famílias que trabalham e estudam em Cuiabá e três famílias que residem nas vilas próximas por serem parentes consanguíneos dos Urupê e dos Tossuê.

O sistema de cacicado foi substituído por um Conselho de Lideranças e integrou o cacique Fernandes Muquissai Soares como um dos líderes que contribuem, junto com os demais, nas decisões sociopolíticas e nas diferentes responsabilidades assumidas pelo conselho.

As moradias, os quintais, a escola, o barracão central e a escola estão circunscritos aos 25 hectares. A situação atual é fruto de duas negociações, a primeira deu-se no ano de 1998, entre os anciões e o fazendeiro, e a segunda no ano de 2010, entre lideranças chiquitano, a FUNAI, o fazendeiro e o juiz do município de Cáceres/MT. O segundo acordo previa 325 hectares de terra para as famílias chiquitano, entretanto, a decisão do juiz determinou o uso exclusivo de apenas 25 hectares, com direito ao usufruto dos recursos naturais disponíveis nos 300 hectares (que está sob o domínio do fazendeiro) e o acesso ao córrego *Nopetarch* (tartaruga) que atravessa a aldeia, formado pelas nascentes Boqueirão e Okussinho (SILVA, 2015, p. 32). Os Chiquitano de Vila Nova Barbecho reivindicam não apenas os 25 hectares, mas o território tradicional.

As famílias de Vila Nova Barbecho enfrentam dificuldades para sepultar os seus mortos. Os cemitérios de Acorizinho (Brasil) e o de Santo Antônio Barbecho (Bolívia) são os mais procurados pelas famílias para sepultar os falecidos da aldeia. No mês de julho de 2021, após o falecimento de uma recém-nascida, a família recorreu ao cemitério situado de Anjinhos, só para crianças, na área ocupada pela fazenda Estrelinha, mas o novo proprietário não autorizou o acesso, há indícios de que o cemitério foi derrubado e a terra gradeada.

Os indígenas relataram que, nas imediações do córrego e da fazenda Buriti, havia um cemitério que foi destruído, assim como nos limites do rio Tarumã. Já do outro lado do córrego *Nopetarch*, que atravessa a aldeia, um antigo cemitério foi identificado e registrado pelo IPHAN. Em 2022, o IPHAN reconheceu e registrou o Cemitério dos Anjinhos como sítio Arqueológico Chiquitano, na Fazenda Estrelinha da Fronteira, município de Porto Esperidião, identificando nele vestígios de cruzes de madeira e sepultamento indígena, sendo um bem protegido pela Lei Federal 3924/61. Entretanto, os atuais proprietários da fazenda não seguiram as recomendações do IPHAN, há indicações de que a área foi gradeada para o plantio de capim e pastagem de gado (IPHAN, 2022, p.2/9).

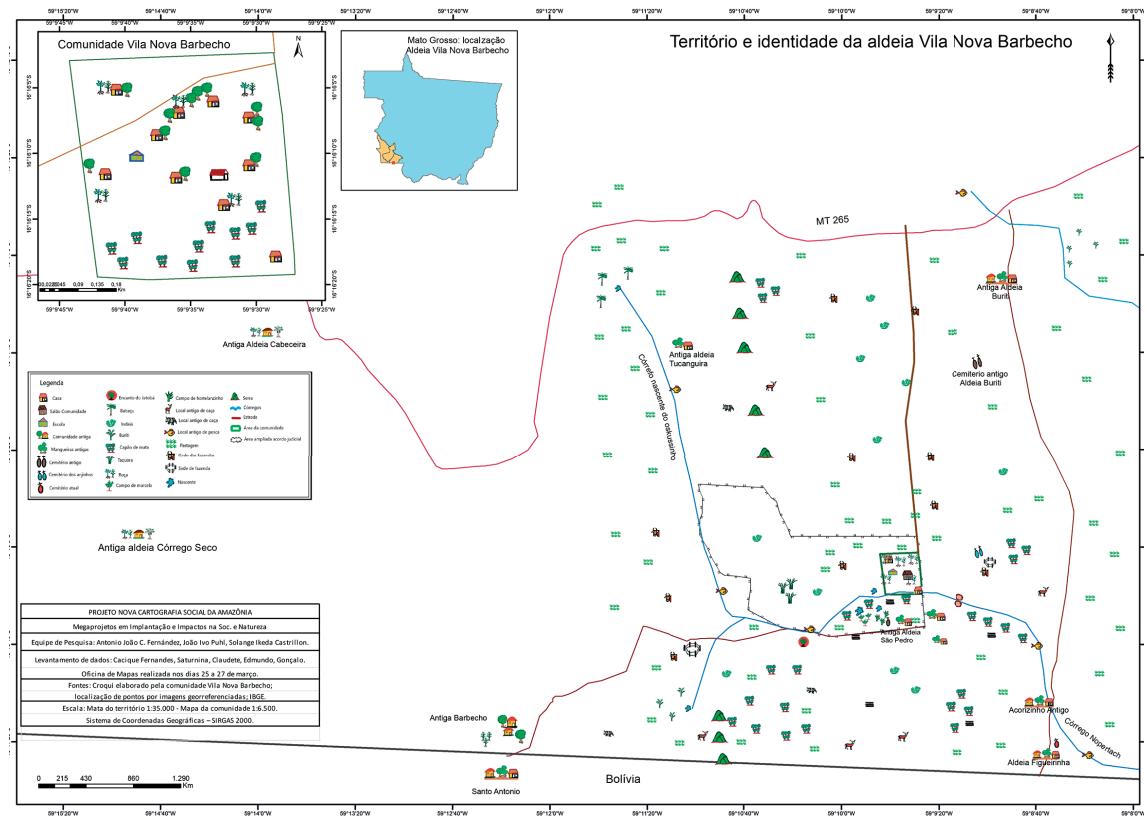
A fabricação de potes e panelas de barro se tornou impraticável porque a argila está dentro de áreas cercadas por fazendas sendo necessária a autorização dos indígenas para a coleta, concordância esta que nem sempre ocorre. A artesã Elisabete Tossué Soares afirmou que o antigo proprietário da Fazenda Estrelinha da Fronteira permitia a entrada e a coleta, mas os atuais proprietários estão restringindo o acesso, estabelecendo outra forma de relação, o que impede a continuidade dessa prática. Além da dificuldade de se obter o recurso, as mulheres estão fisicamente cansadas e com problemas na coluna, pois essa prática exige a coleta e o manejo da lenha, já bastante escassa no entorno da aldeia. A lenha serve de combustível e, para a queima da panela, usam o pau-terra, enquanto que para os potes usam a mangava-brava.

Esse problema tem resultado no aumento de utensílios de plástico e alumínio no espaço doméstico. No entanto, a escola está atenta a essas mudanças e tem preparado os jovens para trabalhar com barro e fabricar panelas, garantindo, desse modo, a manutenção dos saberes e o registro do conhecimento intangível. A diretora da escola narrou que há iniciativas na escola, mas dependem da matéria-prima e dos conhecimentos dos anciões que dominam o processo de fabricação. No momento, fabricam os produtos em miniatura, destinados à experiência pedagógica.

Para Saturnina Urupe Chué a criação do Grupo Técnico Multidisciplinar para estudos de identificação e demarcação do território é urgente em Vila Nova Barbecho:

(...) No ano 2003, Edir vendeu a fazenda, comunicando às famílias que ali estavam da sua decisão, depois de ter negociado a terra. O novo proprietário chegou e tentou manter as famílias trabalhando com ele, porém sua estratégia não deu certo porque, em troca do serviço, ele trazia grandes quantidades de mercadorias. Ele deu uma bicicleta para cada família para que os moradores pudessem se locomover ao trabalho, fazendo, juntamente com a venda das mercadorias, que as dívidas nunca acabassem, pois tudo isso eram descontados nos baixos salários que recebiam na intenção de mantê-los sempre trabalhando com ele com o fornecimento de mercadorias. O novo dono não consultou ninguém, apenas destruiu as roças com máquinas e tratores e foi logo destruindo toda a mata do território. Havia também canjiqueira e veludo, dentre outras plantas frutíferas nativas, sem contar a caça que ali tinha e que desapareceu; as ervas medicinais, madeiras e palhas para construção de casas tradicionais praticamente acabaram. (CHUE, 2022, p. 49-50).

Figura 5. Mapeamento do Território e aldeia Vila Nova Barbecho



Fonte: Boletim Informativo n. 11. Identidade Chiquitano. Luta pelo Direito ao Território (Set. 2022).

A mobilidade dos jovens da aldeia é um fator que preocupa as famílias, e isso tem ocorrido “porque o território não está demarcado” – afirmou a liderança Saturnina Urupe Chué. A restrição da terra e da qualidade para o plantio impede o manejo de roças, a coleta de frutos, de palmeiras, da lenha e da caça de subsistência. Essa condição torna o modo de vida das famílias vulnerável, com indicações de insegurança alimentar, pois têm que viver em 25 hectares, pressionados por fazendas que cercam o acesso aos recursos naturais necessários à sua reprodução socioeconômica e cultural. O aumento de relações matrimoniais e o nascimento de crianças resultam em um crescimento populacional e geram transformações nas regras de convivência e parentesco, com maior abertura para casamentos fora da aldeia, com não chiquitano.

De acordo com as lideranças da aldeia, houve um avanço no processo de autoidentificação Chiquitano desde 2019, pois muitos não se assumiam como indígenas e trabalhavam para fazendeiros que exigiam a negação da identidade, do silenciamento da língua materna e das festas e práticas ceremoniais. A Escola Indígena José Turíbio teve um papel importante no processo de afirmação étnica.

Figura 6. Roda de Conversa com lideranças da Aldeia Vila Nova Barbecho



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 20/11/2023.

Contudo, os Chiquitano ainda sofrem classificações pejorativas e preconceituosas pelas pessoas de fora da aldeia. A diretora da Escola Indígena José Turíbio argumenta que o termo “indígena” esteve associado à idéia de “menor valor”, mas agora comprehende que “indígena tem relação com povos originários da terra”. Ela levanta a indagação: o que é ser indígena? O que é ser chiquitano? E responde que, historicamente, os termos “indígena”, “chiquitano” e “bugre” fizeram parte do arsenal de classificações e identidades atribuídas a diferentes povos. No entanto, o que mais a incomoda é o termo “bugre” porque não aparece na Constituição. O termo chiquitano é o mais bem aceito, pois, a partir dessa autoidentificação, a aldeia recebeu mais reconhecimento e ampliou a sua representatividade como povo.

O Chiquitano é mais bem aceito que índio. Na escola nós trabalhamos o termo originário porque o índio foi colocado. Nós professores conseguimos lidar com esses dois termos de forma tranquila, mas aqui na aldeia ainda é bem difícil. Eu, enquanto professor procuro trabalhar com os alunos essa questão, para eles terem clareza dos termos, para eles decidirem como se sentem melhor. A gente consegue identificar quando uma pessoa usa esse termo, se é com ignorância ou se tem consciência de como está chamando, mas o termo mais adotado na aldeia é Chiquitano, povos Chiquitanos, povos indígenas. A gente vê na história do Brasil que índio é genérico e hoje isso mudou, a forma de usar como decisão política, pois se refere à gente (Entrevista Edmundo Urupe Chué, aldeia Vila Nova Barbecho, 20/11/2022). A Escola José Turíbio é uma instituição que tem uma representatividade, geralmente quando acontece algum evento reconhecem a gente como Chiquitano com uma instituição dentro. Alguns diretores vêm perguntar como é a nossa escola, os acadêmicos vinham antes da pandemia. Mas ainda as lideranças sofrem ataques de inferiorização, isso ainda existe (...), pois consideram que a gente não pode ser protagonista. Seguimos o nosso direito e buscamos parcerias que vão nos fortalecer com qualidade (Entrevista Edmundo Urupe Chué, aldeia Vila Nova Barbecho, 20/11/2022)

As famílias de Vila Nova Barbecho se autoidentificam como Chiquitano e continuam na luta para a criação do Grupo de Trabalho Multidisciplinar para identificação e delimitação do território, conforme afirmou o professor Edmundo Urupe Chué. Segundo a diretora da escola, uma nova audiência pública está prevista com a participação de lideranças chiquitano, o fazendeiro e a FUNAI, para discutir a ampliação do uso exclusivo para 325 hectares, destinados à construção das casas, das roças e criação de animais domésticos.

O fazendeiro tentou a conciliação, oferecendo às famílias as terras localizadas na Serra do Barbecho; no entanto, a proposta foi recusada por não incluir as áreas manejadas. Em resposta ao fazendeiro, foi proposta uma área poligonal de 300 hectares para uso exclusivo, com acesso à mina de água, taquaras e área de caça de subsistência. Além disso, foi elaborado um memorial descritivo sobre o território e os usos das famílias. As lideranças informaram que um indigenista da FUNAI – MT participou dessas negociações e elaborou um diagnóstico, visando a uma nova audiência pública.

Na aldeia há grupos organizados, mas sem personalidade jurídica, já pensaram em criar uma associação, mas desistiram porque, no momento, não possuem pessoas com disponibilidade para assumir a direção, tendo em vista que as lideranças estão sobrecarregadas com diferentes atividades e representações. Uma das organizações a aldeia é a cooperativa de bordado, coordenada por Suzilene Urupe Chué, que reúne mulheres para bordar tecidos voltados para o comércio, porém, no momento, essa atividade está desativada.

Há grupos que atuam na catequese de orientação cristã católica, destinada a orientar crianças para o conhecimento bíblico, a primeira eucaristia e a crisma. O grupo de liturgia é responsável pela coordenação das celebrações, das músicas e dos ritos que acontecem no barracão da aldeia; o grupo da pastoral da criança atua na pesagem, nutrição e acompanhamento das crianças. Por fim, a pastoral da sobriedade, em processo de implantação devido ao aumento de dependentes químicos na aldeia, particularmente no consumo de álcool.

A orquestra de violino chiquitano é outro grupo organizado que já participou em várias apresentações culturais e gravou um CD musical. Embora não esteja formalizada juridicamente, realiza apresentações quando é convidada e apoiada. A seguir apresentamos o quadro com outros grupos e suas ações.

Quadro 3. Grupos organizados na aldeia Vila Nova Barbecho

GRUPOS	RESPONSÁVEIS	FINALIDADE/OBSERVAÇÕES
Grupo de Liturgia da Igreja Católica	Belene Tossué – primeiro grupo; Leiliane Chué Muquissai - segundo grupo	Preparar cantos, leituras e materiais para as celebrações católicas.
Pastoral da criança	Amélia Chué Urupe	Efetuar pesagem da criança e acompanhamento da nutrição.

GRUPOS	RESPONSÁVEIS	FINALIDADE/OBSERVAÇÕES
Pastoral do Dízimo	Mauro Urupe Chue	Articular doações voluntárias para a paróquia Nossa Senhora de Fátima de Porto Esperidião.
Grupo de catequese	Elena Laura Chue	Realizar estudos bíblicos para a primeira eucaristia e a crisma, sacramentos da doutrina católica.
Pastoral da sobriedade	Sarturnina Urupe Chue e Silvano de Souza	Atuar na prevenção e tratamento de dependentes químicos.
Orquestra de violino	Edmundo Nicolau Chué Muquissai	Realizar formação e ensaio de músicas tradicionais Chiquitano.
Grupo de Artesanato – Não é um grupo fechado, mas há pessoas e artesãos que produzem cestaria, cerâmica, artesanato de sementes.	Atividades da Escola com os jovens.	Fabricar cestos trançados de indaiá, acuri e babaçu. A coleta da palmeira é realizada próxima da represa em São Fabiano e a taboca no posto seco e na Serra. As sementes são coletadas na área da aldeia para a fabricação de colares e brincos. Estão fabricando brincos, colares e pulseiras e cultivando espécies que possuem sementes.
Cooperativa de Bordados	Suzilene Chuê	Grupo criado de maneira informal com incentivo da congregação religiosa Irmãs Azuis para o crochê em guardanapos.
Grupo de dança	A Escola. Geralmente os professores designados são Gonçalo, Edmundo e Suzilene.	Grupo de apresentação cultural na escola e fora da aldeia para a semana indígena. Alunos e professores participam.
Grupo de Música de Instrumentos tradicionais (caixas, bombo, fífano)	Três anciões Arsênio, Fernandes, Nicolau e os Jovens	O grupo se reúne antes do Carnaval com o objetivo de ensaiar, afinar os instrumentos e preparar as canções para o ritual chiquitano.

GRUPOS	RESPONSÁVEIS	FINALIDADE/OBSERVAÇÕES
Conselho local de Saúde Indígena	Mauro Urupe Chuê – presidente Cleide Muquissai Chuê – Primeira Secretaria; Elimara Tossuê – 2 secretaria	
Conselho da Escola Indígena José Turíbio. Reunião bimestral ou semestral	Representantes dos segmentos: Edmundo Nicolau Muquissai – funcionário e presidente Suzilene Chuê (mãe) Gonçalo (Funcionário) Conselho Fiscal (dona Elena, Seu Fernandes, Cleide); Alunos.	
Equipe de saúde	Cleide Chuê, agente de saúde indígena	

Fonte: Roda de conversa e entrevista realizada com a diretora da escola, professores e liderança religiosa da aldeia Vila Nova Barbecho 20/11/2022.

As lideranças da aldeia Vila Nova Barbecho realizam parcerias com diferentes organizações sociais em busca de apoio para o desenvolvimento de seus projetos, segue abaixo um quadro com as principais organizações e como as famílias as descrevem:

Quadro 4. Relações e apoio institucional

INSTITUIÇÃO	RELAÇÃO ESTABELECIDA PARA AÇÕES
FUNAI	Apoio na luta pela demarcação do território e mediações para outros trabalhos no território indígena. Acompanha as negociações junto ao Ministério Público, tendo em vista a ampliação do uso exclusivo das terras de 25 hectares para 325 hectares. Fornecimento de trator para gradear a terra, caminhão para coleta de recursos necessários para a cobertura das moradias e sementes para a roça.
SEDUC	Reconhece a identidade Chiquitano, estabelece parcerias em atividades culturais, mas há imposições nas formas pedagógicas e exigências burocráticas de difícil realização pelos Chiquitano.

INSTITUIÇÃO	RELAÇÃO ESTABELECIDA PARA AÇÕES
SESAI	Presta assistência de saúde às pessoas com encaminhamento às instituições especializadas; porém não há infra-estrutura para o acesso à água. Cada família assumiu a responsabilidade do encanamento da caixa d'água até a sua moradia. O atendimento a saúde ocorre no barracão ou na escola, não há, portanto, um lugar adequado para a coleta do preventivo do câncer nas mulheres. Já solicitaram um posto de saúde no local, mas o órgão responsável argumenta que o território ainda não está demarcado e o polo de saúde básica é na TI Portal do Encantado. Outra reivindicação é de um banheiro sanitário, pois os que existem foram construídos por conta própria por cada família.
FAINDI	68
/UNEMAT	Incentivo e valorização à educação indígena. A parceria ocorreu durante a Pandemia com doação de materiais de higiene e máscaras. Acesso para a formação de professores.
UFMT	Apóio a orquestra de música por meio de projetos de extensão e cursos.

Escola Indígena José Turíbio na Aldeia e os seus desafios

As parcerias tem se firmado também a partir da escola que enfrenta desafios no processo de formação dos estudantes. A diretora Saturnina Urupe Chue argumenta que Escola Indígena José Turíbio, criada no ano 2007, resultou da necessidade de as famílias terem acesso ao ensino e ao fortalecimento da luta pelo território, mas enfrenta desafios para a sua continuidade e funcionamento. No ano de 2023, a SEDUC estabeleceu a condição de que a sala de aula deveria funcionar com no mínimo quinze estudantes e isso não condiz com a realidade indígena. Além disso, propôs a junção de estudantes do 1º ao 9º ano em uma única sala, mas os pais discordaram, organizaram uma reunião e reivindicaram que a escola funcionasse com o número existente de estudantes da aldeia, após duas semanas receberam a orientação para a abertura de uma turma do EJA com sete estudantes. Outro desafio foi que o sistema não permite a matrícula de estudantes acima dos 18 anos, e foi solicitada a criação do EJA para o Ensino Médio.

A técnica administrativa avalia que é difícil garantir a continuidade do EJA porque os estudantes matriculados trabalham, dentro e fora da aldeia e, portanto, terão dificuldades para freqüentar as aulas presencialmente. Em razão disso, os professores disponibilizam atividades educativas domiciliares.

A escola atua com os seguintes profissionais e suas respectivas responsabilidades. Saturnina Urupe Chue (Diretora da escola), Edmundo Nicolau Chuê Muquissai (Professor de Ciências Humanas); Mauro Urupe (Professor de Matemática); Gonçalo Arildo Muquiçai Chuê (Professor de Linguagem); Beline Tatiane Urupe Tossué (Técnica Administrativa); Leiliane Chuê Muquissai (Limpeza), Amélia Chue Urupe (Merendeira); Suzilene Urupe Chuê (Professora).

Os professores e professoras indígenas da Escola José Turíbio são licenciados pela Faculdade Indígena Intercultural – FAINDI/UNEMAT. A diretora é mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural por essa mesma faculdade. Há outros professores que se licenciaram em outras faculdades da UNEMAT, tanto na modalidade EAD quanto na modalidade presencial. Entretanto, nem todos os professores são absorvidos pela escola indígena e, portanto, se vinculam a escolas não indígenas, localizadas nas vilas e do entorno.

Há duas professoras e três professores que trabalham na Escola Municipal Dona Lila Hill de Souza (Vila Picada/Porto Esperidião) e na escola Municipal Maria Gregória Ortiz Cardoso, em São Fabiano (Porto Esperidião), fora da aldeia: Elimara Tossuê Soares, Pedro Célio Tossuê Soares, Milton Tossuê Soares e Aline. A escola contribui também para a permanência dos jovens na aldeia, especialmente aqueles que concluíram o Ensino Médio e o Superior por ser um espaço que gera trabalho e renda, mas não absorve todos os profissionais.

Para os jovens terem condições de permanecer na aldeia e garantir o seu meio de vida, um dinheirinho, é preciso organizar os meios dentro da aldeia, mas fica difícil porque se forçar no artesanato será necessário o território para buscar a matéria-prima. Estamos pensando em organizar um grupo para a permanência do jovem e a geração de renda, mas ainda precisa ser amadurecido (...). Além disso, há uma preocupação com a vulnerabilidade dos jovens na fronteira. Pensamos em criar uma cooperativa, associação ou outros meios de trabalho (Entrevista realizada com Saturnina Urupe Chue, sede urbana de Porto Esperidião, 10 de março de 2023).

Há mais jovens que idosos na aldeia, e a vulnerabilidade da vida na fronteira é um tema presente nos relatos e nas preocupações das lideranças. De acordo com o professor Edmundo Nicolau Chue Muquissai, uma pessoa jovem é aquela entre 14 e 23 anos de idade e, nessa faixa etária, há quinze pessoas, mas, as que trabalham fora são as que já passaram dessa idade.

Houve relatos sobre o aumento do consumo de álcool entre adultos e entre jovens e da piora da saúde mental de alguns jovens, com indicações de ansiedade, síndrome do pânico e depressão, cujos sintomas necessitam de maior diagnóstico e avaliação mais aprofundados. As famílias receberam duas visitas de uma psicóloga para “conversas terapêuticas” junto com a equipe da saúde.

Outra preocupação enfatizada pela professora Elimara Tossuê Soares, pelo professor Gonçalo Arildo Muquiçai Chuê, professor Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, a técnica Beline Tatiane Urupe Tossuê e pela diretora Saturnina Urupe Chue, é uso da *internet* pelos jovens da aldeia, prática que tem favorecido a dispersão deles, bem como a ausência em atividades coletivas. As moradias têm acesso à *internet* e a escola; portanto, os professores estão atentos a essas novas experiências dos jovens na aldeia.

O fortalecimento da cultura é uma prática contínua das lideranças. Embora compreendam a importância de acompanhar o contexto da vida atual, sabem que é fundamental o diálogo entre práticas culturais ancestrais e as experiências no tempo presente. Segundo Saturnina Urupe Chue, a escola trabalha o conhecimento dos povos chiquitano em diálogo com o mundo ocidental, para lidar com questões atuais, vivenciadas, mas fortalecendo a cultura. Por isso, a *internet* não deve dispersar nem desvalorizar as práticas culturais tradicionais.

Os relatos afirmam que desde o início da criação da escola buscou-se fortalecer a língua materna, a prática do artesanato e o carnaval chiquitano. Atualmente, as crianças aprenderam os trançados tradicionais, desde os mais simples aos mais complexos. A escola passou por reformas e a mais recente contou com recursos do REM/MT, Subprograma Territórios Indígena (STI) coordenado pela FEPOIMT e ICV.

Figura 7. Escola Estadual Indígena José Turíbio Vila Nova Barbecho com diretora e representantes da FEPOIMT



Fonte: <https://www.icv.org.br/noticias/espaco-multiuso-em-aldeia-dos-chiquitanos-e-reformado-com-recursos-do-rem/>.

Acesso em 06/06/2023.

Na perspectiva da diretora Saturnina Urupe Chue, a forma de ensinar e o conhecimento de direitos é o que permite a formação do estudante indígena:

Através do conhecimento que a gente vai saber lutar pelos direitos (...) a gente busca sempre falar para o jovem e alertá-los porque através do conhecimento vamos saber lutar pelos direitos. A partir do momento que a gente foi tendo conhecimento foi abrindo os leques para buscar os direitos e isso incomodou muita gente principalmente da redondeza que eram acostumados a chegar e passar para traz os pais da gente aproveitar da humildade deles então a gente sempre buscar colocar isso para as crianças, para os jovens e até para os anciões porque se não tiver alguém com eles podem até (...). A escola não está desvinculada da comunidade. Eu não sou só uma funcionária do estado, mas sou uma funcionaria, uma liderança, uma chiquitana da aldeia, eu vivo a realidade da aldeia (...). (Saturnina Urupe Chue, Porto Esperidião 10/03/2023).

Os diferentes tipos de trabalho e renda na aldeia

A técnica administrativa da escola observou que a permanência dos jovens na aldeia tem se tornado um dos grandes desafios, pois alguns saem para continuar a formação no Ensino Superior ou, ainda, para trabalhar e obter renda destinada a compra de alimentos e outros materiais de consumo, considerando que o tamanho da terra de 25 hectares é insuficiente para garantir a subsistência das famílias.

Além do trabalho na escola, há profissionais que prestam serviços como AIS (Cleide Muquissai Chuê) e AISAN (Renildo Muquiçai Chuê). Ao todo são dez Chiquitano vinculados ao serviço público na aldeia, que trabalham na escola e na saúde indígena.

Outros trabalhos estão vinculados à prestação de serviço doméstico nas moradias das fazendas, como diaristas para corte de banana, prestadores de serviço para fabricação de cercas em fazendas distantes, onde ficam fora meses da aldeia, e em fazendas. Além disso, prestam serviços com ajudante de pedreiro, artesão, manejo de máquina em Porto Esperidião e, dentro da aldeia, também trabalham como diarista em serviços de ajudante na roça e na limpeza de quintal e, ainda, cuidando de crianças (babás).

O salário de um professor na escola não indígena é de R\$ 2.365,00, enquanto na escola indígena o salário se aproxima de R\$ 2.700,00. As diárias estão no valor de R\$ 90,00, mas variam de acordo com os serviços prestados e os acordos e trocas estabelecidas.

Uma das propostas da professora Elimara Tossuê Soares para que os jovens permaneçam na aldeia é a criação de uma cooperativa destinada à geração de renda e produção de alimentos, mas ressalta que os jovens estão muito interessados também na área da tecnologia.

Em relação à renda das famílias, essa professora destacou que as principais fontes são o trabalho assalariado (escola e saúde), aposentadoria, fazendas e benefícios sociais. Além disso, há diferença nos valores das diárias e prestação de serviços dentro da aldeia, que não são equivalentes à prestação de serviço para um fazendeiro.

O trabalho realizado nas fazendas pode ocorrer a partir de um mediador que contrata os demais trabalhadores por um período de aproximadamente trinta dias para serviços de construção de cercas e manejo do pasto manual. Quando os Chiquitano trabalham nessas condições, geralmente saem em grupo de três ou quatro pessoas.

Durante o diagnóstico, havia dentro da aldeia o comércio de bebidas (refrigerante e cerveja) e de alimentos (frango, ovos, carne de gado, peixe, bolacha e outros industrializados), na extensão de uma moradia, cujos produtos vinham de Cáceres, trazidos por uma mulher chiquitano que já não vive na aldeia.

De acordo com professor da Escola Indígena José Turíbio, Gonçalo Arildo Muquiçai Chuê, os homens são os que mais se deslocam para trabalhar fora da aldeia; porém, há mulheres que buscam trabalho na cidade e se empregam nos cuidados de filhos de professoras (babás) e também como faxineiras nas moradias. Quando as jovens saem da aldeia permanecem nas casas de alguns parentes para não pagar aluguel até se fixarem em sua própria moradia.

Muitos dos que saíram da aldeia perderam os vínculos, casaram-se com não chiquitano e só retornaram para passeios esporádicos. “Há dez pessoas que saíram e já se adaptaram a outros costumes; ficam mais afastadas, não se misturam, não se entrosam”, afirmou Gonçalo Arildo Muquiçai Chuê. De acordo com os seus relatos, os que ficam na aldeia lutam pela permanência no território e tem expectativas de sua ampliação e demarcação.

Em Vila Nova Barbecho, há dois procedimentos adotados para aqueles que saíram da aldeia. O primeiro é que as pessoas saem para trabalhar, casar-se com não indígenas, estudar na cidade ou realizar outra atividade, sem firmar compromissos com a comunidade chiquitano. Ao escolher este caminho perdem os direitos reconhecidos como membro da comunidade indígena.

Os segundo é que se a pessoa sai com vínculos junto à comunidade, leva uma carta que assegura seu direito de reconhecimento e de representação em nome dos Chiquitano. Até o momento, as pessoas que se encontram nesta categoria são: Soilo Urupe Chuê, Silvano Urupe Chue, Jesuíno Fernandes Tossue Soares e Milton Tossue Soares.

Esse professor tem a expectativa de criação de uma associação com objetivos de captar recursos a fim de que os jovens trabalhem dentro da aldeia, evitando a necessidade de sair para encontrar trabalho em outros locais. A associação poderia investir na produção de alimentos, na criação de frangos e de peixes. Ele considera que, embora o território indígena não esteja demarcado, os recursos poderiam ser destinados à melhoria dos quintais e à criação de frangos, piscicultura, hortas, e outras ações para o fortalecimento da cultura.

Água, roça e produção de alimentos

Um dos principais problemas enfrentados no trabalho com a roça é a não demarcação do território indígena na aldeia Vila Nova Barbecho, o que faz com que as famílias vivam em apenas 25 hectares de terra circunscrita em um ambiente de Cerrado. Essa pressão torna a terra improdutiva para o plantio, exigindo gradeação e adubação orgânica.

O principal produto manejado pelas famílias na aldeia é a mandioca, o que resulta na pouca disponibilidade de cultivos para a alimentação. Os produtos destinados a alimentação são adquiridos fora da aldeia como arroz, feijão, açúcar, trigo, óleo, sal e carne, nos mercados da Vila Picada (Comercial Rodrigues, Tita, Agromolina – para milho e quirera); no Buriti (mercearia Buriti) e em Porto Esperidião (Catarinense e Luzitano), que recebem em dinheiro, pix, transferência ou à prestação.

A aldeia possui uma área coletiva fracionada para cada família de aproximadamente 60 m de comprimento por 25m de largura para plantio. Renildo Chuê Muquiçai, AISAN da aldeia, mencionou que são poucos jovens que trabalham com a roça, mas ele está plantando sementes de milho fornecido pela FUNAI, além de melancia, abóbora, mandioca de três meses, cacau, banana nanica, banana maçã e banana de fritar. Como o milho já estava alto, a área foi mantida limpa para o plantio de feijão entre as fileiras, cuidado para que as flores do milho não caíssem. No espaço entre as melancias, ele planeja plantar o amendoim.



Figura 8. Roça coletiva fracionada por família na aldeia Vila Nova Barbecho



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 09/03/2023.

Quase todas as famílias criam um pouco de frango para o consumo, mas o custo se torna elevado porque precisam alimentar as aves com o milho. A maioria das famílias já utiliza fogão a gás, mas o seu uso é restrito para o cozimento de alguns alimentos como pães, bolos e chás. O fogão à lenha, por sua vez, é reservado para o cozimento de alimentos do dia a dia, no entanto, enfrentam dificuldades para obter lenha, especialmente a madeira mais apreciada como a de angico, que é raramente encontrada aos arredores da aldeia.

A narrativa dos anciãos revela um profundo conhecimento sobre o manejo da roça de toco, que começava no mês de maio com o uso da foice. Em seguida, derrubavam a área selecionada com o machado, picavam os galhos mais finos, que seriam queimados, formando a coivara. Depois, aguardavam a chuva para plantar melancia, abóbora e arroz. O milho era cultivado entre as fileiras do arroz, seguido pela rama da mandioca, cana-de-açúcar, banana, abacaxi, mamão, feijão de vara e trick trick (considerado o que matava a fome da família). A limpeza era feita com a enxada, e o arroz cortado em cacho entre os meses de fevereiro, março e abril. Em seguida, estendiam os grãos sobre paus para secar e, após a secagem, transportavam em baquités¹¹.

As folhas dos milhos eram mantidas dobradas como estratégia de manejo para enganar os pássaros. Além disso, fabricavam e utilizavam a “funda” e o “pelote”, instrumentos de arremessos de pedras, empregado para espantar os pássaros que atacavam as roças. Os cultivos, especialmente o arroz e o milho eram guardados nas moradias das famílias e, aos poucos, separados e preparados para o consumo. A mandioca ainda é consumida cozida nas refeições ou em forma de chicha, bebida fermentada e ceremonial. O trabalho era dividido entre homens e mulheres; estas últimas se dedicavam à limpeza da roça.

11. O baquité é muito utilizado para carregar mandioca, milho da roça, para levar as pelotas para vigiar passarinho na roça no período de plantio e colheita. É feito com a palha do Acuri ou do Indaiá e pode ser de vários tamanhos, conforme a necessidade (Chuê; 2022, p. 11).

O ciclo lunar orienta o manejo das roças, cujo plantio inicia três dias após a lua nova e o início da crescente. Durante a lua minguante, não plantam e não realizam nenhuma atividade de manejo na roça, como queimar ou roçar, pois acreditam que a espécie “embicha”, ou é atacada por pragas devido à influência da lua. Também não recomendam a coleta de barro nem a fabricação de potes e panelas.

Atualmente, os anciãos não fazem roça por causa da idade avançada e reclamam que não há terra suficiente para o manejo. Além disso, eles consideram que o solo está pobre em termos de fertilidade, resultando em baixa produtividade. E, ainda, a área de mata, que seria mais apropriada aos cultivos, está na área ocupada pelo fazendeiro.

Em um terreiro da aldeia, foi possível identificar uma diversidade importante de espécies como a madeira cerejeira, medicinais, plantas ornamentais, mangueiras, limoeiros, atas, acerola, laranja doce, pequi, bocaiúvas, limão taiti, algodão branco, limão rosa, limão galego, erva cidreira, aroeiras. Além disso, há uma pequena horta onde cultivam cebolinha, pimenta biquinho, rúcula e tomate.

Segundo Fernandes Soares Muquissai, a roça era feita em área de mata, mas agora estão no Cerrado, sendo necessário gradear a terra. Antes a limpeza da terra para o preparo da roça era feita com a enxada. Em seguida ocorria a *descoivará*, quando reuniam os galhos em diferentes lugares para serem queimados. E depois o *dostocá*, quando carpiam novamente, retirando o que havia para iniciar o plantio. Ele ressaltou que havia chuva no período certo, mas agora já não plantam na mesma época de antes porque a terra está muito seca. Em razão disso, mudaram o calendário, para aguardar a chegada das chuvas. Além disso, é inviável regar as roças porque não há água suficiente na aldeia. Essas mudanças têm gerado atraso no período de plantio e, ainda, resultam na perda de muitas espécies cultivadas.

Os Chiquitano iniciavam a queimada para o roçado em setembro, mas há três anos mudaram para novembro, em razão da mudança do ciclo das chuvas e, portanto, alteraram o tempo de plantio. Outro problema que enfrentam é a invasão de pássaros, bairacás e papagaios nas roças, aves que atacam principalmente o milho. Ou seja, tem ocorrido um desequilíbrio no sistema agrícola.

A pesca é uma prática restrita na aldeia em razão da pouca disponibilidade de peixes. O rio Santa Rita, que percorre as proximidades da comunidade São Fabiano e da Vila Picada, é um dos locais privilegiados para a pesca de subsistência, porém em regularidade. As principais espécies capturadas são a traíra, o bagre, a piranha, o lambari, a piava utilizando anzol e linha. A represa Fonte Azul e o córrego dos Carás, nomeado pelos Chiquitano pela abundância da espécie carazinho, também são locais de captura de peixes.

A água potável é obtida de um poço artesiano e armazenada em uma caixa d’água de três mil litros, destinada a abastecer a escola e outras duas moradias. Há outra caixa de dois mil litros erguida em frente ao barracão central da aldeia, que distribui água para as demais famílias da aldeia. Essa distribuição ocorre por meio de mangueiras de plástico e, como não há rede de água no local, ao longo do dia, o fluxo e a intensidade da água reduz a intensidade.

Durante a nossa permanência em Vila Nova Barbecho houve pouca disponibilidade de água. A bomba do poço artesiano estava queimada e as pessoas tiveram que recorrer ao córrego Nopetarch (tartaruga) para lavar as roupas, se banhar e transportar água em baldes para atividades domésticas nas habitações. O córrego é pequeno e o volume de água insustentável para todas as atividades necessárias às famílias.

As famílias afirmam que preferem consumir a água de uma nascente localizada fora dos 25 hectares de uso exclusivo, de onde é transportada em garrafas e carrinho de mão para a aldeia. Elas consideram que água do poço artesiano é salobra e temem que qualidade possa causar adoecimento. No entanto, nas

proximidades da nascente, o fazendeiro construiu um poço de 800 metros de profundidade, cuja ação poderá perfurar a “veia d’água”, o que poderá impactar e secar a nascente.

O Renildo Muquiçai Chuê, o AISAN da aldeia, solicitou à SESAÍ uma caixa d’água de cinco mil litros, mas a estrutura cedeu e tiveram que manter a de 2,5 litros. As famílias também solicitaram ao REM/ICV/FEPOIMT o apoio para uma nova caixa d’água, com encanamentos e banheiros para o barracão central.

Em relação aos resíduos domésticos, cada família controla o material descartado por meio da queima. Entretanto, nos períodos de festas, encontros e atividades coletivas, as famílias distribuem baquitos confeccionados com taquara para que os materiais sejam depositados ali e não se espalhem pela aldeia. Há materiais que são reutilizados, como as garrafas PET e outros plásticos, que têm se tornado utensílios domésticos importantes, como jarras, copos e outros vasilhames, mais presentes nas cozinhas e tratados com mais cuidados para não se acumularem no território ao longo do tempo.

Saúde e práticas terapêuticas

As doenças na aldeia são diagnosticadas como físicas e espirituais, os curandeiros contribuem com essa classificação. As principais doenças físicas são a diarréia e a gripe em crianças e adultos, as dores nas articulações em crianças e nos jovens. Entre as mulheres há registro de dores de cabeça, dores no estômago e, após a pandemia do novo coronavírus (COVID 19), muitas reclamam de problema na visão e dores na bexiga, com dificuldades para urinar, além de feridas nas pernas. O ácido úrico aumentou nos homens, e a agente de saúde indígena pressupõe que seja em decorrência do consumo de bebidas alcoólicas, da pouca ingestão de água e da alimentação reduzida.

Outros problemas foram identificados: o ancião Nicolau Urupe Jovió relatou que está com deficiência auditiva e enxerga com dificuldade por causa de uma catarata do lado direito dos olhos, sua esposa Clemência Muquissai Urupe e um de seus filhos também estão com catarata. Outro problema de saúde que acomete especialmente as mulheres é a dor na coluna, narrado pela anciã Clemência Muquissai Urupê, Elena Laura Chuê, Elizabete Tossué Soares. As causas estão, de algum modo, relacionadas com o tempo dedicado ao trabalho na roça, na produção de alimentos, na fabricação de potes e panelas, nos cuidados com os filhos (a).

Na aldeia Vila Nova Barbecho, a anciã Margarida Maconho realiza curas de pessoas doentes dos ossos, seja em decorrência de quedas ou de outros problemas que provocam dores pelo corpo. Sua cura é feita por meio de massagens e, por isso, ela é chamada de “sovadeira”.

“Sovar” é massagear o corpo até achar o lugar onde a doença está alojada, para, então retirá-la. A sovadeira massageia e avalia a gravidade da doença, corrigindo fraturas e torções até alcançar a cura. Atualmente, a anciã está frágil e vulnerável, enxerga pouco devido a uma catarata profunda nos olhos, e já não caminha como antes pela aldeia (Silva, 2015).

Outro curandeiro reconhecido na aldeia é o seu Arnaldo, especialista em picadas de cobra e doenças que acometem os gados e as pastagens. Ele é muito procurado por pessoas de fora da aldeia e também por não indígenas, inclusive por fazendeiros que reconhecem a eficácia de seu tratamento. Outro curandeiro é o Florêncio Urupe que realiza benzeções contra quebranto e picada de cobra. Ele também artesão e fabrica diferentes materiais e trançados. A dona Elisabete Tossué Soares é outra curandeira que realiza benzeções contra quebranto.

Quadro 5. Curandeiros reconhecidos na aldeia Vila Nova Barbecho

NOME	PRÁTICAS
Arnado	Especialista em picadas de cobra e animais peçonhentos, doenças que acometem o gado e as pastagens. Realiza partos difíceis à distância.
Margarida Maconho	Sovadeira (massagem nos ossos)
Florêncio Urupe	Benzedor contra quebranto e picada de cobra
Elisabete Tossuê Soares	Curandeira que benze contra quebranto.

Fonte: Trabalho de campo. Roda de conversa, 20 de novembro de 2023.

A equipe de saúde indígena que atende as aldeias da Terra Indígena Portal do Encantado e da Vila Nova Barbecho é formada por um médico, um dentista, um técnico e uma enfermeira. O atendimento às famílias da aldeia acontece um dia de cada mês, mas se transporte dos profissionais sofrer algum problema o atendimento é cancelado, além disso, nossos interlocutores de Vila Nova Barbecho reclamaram que o tempo dedicado a aldeia é insuficiente, por isso reivindicam um posto de saúde exclusivamente para Vila Nova Barbecho.

A participação dos jovens nas cerimônias tradicionais e no futebol

As práticas de jogos, brincadeiras e esportes na aldeia ocorrem quando as crianças acompanham os pais na roça, na pescaria ou nas caçadas de subsistência. No final da tarde, os jovens se reúnem para brincar em algum quintal da aldeia. Além disso, são estimulados a participar de torneios entre São Fabiano e Vila Picada. Aos sábados, as famílias se reúnem para “rezar o rosário” e preparar as atividades litúrgicas para uma celebração que acontece aos domingos, sendo o encontro um modo importante de socialização.

Segundo Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, os jovens de Vila Nova já participaram de quatro edições da “Copa Fronteira”, realizada pela prefeitura de Porto Esperidião, que mobiliza as comunidades na fronteira Brasil/Bolívia para os jogos. No entanto, ele afirma que é mais acessível quando ocorre pelo menos uma disputa na aldeia. Já a “Copa Verde” é coordenada por lideranças da aldeia chiquitano de Acorizal e, embora a equipe feminina tenha participado de uma edição, mas não continuou, porque avaliou que demandaria muito recurso para o transporte, a alimentação e a inscrição, além disso, os jogos acontecem em dois campos principais, o de São Fabiano e o da aldeia Acorizal. Esses torneios dependem de sorteios e de disputas antecedentes, fato que dificulta a participação, já que o time não sabe quando nem para onde será escalado, e isso demanda investimento que não possuem. Uma das críticas aos torneios realizados é que as premiações são também bebidas, tanto refrigerantes, quanto cervejas.

Para Saturnina Urupe Chue, o time de futebol é também um meio de marcar a representatividade chiquitano na história contemporânea, vinculando jogos às questões culturais. Nessa mesma compreensão, o professor Edmundo Nicolau Chuê Muquissai avalia que os jogos e o futebol na fronteira são importantes para divulgar a luta do povo Chiquitano, sendo um modo importante de fortalecer e afirmar a identidade cultural.

O futebol sempre trouxe diversão né desde os nossos irmãos, primos, pais também que vinham praticando então sempre tiveram isso como um meio de diversão na aldeia e eu vejo sim como atividade importante como prática de esportes, interação entre as pessoas, porque isso é importante, principalmente para os jovens, (...) quando a gente participava levava o nome Chiquitano para a equipe. Isso ganhou visibilidade porque as pessoas sempre conheciam o time da Vila Nova, aí nós colocamos o nome da equipe, nós somos da Vila Nova Barbecho, mas o time é Chiquitano Futebol Clube. (...) e, de certa maneira passamos a exigir que eles chamassem Chiquitano e utilizassem o Chiquitano (...). Uma época o time masculino conseguiu o primeiro lugar na Copa Fronteira e na outra o feminino conquistou o terceiro lugar (...). Os jovens ficaram felizes com isso, fomos vistos como alguém que conquistou um título e a gente vê que é uma forma de trazer motivações para os jovens e a gente sabe que a fronteira é bem complicada e de muita vulnerabilidade e o esporte ainda tem esse espaço grande para os jovens (...) (Edmundo Nicolau Chuê Muquissai, aldeia Vila Nova Barbecho, 09/03/2023).

Outro tema importante para o professor Edmundo Nicolau Chuê Muquissai é o Carnaval Chiquitano, o Curussé. A festa é considerada a principal mobilizadora da participação de jovens e estudantes na aldeia. Durante o período do curussé, os jovens se lembram de anos anteriores, e se preparam para a festa e participam ativamente. O acontecimento mobiliza a juventude para tocar instrumentos, brincar, fabricar tintas, dançar e aprender mais sobre a cultura chiquitano.

Na cerimônia da Semana Santa que acontece antes da Páscoa do calendário cristão, os jovens preparam o altar em forma de um arco e o chá da meia noite. Outra festa importante é da santa padroeira Nossa Senhora de Fátima, os jovens limpam a aldeia, angariam recursos, recebem visitantes, colaboram na preparação de alimentos, práticas que unem e agregam a comunidade. Na orquestra de música, o professor Edmundo Muquissai, que também já foi maestro, enxerga a possibilidade de reativá-la, mas talvez de outra forma, levando-a para dentro do contexto escolar.

Outra atividade incipiente na aldeia é o artesanato e uma das artesãs é a Luciana Leite Espinosa,

oriunda da aldeia Acorizal, mas reside em Vila Nova Barbecho, porque se casou com Renildo Muquiçai, o AISAN da aldeia. Ela fabrica brincos, pulseiras e chaveiros com penas de galinha, arara, louro, periquito, sementes de pau-brasil, de olho de cobra, de tambori, da saboneteira e do rosário, coletadas na aldeia. Além de adornos corporais, a jovem fabrica a vestimenta tradicional chiquitano (saia, blusa, tiara), feita com a seda do buriti comercializado por R\$300,00. As peças são utilizadas nas apresentações culturais realizadas fora da aldeia, ou em ocasiões para a divulgação da identidade indígena.

Os artesanatos são fabricados e comercializados na própria moradia da artesã ou sob encomenda. Os produtos também são levados para Cuiabá e também expostos em feiras e eventos culturais. A artesã encontra dificuldades na aquisição dos materiais industrializados, como o gancho para o brinco, a argola para o chaveiro e, particularmente, na coleta do buriti e do tucum, este último é trazido dos Nambikwara pelo Josair da aldeia Acorizal. O cesto, a peneira e o balaio são fabricados por Florêncio Urupe, um de seus produtos é também o baquité que foi comercializado em uma feira de produtos orgânicos na sede do município de Porto Esperidião pelo Grupo Beija Flor.

Algumas reivindicações foram indicadas pelas lideranças nas rodas de conversa e nas entrevistas de ações para: assegurar a permanência dos jovens na aldeia, fortalecer a luta pela demarcação do território; garantir fonte de renda e produção de alimentos; capacitar os interessados em reflorestamento; avaliar o melhor uso da internet; solicitar junto ao REM/ICV/FEPOIMT a estrutura de uma caixa d'água de cinco mil litros de água e a reforma dos banheiros do barracão central; unificar a língua materna chiquitano, por meio da criação de uma política lingüística, pois na escola é a segunda língua usada, após o português; trabalhar para reduzir o índice de alcoolismo; obter acesso nas fazendas para coletar a matéria-prima destinada a fabricar artesanatos; realizar diagnósticos para avaliar sintomas de piora da saúde mental e acompanhamento dos jovens.

Terra Indígena Chiquitano Portal do Encantado

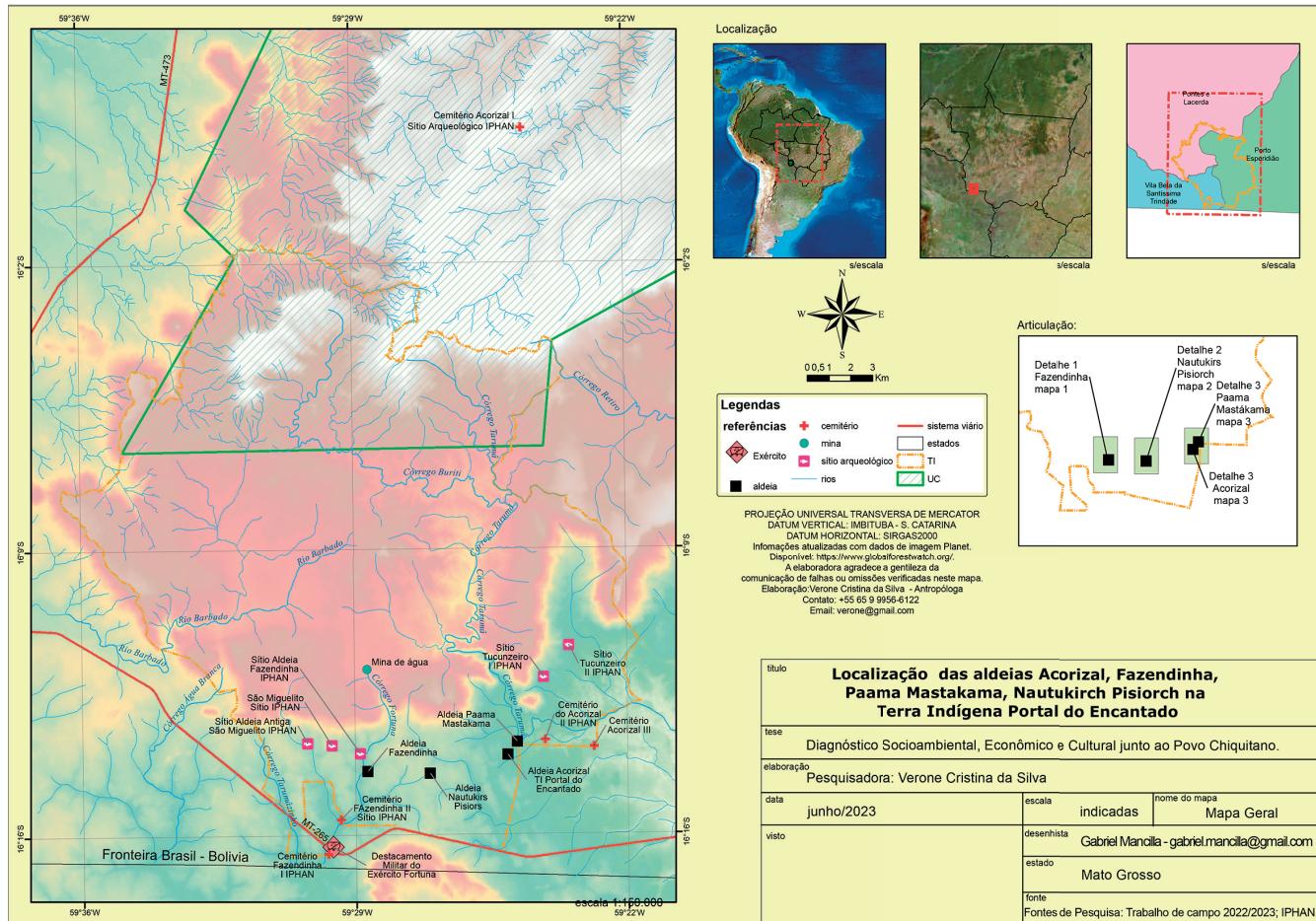
A TI Portal do Encantado possui 43 mil hectares e perímetro de 121 km, (Portaria Ministerial nº 2219, publicada no Diário Oficial da União de 31 de dezembro de 2010 e Portaria da Funai nº 73, publicada no Diário Oficial da União de 02 de setembro de 2010), cuja situação Jurídica é de Declarada (Relatório rio Tarumã, 2021). O território está situado entre os municípios de Porto Esperidião (581.097,70 ha), Portes e Lacerda (856.745,50 ha) e Vila Bela da Santíssima Trindade (1.342.044,30 ha), no Sudoeste do Estado de Mato Grosso.

A Terra Indígena possui área sobreposta de 26% ao Parque Estadual da Serra de Santa Bárbara (Decreto 1.797 de 04/11/97), que ocupa as terras altas da Amazônia Ocidental no Mato Grosso e Rondônia, próxima à fronteira com a Bolívia, inserida na Depressão do rio Guaporé. Os principais córregos que banham território Chiquitano são o Fortuna e o Tarumã, da Bacia do Alto Paraguai; e o Barbado, afluente do rio Alegre, que deságua no Guaporé, da Bacia do Guaporé.

O território Indígena Portal do Encantado possui, atualmente, quatro aldeias: Nautukirs Pisiors, Paama Mastakama, Acorizal e Fazendinha¹².

12. No ano de 1988, quando foi elaborado o Relatório para a Identificação de Chiquitanos na área de influência do Gasoduto Brasil-Bolívia (Ramal MT), no Trecho Cáceres-San Matias, havia apenas duas aldeias no território, Acorizal e Fazendinha, atualmente essas aldeias se fragmentaram formando mais duas. Uma se fragmentou de Acorizal, formando Paama Mastakama, e as outras se fragmentaram da Fazendinha, formando Nautukirs Pisiors.

Figura 09. Mapa de localização das aldeias na Terra Indígena Portal do Encantado



Fonte: Trabalho de campo 2022/2023; IPHAN, 2019.

3.2 TI PORTAL DO ENCANTADO . ALDEIA NAUTUKIRS PISIORS

A aldeia Nautukirs Pisiors (Aroeira Florida) foi criada no ano de 2005, a partir da ruptura de algumas famílias na aldeia Fazendinha. Atualmente a aldeia é formada por onze famílias (nove mulheres, onze homens, quatorze crianças e nove jovens), que residem em oito moradias, no total de 42 pessoas.

A aldeia possui um sistema de cacicado presidido pelo cacique Vitor Ronaldo Gomes da Rocha, pelo vice-cacique José Ramos (conhecido como seu Ito), e três lideranças: Roselino Paravá Ramos, Sebastiana Mendes da Rocha, Ana Laíde Mendes Surubi. Além disso, os anciões José Mendes e Inácia Surubi são importantes, pois é a eles que o cacique solicita orientação para decisões, por serem detentores de saberes tradicionais. O cacique se reúne com as demais representações e lideranças pelo menos uma vez a cada mês ou em caso de alguma necessidade.

O ancião José Mendes narrou que o seu pai foi um dos primeiros a contribuir para a formação da aldeia Fazendinha, e que esse nome foi criado pelo Ricardinho, outro antigo morador. As famílias se instalaram nas imediações do rio Tarumã, onde também se estabeleceu o Destacamento Militar de Fortuna. Na década de 1940, os comandantes cadastravam as famílias que ali viviam, classificando-as de “permissionárias”, identidade que autorizava a permanência nas terras de Fortuna com moradias ocupadas



por um casal com seus filhos, até que se casassem, pois se proibia que novas habitações e roças se estabelecessem nas terras (Silva, et all,1998).

As famílias permissionárias prestavam serviços ao quartel, realizando a limpeza do estabelecimento, lavando as roupas dos soldados, preparando as refeições e dividindo os produtos cultivados nas roças, além das carnes abatidas e dos peixes capturados em lagos e córregos circunscritos ao território.

O senhor José Mendes e a dona Inácia Surubi, os anciões na aldeia, narraram que viviam próximos a uma lagoa abaixo da Fazendinha, de onde capturavam os peixes para os soldados do destacamento. Por muitos anos, esse casal também trabalhou no manejo de um hectare de arroz, milho e banana, com autorização do quartel. Naquela época, aproximadamente, dez famílias viviam no território¹³.

Os anciões relataram que ao longo dos anos houve um aumento de animais de caça de subsistência nas roças (quati, porco, macaco, catete). E, também avaliaram que a principal causa desse impacto foi o desmatamento no entorno da Terra Indígena. Esta mesma informação foi confirmada pelos demais caciques das aldeias da Terra Indígena Portal do Encantado.

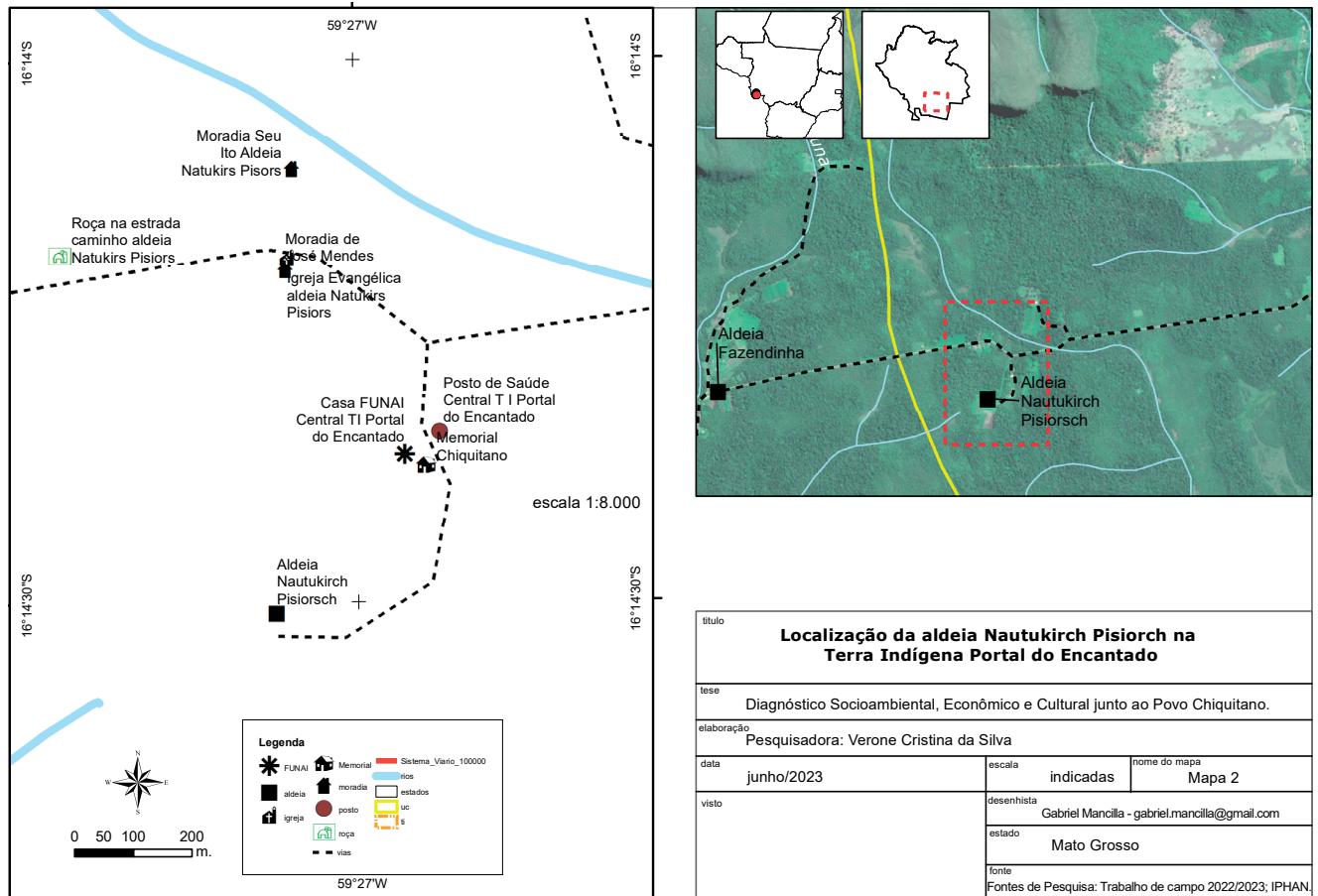
As moradias na aldeia Nautukirs Pisiors são construídas com a madeira paineira, a taboca é de peroba, o caibro de ipê, o esteio de indaiá e a palha de cobertura também são de indaiá e pau a pique. Há dois modos de fabricar a moradia tradicional: uma trançada na beira e, o outro, dobrado e trançado na ponta. O senhor Fernandez da aldeia Vila Nova Barbecho, construía moradia tradicional e afirma que as habitações cobertas com indaiá duram, entre 30 a 35 anos, já com acuri, os tetos não resistem por muito tempo, ficam úmidos rapidamente, sendo necessário o uso de lonas para a sua proteção. Por este motivo, e pela restrição ao acesso, verificamos que os Chiquitano estão optando por construções de alvenaria e telhas de fibrocimento.

As palhas de indaiá estão cada vez mais escassas na Terra Indígena e a maioria da palmeira se encontra em área de domínio dos fazendeiros, assim também o barro, usado para fabricar potes e panelas. Além disso, os jovens não se dedicam a fabricação de moradias tradicionais e os anciões são os principais detentores desse conhecimento.

Na aldeia Nautukirs Pisiors, a maioria das famílias é evangélica. Há uma igreja da Assembléia de Deus que fica no quintal da moradia de seu José Mendes, e o pastor da localidade Trevo, situada nas proximidades, realiza celebrações na igreja de alvenaria construída no quintal da moradia de seu Mendes.

13. Ricardinho, Cristoveto, Caetano, Inacito Peteá Charupá, Lourenço Rupe, Miguelito, José, Pedro Osvaldo, Barba, Carlo Bosco, Anastácio Aniceto (militar). No relatório de Joana Silva (1998, p. 42) a Lagoa e a Fazendinha correspondem ao local onde viviam famílias permissionárias nas terras do Exército.

Figura 10. Croqui da aldeia Nautukirs Pisiors



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 22/11/2023 e 03/03/2023.

Roça, água e produção de alimentos

O Manoel Caxupá, pai da Inácia Peteá, avô da Sebastiana Mendes da Rocha, foi o responsável por fornecer as antigas mudas de banana que são cultivadas nas roças do seu Vitor Ronaldo Rocha e sua esposa. Logo que o casal Vitor e Sebastiana constituiu uma família o avô orientou que construíssem uma casa, ofereceu diferentes mudas de cana-de-açúcar caiana, java; rama de mandioca e ensinou como manejar por ruas. Cada espécie seria cultivada em fileiras, e no meio delas, plantavam espécies menores como melancia, em alguns casos o milho no meio da fileira da mandioca.

As ramas eram plantadas em pé, ainda cedo, na lua certa, e sem a presença de vento. Havia também um “almanaque”, fornecido pelo Tenente Sá, casado com uma mulher chiquitano e pai de Adilson Sá e do Diné, que ainda moram na Serra de Santa Bárbara.

Algumas variações de banana já se perderam, dentre elas a “ouro” porque não a apreciavam muito, tinha pouca saída para o comércio, por essa razão não replantaram. Outras variedades que se perderam foram as mudas de: banana borracha, a banana-chifre-de-boi que produzia mais de quinze pencas de banana; a banana da terra comprida, tanto da branca quanto da vermelha. A FUNAI distribuiu mudas da banana prata, mas a família não apreciou e não investiu no plantio, mas outras famílias cultivaram.

Há variações de mandioca que se perderam como a paçoquinha e a viageira. As mudas da cana de

açúcar listada, cristalina, caiana, branca e Java, plantadas durante a lua crescente, também desapareceram das aldeias. Havia espécies de arroz como o preto, a carolina (chamada miudinho), a guaira (vermelho), a libonete (de três meses, muito dura para socar no pilão), que há três anos deixaram de cultivar. Os Chiquitano avaliam que o cultivo do arroz exige a ocorrência de chuvas, fenômeno que tem se tornado muito irregular na região, o plantio não deve ocorrer na lua crescente, pois a planta sobe muito e não se sustenta.

O seu José Ramos, seu Ito, possui roças importantes na aldeia e comercializa os seus produtos na sede urbana de Porto Esperidião:

Se eu não tiver roça parece que não tenho coragem. Tenho o prazer de entrar na roça e ir conversando com a banana e a mandioca. Uma mandioca eu faço com carne! Oh, banana, você está me ajudando. (Entrevista realizada com José Paravá Ramos (Seu Ito). Aldeia Nautukirs Psiors, TI Portal do Encantado, 08/03/2023).

Imagem 11. Colheita de abóbora na roça do seu José Ramos Paravá, seu Ito



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 07/2022.

As principais espécies cultivadas nas roças da aldeia são: Banana nas seguintes variedades: banana da terra, banana maçã, banana nanica, banana nanicão, banana três quinas da roxa, banana ouro. A muda crioula da roça de banana do seu Vitor foi adquirida como herança do Manoel Caxupá, avô da Sebastiana Rocha Mendes, cujo plantio ocorre em outubro, entretanto, o seu cultivo já foi realizado em agosto/setembro, na lua minguante, para não crescer tão alta e oferecer cachos maiores. Na lua cheia a muda cresce, mas o pé racha e os cachos não rendem muito.

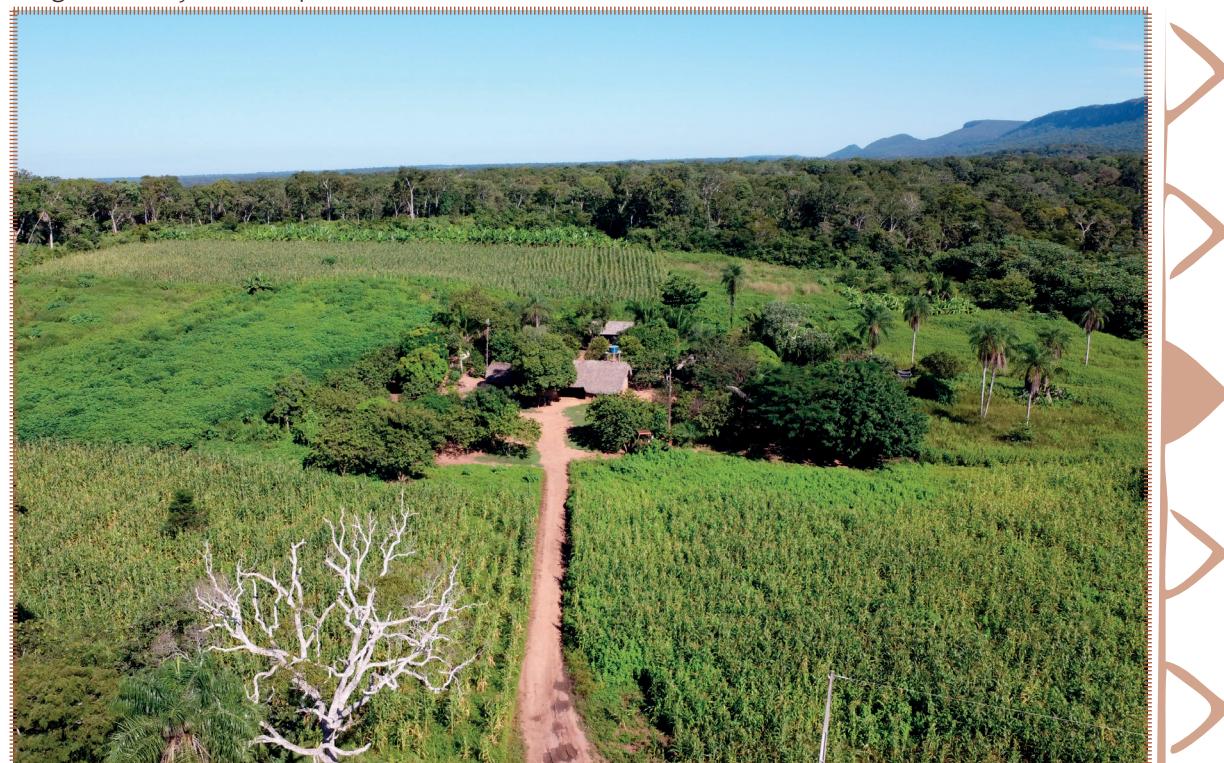
A mandioca cultivada nas roças da aldeia é das variedades cacau, matrinchã e amarelinha; a batata da roxa e a batata da massa branca são cultivadas em maio; o milho comum, o crioulo, o de quatro meses, o selecionado de dois meses, o fofão do branco; o de pipoca; o de canjica e o da pamonha são cultivados

nos meses de dezembro/janeiro. O feijão carioca é cultivado no mês de março, mas na ausência das chuvas intensas a colheita é realizada na lua minguante.

As roças do seu Ito contêm espécies de banana de fritar (quatro mil) e da banana maçã (dois mil). Em outubro realiza o plantio, em abril a colheita e em julho a derruba do pé de banana, depois que a planta começa a secar. Em dezembro sai a muda “filhote”. O plantio ocorre na lua minguante porque o pé nasce baixo.

As bananas são comercializadas nos principais mercados de Porto Esperidião, o Catarinense e o Luzitano e, ainda, na rua. O valor cobrado para o quilo de banana é de R\$ 5,00; A banana é comercializada também em sacos ou em caixas. Uma caixa possui 25 kg e o valor é de R\$90,00, mas para o mercado da cidade sai por R\$ 100,00. A expectativa é de começar a vender por caminhão e o preço vai depender do tamanho do caminhão. Um dos problemas enfrentados é o valor do frete, por isso o seu Ito está buscando dialogar com o Gabriel Rupe, da aldeia Fazendinha, a fim de juntos transportarem os produtos das roças até a sede urbana de Porto Esperidião, cuja distância é de 160 km e, desse modo dividirem os custos do frete.

Imagem 12. Roça do cacique Vitor Ronaldo Gomes da Rocha e Sebastiana Mendes da Rocha



Fonte: Imagem de drone cedida por Roselino Paravá Ramos, maio de 2023.

Há um comércio interno entre famílias das aldeias que também compram produtos das roças do seu Ito, algumas organizações como OPAN, ICV e CIMI já compraram mudas de bananas para projetos relacionados com a segurança alimentar para os Chiquitano. Na roça da família do seu Ito há cultivo de milho fofo (branco) para o consumo da família e para a produção do fubá para fazer biscoitos, bolo, chicha e aluá; o milho para canjica (branquinho), quiabo (plantaram uma rua), e o amendoim, plantado em janeiro e colhido em abril (quatro meses); a batata da casca roxa, amarela, branca cultivada em maio; há uma batata da casca roxa com massa branca e massa rocha com casca roxa. O cará roxo e do branco; a mandioca cacau, a vermelha e a preta, a varedinha e a matrinchã. Arroz libonete (três meses), cuja semente

é guardada de um ano para o outro; arroz amarelo (grande), carolina (carijó e branco) e o preto; o agulhão (quatro meses) e o arroz vermelho. A cana-de-açúcar caiana para melado e rapadura, planta em outubro e colhe em abril (seis meses). Aprendeu a fazer rapadura durante o período que trabalhou na fazenda Engenho, do José Pinto e dona Gica.

O feijão cultivado pelo seu Ito é o carioquinha, no mês de abril deste ano pretende cultivar 30 kg dessa variedade. Já comprou 15 kg de sementes do Toninho da Vila Picada e buscará junto a outras instituições completar o restante. A produção de feijão depende da qualidade da terra, se a terra for arenosa ou terra de cultivo Na terra baixa (cultivo) o feijão será cultivado em maio, mas na terra alta (arenosa) recomenda o plantio mais cedo. O tamanho total da roça do seu Ito é de sete hectares, dividida em 3,5 hectares na parte de cima e 3,5 na parte de baixo e, aproximadamente 1 hectare na estrada. Para o trabalho a roça o seu Ito conta com o serviço de diaristas chiquitano da aldeia.

Os produtos mais cultivados nas roças para o consumo de alimentos são: banana, mandioca, milho, feijão, abóbora, arroz, quiabo, melancia, cana-de-açúcar e as frutíferas no terreiro, como mamão, goiaba, laranja, tangerina, pocã, acerola, abacate, tamarindo, ata. Os alimentos industrializados mais consumidos na aldeia são: óleo, feijão, arroz, macarrão, trigo e o refrigerante, muito apreciado e muito consumido.

É importante registrar que a roça familiar difere da roça coletiva, esta última tornou-se uma nova categoria de manejo a partir de projetos financiados por meio das associações e não corresponde ao modo tradicional das famílias. Nesse sentido é importante o diálogo com as famílias a fim de compreender como a roça coletiva poderá se transformar em uma alternativa de produção de alimentos e a concepção de coletivo na perspectiva chiquitano.

Algumas críticas foram efetuadas em relação ao uso de agroquímicos por parte de algumas famílias com a finalidade de matar matos e também o uso do trator para gradear a terra e o óleo diesel, cujo valor está entre R\$150,00 a R\$250,00. Já solicitaram diversas vezes esse apoio à FUNAI, mas não obtiveram retorno positivo. Outro desafio encontrado é o valor do frete para escoar os produtos manejados nas roças destinados a comercialização.

Há diferentes problemas nas roças da aldeia Nautukirch Pisiors que resultam da entrada do gado da aldeia Fazendinha porque os animais saem do pasto nativo e do pasto cultivado e se deslocam pela aldeia, adentram as roças das famílias, pisoteiam as áreas e os encanamentos que distribuem água. Embora tenha sido acordada com os caciques da Terra Indígena, que o gado deve ser mantido preso, a decisão ainda não tinha sido cumprida.

Saúde e procedimentos terapêuticos

A maioria das parturientes da TI Portal do Encantado realiza os partos nos hospitais dos municípios de Cáceres e de Mirassol D'Oeste com tendência elevada para partos cesarianos porque, segundo o técnico de saúde, as mulheres modificaram os seus modos de vida no trabalho, antes manejavam mais as roças e caçavam nas matas e no Cerrado, condição que favorecia movimentos e flexibilidades corporais. Este ritmo mudou, as mulheres estão mais sedentárias, condição que dificulta o parto natural.

Após o parto na cidade as mulheres retornam às aldeias quando inicia o cuidado pós-parto, classificado pelos profissionais de saúde como “trabalho cultural”, pois cabe às anciãs de cada família assumir os cuidados necessários. “Antes as mulheres ficavam quarenta dias de resguardo, mas atualmente o período tem se restringido para apenas dez dias” – afirmou Roselino.

A equipe de saúde na Terra Indígena Portal do Encantado é constituída por um médico, uma enfermeira e um dentista que atende os Chiquitano da Terra Indígena Portal do Encantado e da aldeia Vila Nova Barbecho e ainda, quinze aldeias dos Umutina. Há dois técnicos de enfermagem que permanecem no posto de saúde localizado na parte central da Terra Indígena e que se intercalam nos atendimentos a cada quinze dias. O atendimento da equipe acontece sempre no dia dez de cada mês com visitas às moradias das famílias e, com a elaboração de um relatório com os resultados dessas visitas.

O técnico de saúde Roselino Paravá Ramos defendeu a importância de uma equipe de profissionais para os Chiquitano, tendo em vista que a equipe divide o cronograma de trabalho com os Umutina. Observou que há muitas famílias que recorrem ao posto de saúde como última opção porque antes buscam suas próprias formas de cura oriundas de seus próprios conhecimentos. Os curandeiros indígenas atendem também não indígenas sem cobrar pelo procedimento, mas se o doente quiser retribuir com alguma ajuda seja em espécies (dinheiro) ou em alimentos, os curandeiros não recusam. Os jovens ainda não estão dedicados a prática da benzeção porque é o curandeiro ou o benzedor (a) que escolhe a pessoa que considera preparada para aprender. Os curandeiros reconhecidos e mais procurados segundo o técnico de saúde são os que estão em seguida:

Quadro 6. Curandeiros da Aldeia Terra Indígena Portal do Encantado

ALDEIAS	NOMES	ESPECIALIDADES
Acorizal	Rosa Pires Tomichá	Cobreiro, quebrante, engasgamento
Nautukirs Pisiors	José Ramos Paravá, seu Ito	Dor de dente, picada de cobra
Fazendinha	Lourenço Urupe	Curandeiro que benze de todas as especialidades
Fazendinha	Maria Auxiliadora Urupe	Sovadeira de dores e quedas
Paama Mastakama	Carmelo	Picada de cobra e da formiga tocandira

Fonte: Entrevista com o técnico de posto de saúde indígena, 03/03/2023.

No pólo de saúde da Terra Indígena Portal do Encantado localizado nas proximidades da Escola Indígena Chiquitano, há dois técnicos que prestam serviços às famílias e que mudam de plantão a cada quinze dias. Uma técnica é Luíza, não indígena, que trabalha na primeira quinzena do mês é Roselino Paravá Ramos, que permanece de segunda quinzena de cada mês.

De acordo com informações obtidas pelo técnico Roselino, o posto de saúde realiza mais de 300 atendimentos mensais. As principais doenças que acometem as famílias são a hipertensão (doze pessoas), diabetes (cinco pessoas) e doença mental (seis pessoas), que atingem pessoas acima de 40 anos de idade.

Para a agente de saúde Maria Catarina Mendes, a doença diabetes está relacionada na aldeia com o “consumo exagerado de carboidratos” pelas famílias das que tem preferência por mandioca, arroz e açúcar.

Imagen 13. Entrevista Vitor Ronaldo Gomes da Rocha e Sebastiana Mendes da Rocha



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 03/03/2023.

A saúde mental dos Chiquitano tem exigido atenção dos profissionais de saúde com acompanhamentos e avaliação sistemática. Há indícios de que a pandemia teria se tornado um marcador temporal importante nos processos de adoecimento de pessoas com indicadores de depressão, ansiedade e síndrome do pânico, a serem mais bem investigados com estudos mais profundos e específicos. Em razão desses problemas, a equipe solicitou a presença de uma psicóloga que atendeu algumas famílias durante três encontros e, as pessoas atendidas não souberem dizer se o trabalho terá continuidade nem os resultados do trabalho terapêutico.

De acordo com Roselino Paravá Ramos, os conflitos internos, a luta pelo território, as perdas e o luto resultante da COVID-19, a pressão da mídia durante a pandemia, seriam fatores importantes para o agravamento da saúde mental, principalmente em mulheres chiquitano; enquanto que nos homens, a hipertensão se desenvolveu e aumentou. Já as crianças sofrem de sintomas como a diarréia e as febres. As crianças de zero aos dez anos de idade são acompanhadas e pesadas pela equipe médica e não há casos de desnutrição.

O polo de saúde básica da Terra Indígena Portal do Encantado é constituído por quatorze profissionais chiquitano que trabalham nas aldeias:

Quadro 7. Profissionais do Polo de saúde indígena

ALDEIA	CHIQUITANO	ATIVIDADES REALIZADAS
Nautukis Pisiors	Cristiane Mendes	Serviços gerais
Nautukirs Pisiors	Roselino Paravá Ramos	Técnico
Fazendinha	Davi	Motorista
Nautukirs Pisiors	Catarina Mendes	AIS
Nautukis Pisiors	Vitor Ronaldo Gomes da Rocha	AISAN
Acorizal	Alexandra Mendes Leite	Motorista
Acorizal	Odir Tomichá	AISAN
Paama Mastakama	Alisson Mendes Urub	AIS
Fazendinha	Martina Surubi	AIS
Fazendinha	Gabriel Urupe	AISAN
Vila Nova Barbecho	Cleide Muquissai Chuê	AIS
Vila Nova Barbecho	Renildo Muquiçai Chuê	AISAN

Fonte: Trabalho de campo, entrevista com o técnico Roselino Paravá, 03/03/2023.

A área da saúde e da educação são as que mais empregam os chiquitanos cuja renda varia entre um a dois salários mínimos. Em segundo lugar, a renda vem da aposentadoria, dos auxílios e do Bolsa Família e, em terceiro, do trabalho nas fazendas.

O trabalho nas fazendas é realizado por seis chiquitanos, mas há mulheres que também atuam no serviço de limpeza e no preparo do almoço. Na aldeia Nautukirs Pisiors, o seu Vitor Ronaldo Gomes da Rocha (cacique) trabalha com roça e o seu José Ramos, seu Ito, com roça e o comércio dos produtos. Os jovens que trabalham com roça ajudam os pais até obterem a sua própria roça ou um trabalho remunerado.

Uma das preocupações do técnico de saúde está relacionada com o aumento do consumo de bebida alcoólica entre os jovens, considerando que poderá gerar dependência. O consumo aumenta nos finais de semana e o técnico avalia a importância de ações voltadas para combater esse problema. De sua parte, há muito interesse em cursos sobre o uso de plantas medicinais, conscientização/orientação para o controle do consumo exagerado de bebida alcoólica, cursos sobre a importância de alimentos orgânicos e do uso de adubos/defensivos orgânicos para as roças.

A água é classificada como de boa qualidade para o consumo. Há uma caixa d'água situada em frente à Escola Indígena Chiquitano para o armazenamento e distribuição às demais moradias da aldeia, sendo que cada aldeia tem uma rede própria, a Nautukirs Pisiors tem uma rede, a aldeia Fazendinha tem outra rede, a aldeia Paama Matákama e a Acorizal compartilham a mesma rede. O Agente Indígena de Saneamento AISAN – é o cacique Vitor, responsável por fiscalizar a distribuição de água na aldeia e percorrer os limites da Terra Indígena. Muitas vezes fiscaliza os encanamentos que estão no entorno da Terra Indígena. O principal problema levantado pelos representantes desta aldeia é a não demarcação do território indígena, pois tem implicações diretas no acesso a água potável cujas principais nascentes estão dentro de áreas ocupadas pelos fazendeiros.

Associação Sustentável Chiquitano – ASC

A Associação Sustentável Chiquitano – ASC possui 28 associados e foi criada em 2015, com o objetivo de favorecer parceria e execução de projetos na aldeia, além de distribuir os seus benefícios aos membros associados.

Esse modo de associativismo com estatuto e CNPJ foi orientado por um contador que, por meio de áudio, informava as famílias interessadas sobre quais documentos seriam necessários para a elaboração do estatuto e demais formalizações jurídicas.

Os associados pagam uma taxa de R\$ 10,00 para participar da ASC e desse modo, asseguram os benefícios oriundos de projetos aprovados ou executados. O pagamento poderá ser individual ou familiar, contudo, dependendo da situação manifestada à diretoria, é possível garantir outras formas de contribuição como a doação de carnes, bananas e/ou outros produtos da roça destinados a eventos específicos.

A criação da associação é avaliada como positiva pela diretoria porque permitiu aos Chiquitano participarem da FEPOIMT com a inclusão de Soilo Urupe Chuê de Vila Nova Barbecho e de José Antônio Paravá Ramos da Nautukirs Pisiors. A ASC representa duas aldeias: Nautukirs Pisiors e Paama Mastákama, tendo inclusive membros dessas aldeias na sua diretoria.

A diretoria da Associação Sustentável Chiquitano é constituída por Sebastiana Mendes da Rocha, presidente da Associação ASC e esposa do cacique Vitor Ronaldo Gomes da Rocha, sendo uma das responsáveis pelo grupo de mulheres da aldeia, que solicitou junto a OPAN materiais para a confecção de colares, brincos e outros acessórios feitos artesanalmente. A diretoria da Associação é constituída por Sebastiana Saboré Joviu (vice-presidente), Roselino Paravá Ramos (secretário); Ana Laíde Mendes Surubi (vice-secretária); Suelen Espinosa (Tesoureira); Elenir de Arruda Espinosa (Aldeia Paama Mastakama); Vitor (primeiro fiscal); José Antônio Paravá Ramos (segundo fiscal); Mariano Cesário Lopes Joviu (fiscal e cacique da Aldeia Paama Mastakama).

No dia 22 de novembro foi realizada uma reunião com os interessados no projeto da OPAN, este encontro foi articulado pela presidente da Associação. O cacique abriu a reunião valorizando a prática do artesanato e as ações destinadas à segurança alimentar, reconheceu o apoio que recebe das organizações, especialmente para os cultivos na roça, preparação da terra (gradeada) e o fornecimento de sementes e mudas. Lembrou que as mudas de bananas adquiridas pela OPAN foram da roça do seu Ito, que é vice-cacique para serem distribuídas as demais roças da TI Portal do Encantado e da aldeia Vila Nova Barbecho.

A ASC executa projetos junto ao Programa REM¹⁴ que tem a Associação como ponto focal e o Instituto Centro de Vida (ICV) como gestor. O projeto desenvolvido pela aldeia junto a REM/ICV/FEPOIMT transferiu para a ASC cinco mil mudas de banana-da-terra e para cada aldeia associada foram destinadas duas mil e quinhentas mudas. Uma parte das mudas foi obtida da roça do cacique Mariano Jovio, da aldeia Paama Mastakama e, a outra parte, da roça do vice-cacique José Ramos, seu Ito, da aldeia Nautukirs Pisiors. O valor pago por cada muda foi de quatro reais (R\$ 4,00), totalizando 20 mil reais (R\$ 20.000,00); cada vendedor ficou com dez mil reais (R\$ 10.000,00). De acordo com os nossos interlocutores da ASC pelo menos 200 mudas não estavam em boas condições para o plantio e reivindicaram a substituição.

3.3 TI PORTAL DO ENCANTADO . ALDEIA PAAMA MASTAKAMA

A aldeia Paama Mastákama se originou no ano de 2014, a partir da ruptura de uma parte da família de Rosária Lopez da aldeia Acorizal, antes formada pelas famílias de Felipe Monteiro, Inácio Tomichá, Rosária Lopez e os seus descendentes. De acordo com as nossas interlocutoras da aldeia, o motivo da separação foram os constantes desentendimentos entre as famílias, mas, para garantir a luta pelo território e a manutenção da língua materna, uma parte da família de Rosária Lopez decidiu criar uma nova aldeia e autorizar ao Mariano Cesário Lopes Jovio ocupar a posição de cacique. O campo de futebol estabelece o limite entre as duas aldeias, de um lado a aldeia Acorizal e do outro a aldeia Paama Mastákama, porque na área referenciada à Paama estariam agrupados os descendentes de Rosária Lopez Jovio. Há na aldeia quatro famílias aparentadas do cacique, mas prefere silenciar sua identidade Chiquitano.

De acordo com a Sebastiana, filha do cacique Mariano, o conflito entre as aldeias poderá existir se o poder do cacique de Acorizal se estender para dentro da aldeia Paama Mastákama sem considerar a existência de lideranças locais; mas as forças poderão se unir quando as ações se voltarem para a luta na demarcação do território Chiquitano.

As mulheres da Paama Mastákama afirmam que a aldeia é ocupada por 12 moradias, 13 famílias, 68 pessoas e, dentre elas, 18 crianças, 13 mulheres e 15 homens. O cacique é o Mariano Cesário Lopes Jovio e a vice-cacique é a Elenir de Arruda Espinosa, sobrinha do Mariano.

Nossas interlocutoras relataram que cada aldeia possui um santo (a) padroeiro (a), representado (a) pela imagem de um santo ou uma santa católica. A padroeira da aldeia Paama Mastakama é a Nossa Senhora Aparecida, festejada no dia 11 (véspera) e 12 de outubro. A santa padroeira tem como objetivo acolher as famílias quando estão enfrentando alguma dificuldade, realizar pedidos, promessas e proteger as pessoas contra especialmente contra doenças. A santa padroeira de Acorizal é a Nossa Senhora Terezinha, festejada no dia 01 de outubro, da Fazendinha é o São João Batista, festejado nos dias 23 (véspera) e 24 de junho. Na aldeia Nautukirs Psiorch o cacique é evangélico da Assembléia de Deus e, portanto, não há uma padroeira, mas o seu Ito construiu uma capela em seu terreiro para ser ocupado por um santo (ver o anexo 1 sobre festas e práticas culturais e ceremoniais).

¹⁴ Programa de Redução das Emissões do Desmatamento e da Degradação REDD+ Early Movers de Mato Grosso (REM).

Imagen 14. Roda de conversa com lideranças da aldeia Paama Mastakama



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 22/11/2022.

As celebrações aos domingos acontecem na igreja católica e são dirigidas pela Dionízia, da aldeia Acorizal (identificada como ministra). As jovens participam também do cenáculo, uma reunião cristã que acontece nas moradias e são organizadas pelas famílias.

Outra festividade importante é o Carnaval, identificado de Curussé. O cacique é músico e toca o fífano, principal instrumento da festa. O bombo é tocado pelo Carmelo, que também é benzedor na aldeia. O cacique sabe trabalhar o couro de boi, mas o bombo é comprado na Bolívia ou, de um homem chamado Batista, que fabrica o instrumento e vive na sede urbana de Porto Esperidião. O cacique conhece muitos termos da língua materna e afirmou que guarda um caderno de sua mãe, Rosaria Lopes Jovio, com quem aprendeu a falar em chiquitano e as orientações para o carnaval chiquitano.

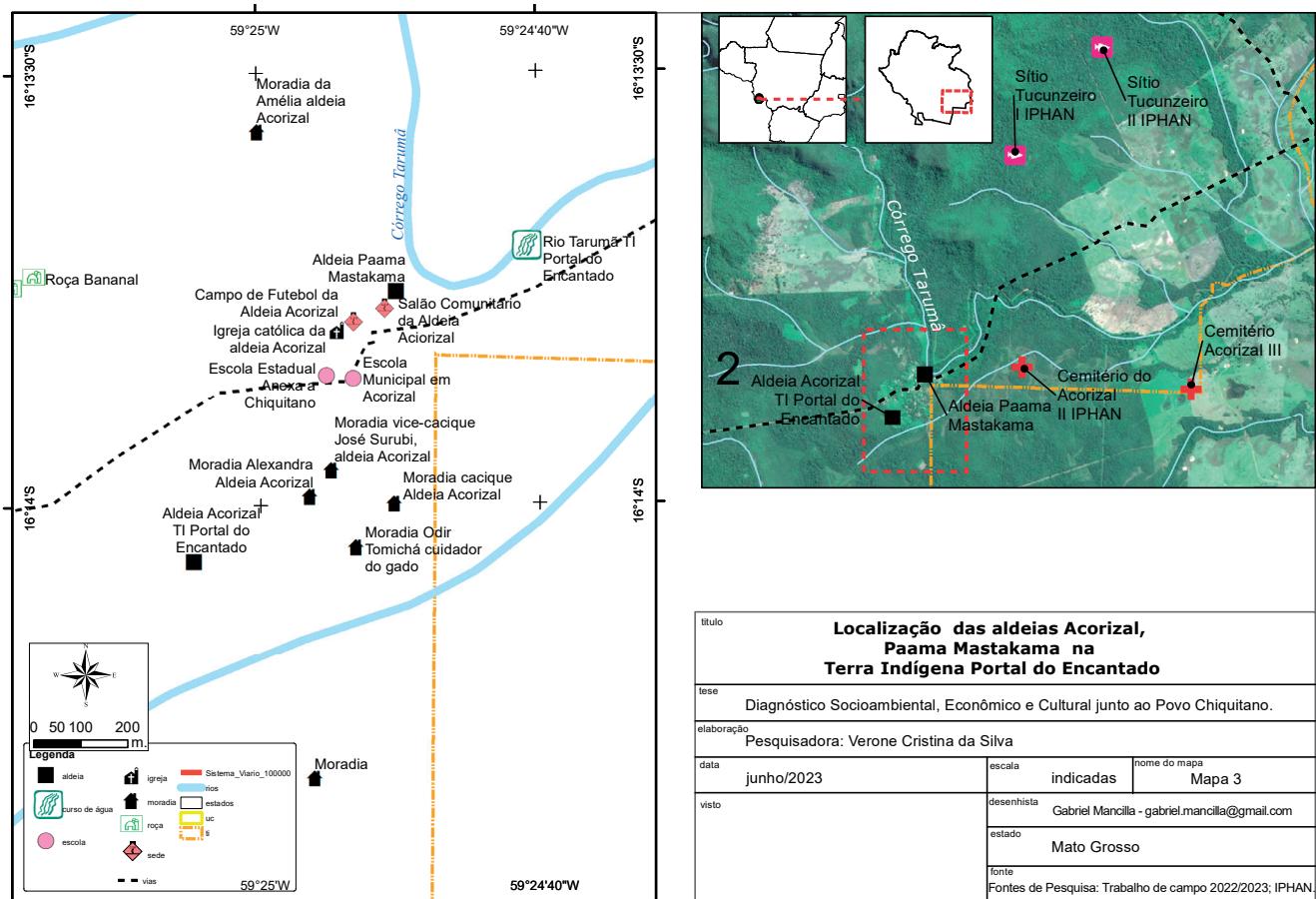
Os Chiquitano da aldeia estão articulados em um grupo chamado Noraiarés e realizam diferentes práticas culturais nas quais articulam os seus saberes:

Quadro 8. Práticas Culturais da Aldeia Paama Mastákama

EVENTO	PERÍODO	RESPONSÁVEL	DESCRIÇÃO
Apresentação de dança e canto da andorinha pelo grupo Noraiarés, constituído por 15 pessoas.	Eventos culturais previamente programados.	Mariano Lopes Jovio	O grupo Noraiarés executa a dança do curussé e da cobrinha em parceria com o grupo de Acorizal. A dança do Apá é realizada apenas pelo grupo da aldeia Paama Mastákama.
Encontro Multicultural	Catarina Mendes Dia dos Povos Indígenas – 19 de abril	Aldeias da TI Portal do Encantado	Evento organizado pelos jovens com apresentação da dança Curussé no período noturno. Durante o dia ocorre competição de arco e flecha, peteca, futebol, queimada, corrida de tora. Nesse dia, os alimentos são compartilhados como o peixe assado, a patasca, a mandioca e a chicha.
Copa Verde	Março	Líder de Acorizal	Campeonato de futebol organizado pela aldeia Acorizal. Os coordenadores realizam essa atividade há quatro anos com venda de produtos e cobrança de inscrição.
Copa Fronteira	Junho	Prefeitura de Porto Esperidião	Campeonato de futebol realizado pela prefeitura entre as comunidades e aldeias na fronteira. Nesses eventos a Aldeia Paama Mastákama participa e é reconhecida.

Fonte: Rodas de conversa. Aldeia Paama Mastákama, 22/11/22.

Imagen 15. Croqui de localización da aldeia Paama Mastakama



Fonte: Trabalho de campo. Paulo Luís Eberhardt, 24/11/2022 e 03/03/2023.

Saúde e procedimentos terapêuticos

Quando uma pessoa da aldeia Paama Mastákama adoece, a família busca tratamento no posto de saúde do pólo chiquitano e, também recorre aos curandeiros de outras aldeias, dentre eles o seu Ito (aldeia Nautukirs Pisiors); o Florêncio Urupe (Vila Nova Barbecho) para remédios medicinais; a dona Rosa (Acorizal, para quebrante); e ao seu Carmelo (Paama Mastakama, contra picada de cobra e da formiga tocandira). Há uma parteira na aldeia cujo nome é Maria Catarina, mas a maioria dos jovens já realiza os seus partos em hospital da sede urbana.

Na Terra Indígena Portal do Encantado há quatro cemitérios e quando morre uma pessoa, as famílias realizam cerimônias ao morto e entoam canções na língua materna, a mesma executada na escola como ensino da cultura chiquitano e nas apresentações culturais. Nos períodos de intenso calor e clima muito quente, as famílias transportam águas em baldes e levam para os cemitérios, com o objetivo de lavar os túmulos dos falecidos e, além dessa prática, realizam visitas aos túmulos dos falecidos no dia dois de novembro, para rezar, levar flores e lavar os túmulos. Quando os vivos sonham com os mortos levam velas para os cemitérios e as acendem sobre os túmulos a fim de iluminar as almas dos mortos. Os cemitérios na Terra Indígena são dos Anjinhos; de Acorizal, onde dona Rosária Lopez está enterrada; o da estrada e o cemitério da aldeia Fazendinha. O IPHAN cadastrou três cemitérios da aldeia Acorizal e registrou como sítio arqueológico recomendando medidas de proteção para o contexto dos sítios (IPHAN, 2019).

Na aldeia Paama Mastákama há artesãos que fabricam colares de sementes e dente de animais, obtidos por meio da caça de subsistência como do caititu e da queixada. Outros materiais utilizados para fabricar brincos são as penas das galinhas- d'angola e as penas das araras, apanhadas no chão e usadas também na fabricação de cocares.

Figura 16. Roda de conversa com lideranças da aldeia Paama Mastakama



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 24/11/2022.

As famílias da aldeia formaram um grupo de mulheres para fabricar artesanato. Uma das representantes solicitou à OPAN materiais como linha, tesoura, tintas, ferramentas, e ganchos. Houve a indagação sobre a possibilidade de alguém de fora da aldeia contribuir ministrando cursos e oficinas de artesanato porque querem aperfeiçoar, ampliar e diversificar o trabalho.

Outros materiais como a cuia, o pote, a concha, a gaveta para acondicionar a chicha, o forno de assar bolos e outros alimentos são fabricados na aldeia. A bebida chicha, à base de milho ou de mandioca fermentados, é fabricada na aldeia e servida durante os três dias de Carnaval, já a bebida aluá é feita com o milho torrado. Sobre os procedimentos e fabricação da bebida, ver Silva (2017).

O cacique e as lideranças realizam parcerias com diferentes instituições: Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI); Agente de Saúde Indígena e Agente Indígena de Saneamento; Coordenação Técnica Local (CTL/FUNAI/Pontes e Lacerda); Prefeitura do município de Porto Esperidião (merendeira da Escola de Acorizal), a Comissão Indigenista Missionária (CIMI) já desenvolveu trabalhos junto às famílias, porém no momento não estão mais atuando no local.

A rede de água da aldeia Paama Mastakama é a mesma que a de Acorizal, cada aldeia possui um agente de saúde, mas apenas um agente de saneamento, que é o Odir Tomichá, que é o “cuidador do gado”, função exercida na Aldeia Acorizal. Há uma nascente de água nas imediações desta aldeia Paama Mastakama e as lideranças propuseram ao Programa REM/ICV-MT a implantação de uma captação de água

para atender as famílias e, segundo as nossas interlocutoras, o projeto foi aprovado e será vinculado ao REM estruturante. As famílias compreendem que, dessa forma, terão a sua própria rede de água.

O cacique Mariano Cesário Lopes Jovio defende que a principal reivindicação da Aldeia Paama Mastákama é a demarcação do território Chiquitano, pois os materiais necessários para preparar os artesanatos estão fora da terra indígena e dentro das fazendas. Não há mais buritis para fabricar vestimentas e os lugares sagrados estão fora dos cinco mil hectares, portanto os jovens não freqüentam os lugares sagrados. Há ainda uma preocupação do cacique com o desmatamento do entorno, cuja prática discorda veemente.

Outra preocupação do cacique Mariano é com a qualidade da água, pois o entorno da Terra Indígena Portal do Encantado está ocupado por cultivo de soja cujas fazendas têm lançado agrotóxicos que caem na terra e, consequentemente, na água. Ele teme que seus netos não possam mais consumam a água com a mesma qualidade que atualmente a sua família consome.

Um dos projetos da aldeia é a construção de uma casa cultural e o cacique avalia a importância desse espaço para a geração de renda daqueles que atualmente trabalham como diaristas nas fazendas. O cacique Mariano relatou que os recursos que recebem por meio da FUNAI para o manejo das roças são poucos, que a instituição está sucateada e, quando solicitam sementes elas chegam atrasadas, fora da época de plantio, como ocorreu com o milho.

Imagen 17. Homem carregando banana na aldeia Paama Mastakama



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 22/11/2023.

3.4 TI PORTAL DO ENCANTADO. ALDEIA FAZENDINHA

O chiquitano Cirilo Gabriel Rupe ocupa a posição de cacique há trinta anos e comprehende que o cacicado é um poder transferido de pai para filho, seguindo a linhagem masculina. O primeiro cacique da aldeia Fazendinha foi o Inácio Peteá, em seguida Manoelito Rocha, posteriormente, Lourenço Ramos Rupe, pai de Cirilo. As famílias da aldeia elegem o cacique e a opção é sempre pelo chiquitano mais velho: “O cacique é o chefe, o capitão da tribo, os problemas que surgem vem para o cacique, problemas da terra, e em caso de briga também” (Cacique Cirilo Gabriel Rupe, aldeia Fazendinha, 04 de março de 2023).

A memória oral dos Rupe traz conteúdos sobre o tempo em que o seu grupo familiar vivia como “permissionária” no Destacamento Militar Fortuna. O período vivido sob o comando dos soldados no quartel provoca tristeza e revolta em Maria Auxiliadora, que não pôde conter as lágrimas ao narrar sua história de vida e de sua família na Fazendinha, embora tivessem recebido assistência de alimentação e serviços, plantavam uma tarefa de doze e o pai Lourenço Rupe criava a vaca gir leiteira, obtida em troca por um porco.

Maria Auxiliadora Rupe, irmã do cacique Cirilo Rupe enfatizou: “Nós somos diferentes dos Chiquitanos de Acorizal porque nós fomos educados no quartel!”. Os soldados do destacamento exigiam que as famílias ocupassem uma moradia com até dez filhos e cumprissem as regras higienização à risca, com o objetivo de modificação de hábitos e modos de vida. Alguns nomes foram alterados como o de José Mendes Caxupá, registrado como José Mendes:

Havia no destacamento ensinamentos e higienização para a transformação de costumes e da língua materna. O tipo de alimento servido, a vacinação contra doenças, as ferramentas recebidas de soldados que andavam sobre búfalos, as famílias lavavam os cabelos e tiravam piolhos nos finais de semana (Maria Auxiliadora Rupe, Aldeia Fazendinha, entrevista realizada em 05 de março de 2023).

Para continuar vivendo na terra controlada pelo Exército, as famílias prestavam serviços aos soldados pelo menos uma vez na semana em forma de mutirão, trabalhavam na limpeza do quartel e assumiam outras demandas exigidas. As crianças estudavam na escola do quartel e a anciã da família, Tereza Rupe, lavava as roupas dos soldados.

As festas tradicionais foram mantidas pelos soldados como as dos santos e o Curussé:

O quartel não proibia o Curussé e a gente dançava no próprio quartel, tomava chicha azeda, doce e o aluá. Só cozinhava na terça-feira de Carnaval. Matava vaca, comprava o sal de pedra da Bolívia e socava, virava um pó que servia para temperar e conservar os alimentos (Maria Auxiliadora Rupe, aldeia Fazendinha, entrevista realizada em 05 de março de 2023).

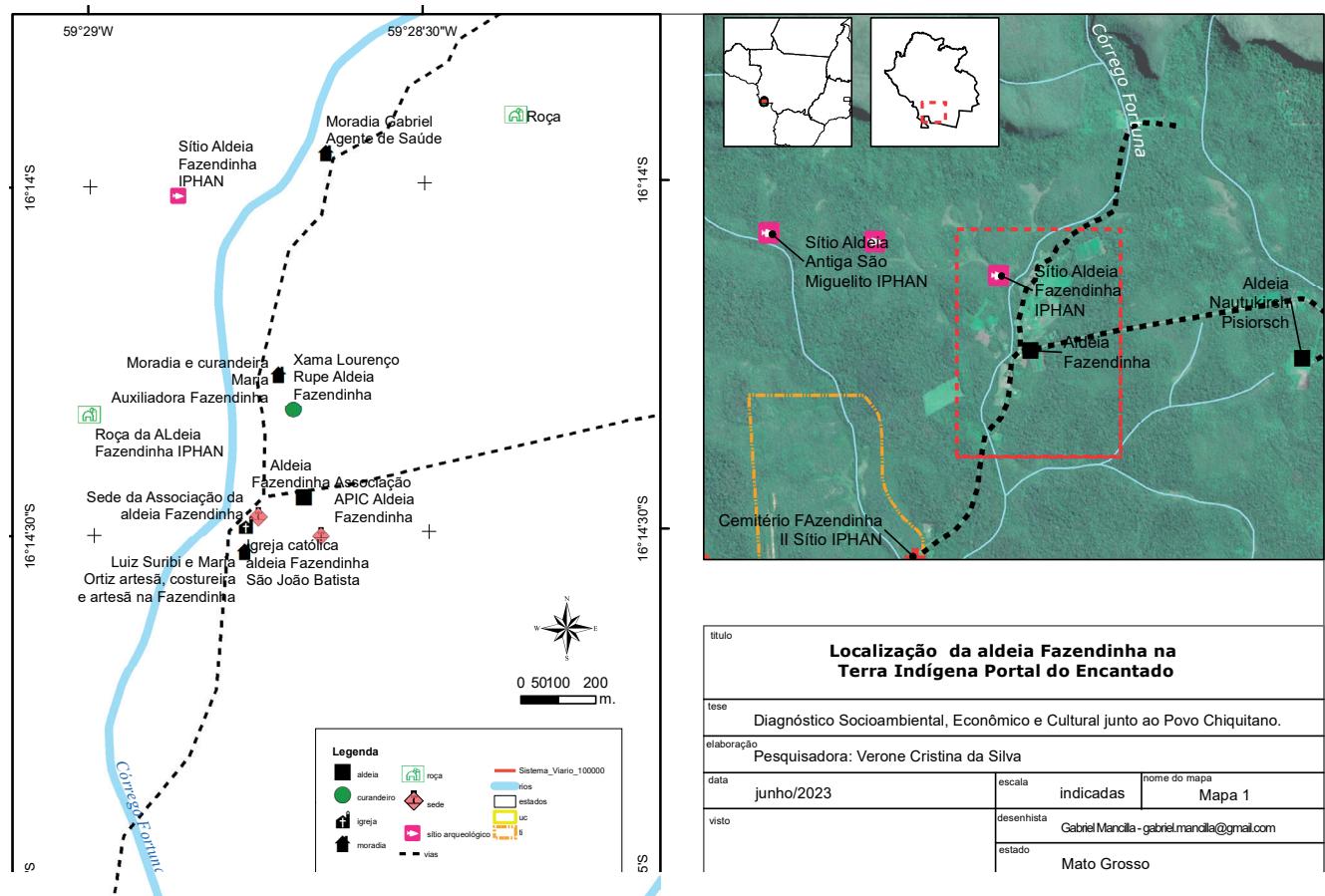
Outros temas que estão na memória dos Chiquitano da Fazendinha refere-se as diferentes versões sobre as perseguições sofridas pelos Nambikwara, de que queriam tomar as terras onde viviam os Chiquitano e de que os Nambikwara subiram a Serra de Santa Bárbara onde está o marco de divisa Brasil/Bolívia. Outros argumentos sustentam que os Nambikwara eram classificados de “índios” e “bárbaros” e que havia uma mulher chamada Josefina Caxupá que trabalhava na coleta da poaia e atravessava o rio Guaporé enfrentando os ataques dos “bárbaros” e da malária.

Atualmente a aldeia Fazendinha é formada por vinte e três famílias das quais dezessete vivem na aldeia e ali mesmo trabalham, mas seis prestam serviços às fazendas Rancho, Santa Aparecida, Vila Cardoso. De

acordo com o cacique Cirilo Rupe são setenta e quatro pessoas que afirmam a sua identidade chiquitano, número avaliado como importante.

Além disso, o número de mulheres é superior ao de homens, mas o nascimento de quatro crianças do sexo masculino foi apontado como uma possível mudança nesse cenário representativo. As mulheres afirmaram que na aldeia Acorizal nasceram quatro crianças do sexo feminino, avaliando a probabilidade de futuros casamentos.

Figura 18. Croqui de localização da aldeia Fazendinha



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 22/11/2022 e 07/11/2023.

Roça, água e produção de alimentos

Segundo o cacique Cirilo Rupe há variações nos tamanhos das roças das famílias da aldeia; as maiores em tamanho e mais distantes da moradia são chamadas de “roça”, já as “roças de quintal” são aquelas menores e no entorno das moradias. Além disso, cada família possui a sua própria roça. O manejo de “roça coletiva” é um projeto recente e coordenado pela Associação APIC, que disponibiliza uma área próxima à sede para o plantio de diferentes espécies como banana, melancia, abóbora; além de roça há um galinheiro implantado com recursos do projeto REM/ICV cujos frangos são comercializados para famílias da própria aldeia ou de outras aldeias, o recurso é mantido na associação; atualmente, são onze famílias que trabalham com roça destinada ao consumo de alimentos, principalmente banana, arroz, feijão, abóbora, batata, amendoim, cana-de-açúcar, mamão e cará.

Uma das estratégias adotadas pelas mulheres para obter sementes crioulas e garantir a reprodução e a conservação das espécies é a “troca”, ou seja, “quando eu não tenho, ela tem” – disse Maria Auxiliadora. A troca pode ocorrer de uma semente por outra, entre mudas ou ainda, entre produtos diferentes, como sete litros de sementes de milho por mudas de banana. Ou ainda, como as famílias de Acorizal plantam arroz trocam por outros produtos. Além disso, trocam ervas medicinais e plantas ornamentais. Portanto, sementes e mudas e relações circulam nas aldeias da TI Portal do Encantado favorecendo a conservação de diferentes espécies, bem como os saberes chiquitanos.

Dos principais alimentos cultivados nas roças, a mandioca é o mais apreciado pelas famílias. Todos os dias consomem mandioca que pode ser cozida, assada, moída ou para fazer a chicha, “(...) não é enjoativo e quando começa a folha da planta cair ou a rachar o chão está na hora de arrancar a raiz para comer” – afirmou Maria Auxiliadora.

Antes o manejo da roça iniciava no mês de agosto, mas por causa das chuvas escassas estão iniciando a plantar em outubro. A lua minguante é referência importante para o plantio ou, ainda a lua cheia, porque avaliam que a mandioca cresce grossa e forte. A mandioca roxa é plantada na mata alta para ficar protegida, ela produz raiz em pouco tempo; a mandioca cacau é por ano; a matrinchã vermelha e escura é também por ano; há uma espécie de mandioca que parece uma batata com rápida produção de raiz e muito antiga na região; a mandioca vassourinha e a mandioca amarelinha são também cultivadas.

As espécies de milho mais cultivadas são o milho fofo (amarelo, branco, amarelo), o duro e o híbrido. Já tiveram sementes do milho preto, infelizmente desapareceram e se extinguiram das aldeias. O milho selecionado é cultivado para alimentar o frango e os pintinhos. Antes o plantio do milho ocorria em outubro, mas agora estão realizando a partir de novembro. A colheita do milho era feita na lua cheia e o armazenamento em jiraus, uma estrutura construída com o caule da palmeira bocaiúva, erguida horizontalmente no teto da cozinha. Outros produtos como farinha, arroz, abóbora e outros produtos destinados às refeições permaneciam nos jiraus protegidos do vento e dos animais.

Atualmente os alimentos são armazenados em uma habitação chamada paoil, cujo espaço é higienizado com cinzas mantidas no ambiente por até quinze dias, após a colheita das espécies cultivadas, separam as sementes que são engarrafadas e armazenadas no paoil. As sementes armazenadas para futuros plantios são chamadas de “milho de paoil”.

O ancião e curandeiro Lourenço Rupe e sua esposa Tereza Rupe cultivam diferentes espécies de banana em suas roças, como a banana-maçã, a banana-ouro, a banana-da-terra, a banana-nanica, a banana-nanicão e a banana-prata. A banana-chifre-de-boi, muito utilizada no preparo de bebidas fermentadas, como a chicha, não é mais encontrada na região. A melancia é cultivada antes do mês de agosto ou no final das chuvas para evitar a umidade abundante. Outras frutas também são cultivadas e apreciadas como o melão, o limão, o mamão-macho para remédio, o mamão-pequeno, a laranja, o maracujá, a goiabila, o araçá, a manga, o caju amarelo e o vermelho.

Na lua crescente não plantam porque na perspectiva das mulheres essa lua fragiliza a espécie que poderá cair com o soprar do vento, mas se o céu estiver escuro e sem lua é possível plantar. Portanto, é necessário observar e seguir o calendário lunar para realizar o plantio.

O mês de janeiro foi favorável para o cultivo do arroz agulhinha sendo que a sua colheita ocorreu após três meses do plantio. A semente crioula de arroz carolina de grão pequeno e redondo está guardada pela família da Maria Auxiliadora para o seu posterior plantio; mas a semente do arroz preto está extinto na território. O arroz do brejo é uma espécie nativa e poderá ser manejada no ambiente. O feijão mais cultivado é o carioquinha e o seu plantio ocorre em março. As sementes do mulatinho, do manteiga e do

rosa estão extintas nas aldeias. O amendoim branco, vermelho e o cavalo são cultivados no mês de janeiro, no mesmo período do arroz, sendo apreciado tanto para o consumo quanto para a fabricação de uma bebida chamada localmente de chocolate.

As plantas frutíferas cultivadas nos quintais como a acerola, a melancia, a mexerica, o maracujá, a goiaba, o melão, a pitomba, o tamarindo, o caju já foram disponibilizadas para o comércio por meio de uma parceria com a COOPERSOL (Cáceres), o CTA (Ponte e Lacerda), a Prefeitura (Assistência Social) e a FEPOIMT tendo em vista o melhorar aproveitamento das frutas. Entretanto, parte das frutas está estragando nos quintais porque os compradores não pagam os valores solicitados pelas famílias chiquitanas, que não se interessam em vender por preços mais baixos.

As famílias criam frangos para o consumo e a comercialização. A família de Maria Auxiliadora Rupe criou mais de 100 frangos caipira destinados ao consumo e ao comércio. Atualmente cria 40 frangos no quintal e 20 cabeças de gado na área coletiva da aldeia e, ainda, pretende criar porcos. Os principais alimentos industrializados são adquiridos fora da aldeia como macarrão, óleo, café, sal, açúcar, extrato de tomate, creme dental, palha de aço, detergente, sabão em pó, creolina, sabonete, vestimentas. Na aldeia há uma moradia, próxima à Fortuna que comercializa alguns produtos industrializados, carnes e peixes.

É possível que membros das famílias se desloquem para a sede urbana a fim de efetuarem algumas compras. O deslocamento pode correr de duas formas. Da aldeia para o Trevo e do Trevo até Pontes e Lacerda. Ou, ainda, da aldeia para Vila Picada e da Vila Picada até a sede urbana de Porto Esperidião. Na Vila Picada há um ônibus disponível três vezes na semana. O valor do deslocamento e do retorno fica em torno de R\$300,00. A pessoa aposentada se desloca de carro fretado ou de motocicleta.

Figura 19. Roça de banana. Pajé Lourenço Rupe, Cacique Cirilo Rupe e AINSAN Gabriel Rupe na aldeia Fazendinha



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 24/11/2022.

O manejo do gado na aldeia Fazendinha

Na aldeia Fazendinha somente uma família não maneja gado bovino, embora tenha realizado essa prática anos anteriores. Há uma área de pastagem nativa com aproximadamente 150 a 200 animais registrados em nome do cacique Cirilo Rupe e de sua irmã consanguínea Maria Síria Rupe. Quando os animais atingem a fase adulta são marcados na orelha pelos próprios donos, pois na Fazendinha não há um responsável pelo gado como na aldeia Acorizal. Quando alguém identifica um animal doente, avisa o dono que, imediatamente, busca os meios necessários para o tratamento.

As famílias afirmam que os animais são muito importantes para o consumo, muito apreciado no dia a dia, mas também nas festas e nos encontros familiares para a comensalidade, e, ainda, “serve como poupança” – afirmou Maria Cleonice Rup, pois em caso de adoecimento de algum membro da família é possível vender um bezerro e obter dinheiro para comprar remédios, pagar transporte para viagem à cidade, realizar exames clínicos e outros benefícios pessoais e domésticos como comprar roupas e calçados. A família do cacique Cirilo Rupe e Maria Cleonice Rup já comprou freezer, motocicleta e bicicleta com dinheiro oriundo do comércio do gado.

Figura 20. Manejo do gado na aldeia Fazendinha



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 06/03/2023.

O cacique argumentou que no período em que havia somente as aldeias Fazendinha e Acorizal o quartel exigia que as roças fossem cercadas com madeira, mas o gado poderia ficar solto. O gado percorria a estrada da Fortuna até a ponte do rio Tarumã e o posto de aviação, sendo possível encontrar os animais no Trevo. Do ponto de vista do cacique o problema começou com a ruptura e a formação de novas aldeias no território e atualmente é necessário prender o gado e controlar o seu deslocamento.

Outro importante consumo da carne é durante a festa do padroeiro da aldeia São João Batista, no dia 24

de junho. A carne é assada e servida no jantar como churrasco na véspera do dia do santo (23/06), há uma Missa à meia-noite e os participantes seguem em procissão até o rio para a lavagem do santo. Após a cerimônia cada pessoa procura a sua imagem na água, como garantia de saúde, proteção e vida. Cada família da aldeia colabora doando dois frangos e um bolo de sua preferência. No dia 24/06, pela manhã, há uma pequena refeição e, no almoço, servem novamente a carne de gado assada com chicha e aluá. Há uma programação mais geral que segue abaixo:

Dia 23/06

- » Competição de quadrilha com premiações (Escolas da aldeia Vila Nova Barbecho e Escola de Ascención (Bolívia))
- » Jantar (21 horas)
- » Som mecânico
- » Reza à meia noite
- » Lavagem do santo
- » Pular a fogueira
- » Chá da meia noite

Dia 24/06

- » Quebra - torto (pequena refeição pela manhã), bolo de arroz, bolo de milho
- » Almoço
- » Jantar
- » Arrumação de tudo

Figura 21. Reunião na aldeia Fazendinha



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 21/11/22.

O santo homenageado pertencia a Antônia e Cristóvão Costa Leite, um antigo tocador de caixa e avós do cacique Cirilo Rupe. Portanto, a família do cacique já realizava a festa que passou a ser da comunidade. A festa acontece na igreja, ao lado do barracão da associação.

A decisão de elevar São João a padroeiro da comunidade ocorreu através de uma reunião, por ser um santo milagroso, atender aos pedidos das famílias e proteger de doenças. “No dia do santo o Sol dança, as estrelas balançam com fogueira de angico. As cinzas são guardadas para tratamento da dentição de crianças, para que não apodreçam e, ainda, são usadas como chá medicinal porque os santos têm poderes” (Maria Cleonice Rup, aldeia Fazendinha, TI Portal do Encantado, 04/03/2023).

O curandeiro Lourenço Rupe da aldeia Fazendinha disse que “São João Batista era um curador que tirava [o mau] com as mãos” e que há muitos modos de curar, com oração, com plantas, com óleo de animais e citou: “todos os paus é tudo remédio”. “Óleo de lagarto, de cascudo, de cágado do mato e da água, azeite de vaca, de galinha e de ema. O barro cura febre alta, o cupim espanta o mosquito e as abelhas borá e jati também curam”.

Sobre São João Batista, o curandeiro Lourenço Rupe falou:

O pai disse que São João Batista era curador. O santo tirava com a mão. O curador São João acabou e seu Lourenço perguntou ao pai: Não tem mais curador? Mas só vai ter feiticeiro? Quem quiser ser curador tem que rezar por um ano! E pensei lá em São José, onde eu morava (...)! Lá vi o São João que falou: agora você vai trabalhar como curador. Deus falou, você cumpriu. (Lourenço Ramos Rupe, aldeia Fazendinha, TI Portal do Encantado, 05/03/2023).

Há cerimônias na aldeia para homenagear outros santos. O Santo Antônio pela família de Luiz Surubi; o São Miguel pela família da Maria Auxiliadora; a Nossa Senhora de Fátima pela família do Lourenço Rupe. A diferença é que as homenagens acontecem nas moradias e são preparadas pelos donos. Nesta aldeia fazem também a festa do Carnaval. O pajé Lourenço Ramos Rupe é o fifaneiro da aldeia e convededor da música tradicional e dos instrumentos musicais; há um toque musical para cada momento das festas e cerimônias, o da alvorada, o da comida, o da Bandeira colorida, o da Bandeira Preta, o da trava, o da caixa para chamar os participantes.

Os trançados, as costuras e outras tramas

O cacique Cirilo Rupe fabricava baquité, peneiras e outros trançados, mas não continuou a praticar porque considerou que o seu trabalho tinha pouco valor e importância. Atualmente, a Maria Aparecida Ortiz Penha é reconhecida como a artesã da aldeia Fazendinha, aprendeu a fabricar os trançados na Escola Indígena Chiquitano, é costureira, faz reparos nas vestimentas, bordados em ponto-cruz e crochê com linhas de algodão.

O trabalho artesanal da Maria Ortiz é feito sob encomenda e voltado para o comércio. A preparação dos trançados tradicionais para o cesto ou balaio é feito com a taquara coletada ainda verde, elege-se a taquara sem o nó para que se tenha um melhor aproveitamento, depois de cortada com o facão é retirada tira por tira, que serão separadas e deixadas ao sereno por uma noite, no dia seguinte, as tiras serão raspadas com uma boa faca para o trançado. A apá é feita com a casca do buriti e serve para abanar o arroz. Primeiramente é feito o arco da taquara e, com uma linha de barbante a amarração. As formas para os trançados chiquitano são a estrela, a escama de sucuri e a asa de gavião. A peneira é feita com a taquara

na forma escama de sucuri.

Na aldeia já fabricaram gamela de madeira de cedro e aroeira; arco da madeira coração de negro, flecha e zagaia. A rede era fabricada para diferentes fins, a trançada, a tecida para dormir e a chipa¹⁵ para pescar.



Figura 22. Produção de artesanato por Maria Ortiz, aldeia Fazendinha



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt ,07/03/2023.

15 Instrumento tecido com fios de algodão para capturar peixes.

A principal dificuldade indicada é a de encontrar o buriti, de onde se extrai a seda para fabricar roupas e colares. Havia um importante buritzal, nas proximidades do rio Fortuna, onde realizavam a coleta, mas sofreu muita pressão e impacto devido a coleta incorreta da seda, “muitos retiram o broto e jogam fora, desse modo a palmeira morre, não sendo possível a sua conservação” – afirmou a artesã Maria Ortiz e confirmou a artesã Rosa Pires, da aldeia Acorizal.

No quintal da moradia da Maria Ortiz e Luiz Surubi há uma roça de mandioca e abóbora, com aproximadamente trinta e cinco frangos criados soltos. Além dessa proteína, realizam a caça de subsistência com cães especializados. Esta família possui oito cães, mas já tiveram doze. Entre os cães há o mestre, como é chamado o cachorro principal. O mestre é silencioso, atento e bravo quando está longe de seus donos; possui privilégios, como o de comer antes dos demais e ser respeitado em suas decisões. Além disso, Luiz Surubi considera que os cães são importantes na proteção da moradia, pois impedem que perigos diversos se aproximem. Os dias recomendados para realizar caçadas de subsistência são as segundas e as quintas-feiras, de acordo com este ponto de vista, são nesses dias que os animais estão livres de seus espíritos-donos, na concepção chiquitano os donos seriam os guardiões dos recursos da natureza.

O Luiz Surubi está interessado em participar de brigadas contra o fogo, afirmou que o fogo veio da Serra de Santa Bárbara e chegou até os bananais “foi bravo e beirou as moradias, queimou paiol e galinheiro em Acorizal. O raio também traz fogo” – afirmou o vice-cacique.

Algumas sugestões foram apresentadas pelas famílias da aldeia Fazendinha como ações para o artesanato voltadas para a geração de renda voltada; criação de estratégias para que os jovens preservem a mata, os buritzais, a água; que as famílias que criam gado cerquem os pastos a fim de que os animais não destruam as roças, mais estudos e trabalhos pedagógicos sobre a língua materna; conservação das nascentes do rio Tarumã e das plantas medicinais encontram-se do outro lado da Serra e em área da fazenda, dificultando o acesso. A TV e o celular têm ocupado o tempo das crianças e dos jovens em substituição aos ensinamentos dos antigos, sendo necessário que as famílias orientarem os jovens nas práticas cotidianas.

Associação Chiquitano APIC

A Associação de Produtores Indígenas Chiquitano – APIC da aldeia Fazendinha foi a primeira associação da Terra Indígena, criada em 2010, com o objetivo de fortalecer parcerias e obter benefícios para a aldeia. A primeira presidente foi Rosana Rupe e, na época havia 60 associados, atualmente são 18 associados. O número de associados reduziu porque a aldeia se dividiu e os membros retiraram-se e formaram uma nova aldeia (Natukirs Pisiors) e uma nova Associação (ASC), além disso, outra associação na aldeia Acorizal foi criada, permitindo a ampliação do associativismo.

A associação adquiriu trator, caminhonete, máquina para limpeza de arroz, mas, as famílias argumentam que desde o ano de 2018, diferentes acontecimentos mobilizaram acusações sobre a má gestão da diretoria em razão de não articular reuniões, não convocar o cacique para acompanhar as atividades realizadas e não prestar contas de recursos obtidos por meio de financiamento de projetos. De acordo com os relatos é necessário que os gestores da associação trabalhem em parceria com o cacicado, a fim de não gerar desrespeito entre as autoridades, divergências nas decisões, ou seja, que ambos, cacique e presidente (a) da associação conversem e tomem decisões em benefício da aldeia e dos associados.

Na aldeia há um trator cedido pela prefeitura para prestar serviço para o preparo das roças, entretanto,

o motorista recebe diárias de aproximadamente R\$170,00 para gradear as roças familiares daqueles que não dispõem de combustível, e R\$110,00 daqueles que contribuem com o combustível, sendo que deste valor há um repasse para a Associação de R\$10,00. Esse tema gerou muita discussão e foi necessário o esclarecimento em uma reunião, até que se chegou a um entendimento. No final da reunião o pajé Lourenço Rupe aconselhou os participantes “a pronunciarem palavras corretas e adequadas”, especialmente porque estavam na presença de pessoas de fora.

As famílias solicitaram combustível ao projeto da Operação Amazônia Nativa (OPAN) para o trator gradear as áreas onde serão manejadas as roças familiares e a roça coletiva de banana no entorno da sede da Associação, arames para o cercamento e proteção das roças contra a entrada do gado.

Desse modo ficou estabelecido que as instituições parceiras, cujos projetos tenham a associação APIC como interlocutora, devem informar e consultar também o cacique sobre os seus objetivos e as propostas, pois nem todas as famílias são associadas, dito de outro modo, a associação não representa todas as pessoas que vivem na aldeia, portanto, é necessário o diálogo entre a associação, o cacicado, a organização parceira e as famílias envolvidas no projeto.

3.5 TI PORTAL DO ENCANTADO. ALDEIA ACORIZAL

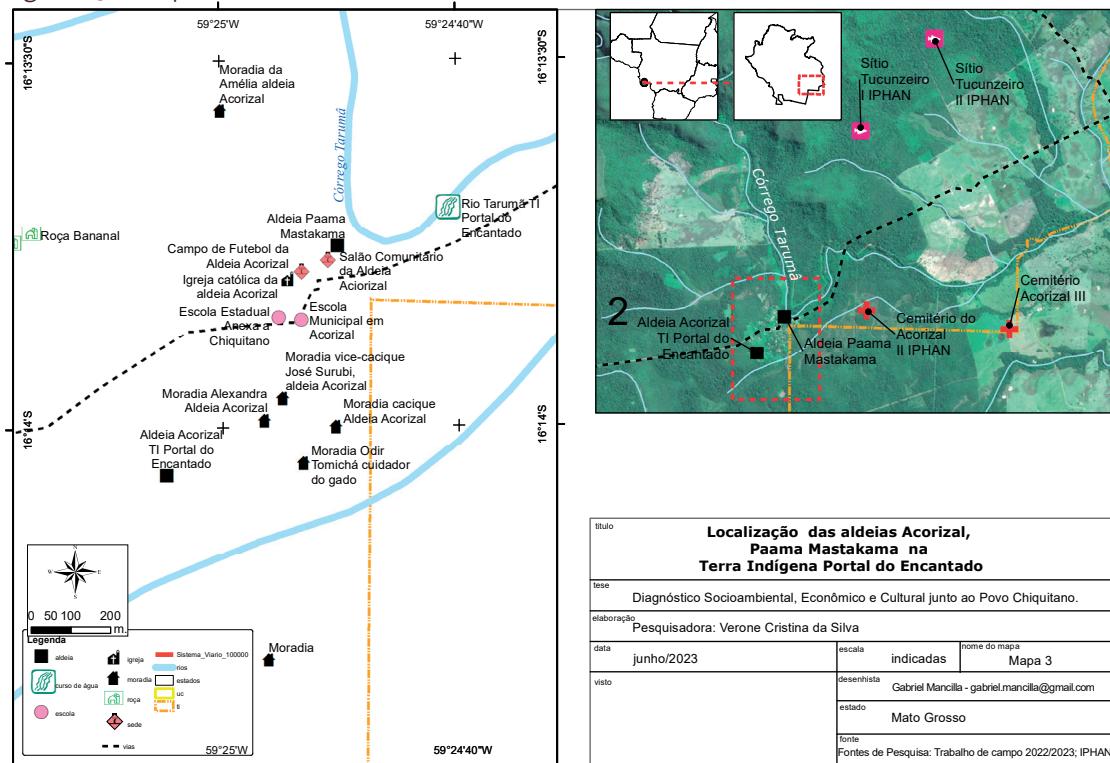
A aldeia Acorizal, da Terra Indígena Portal do Encantado, possui 29 famílias vivendo em 29 moradias com, aproximadamente, 115 pessoas. A aldeia está localizada no entorno do rio Tarumã, que também atravessa outras comunidades de Rondônia e da Bolívia. Há um sistema de cacicado formado pelo cacique José Arruda Mendes, o vice-cacique José Surubi Salvaterra e as lideranças que, juntos formam um Conselho.

O cacique José de Arruda Mendes chefia o cacicado juntamente com as lideranças organizadas em um Conselho que o ajudam na orientação e na tomada de decisões na aldeia:

1. Liderança na área da Cultura – Marcos Vinícius Mendes Turíbios
2. Liderança na área da Mulher – Alessandra Tomichá
3. Liderança no trabalho com o gado – Odir Tomichá, sendo também o responsável pelos cuidados e fiscalização da água (AISAN);
4. Liderança na área de Esportes – Benedito Santana dos Santos (Santão)

Na aldeia Acorizal o cacique tem o poder de intervir nas decisões da Associação, sendo um de seus membros, nela ocupa o cargo de tesoureiro. É casado com uma indígena do clã Tomichá mas sua ancestralidade vem, segundo ele, do povo Guató.

Figura 23. Croqui da aldeia Acorizal



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 05/03/2023.

O cacique explicou que a aldeia Acorizal foi organizada por dois clãs¹⁶, que se rompeu e formaram duas aldeias, referindo-se a aldeia Paama Mastakama. Neste mesmo entendimento, explicou que o povo Chiquitano se organizava em clãs com grupo de famílias do mesmo sobrenome, liderado por um chefe principal ou, por uma organização de lideranças. Atualmente a chefia principal da aldeia pertence ao clã Tomichá que, segundo o cacique, equivale a “guerreiros dóceis e bons para fazer amizade”.

José de Arruda Mendes recebeu orientações para assumir o cacicado e, como ele próprio define “o cacique é aquele que coordena uma família ou uma grande família” que seria a aldeia. Ele explicou que há o cacique nato, aquele que nasce líder, como foi Inácio Tomichá, pois falava a língua materna, tocava caixa e junto a ele havia mais duas lideranças que o ajudavam na chefia da aldeia. A escolha e delegação de poderes ao cacique são feitas por meio de uma reunião na aldeia.

No ano de 2007 foi instituída na aldeia uma Associação chamada Niorsch Haukina (Semente Nativa) com objetivo de recursos e melhorias para a aldeia. O primeiro projeto executado foi com e para os jovens, tendo em vista a criação de alternativas de trabalho e renda, garantindo a sua permanência na Terra Indígena. De acordo com o cacique não há trabalho remunerado suficiente para os jovens da aldeia, pois o que mais emprega é o serviço público e, ainda, a prestação de serviços nas fazendas.

Segundo informações do cacique são, aproximadamente, 40% das pessoas que atualmente trabalham nas fazendas com manejo do gado, capina e roçado, essa diversidade nas atividades é um critério exigido pelos fazendeiros. Até o ano de 2003, o cacique prestava serviço nas fazendas e, no ano de 2005, estudou em Comodoro no magistério intercultural pela UNEMAT e, posteriormente, continuou a sua formação em Diamantino e Juína. Em 2010, realizou o magistério como Ensino Médio e emocionado, afirmou que foi

¹⁶ s O termo clã foi adotado pelo cacique e lideranças da aldeia Acorizal, mas na aldeia Fazendinha e aldeia Nautukirs Pisiors as famílias discordam do uso desse termo e não o utilizam como referência de classificação.

esse curso que “resgatou a sua própria vida”. Os fazendeiros recusavam contratar os Chiquitano porque lutavam pelo reconhecimento da identidade e da demarcação do território originário. Na década de 2000 houve redução nos contratos de trabalhos nas fazendas e, consequentemente, na renda das famílias.

As áreas que mais empregam os jovens são a Educação e a Saúde. A escola Estadual Indígena Chiquitano é de Ensino Fundamental e de Ensino Médio, com quinze profissionais indígenas (oito professores, dois quais dois são pelo município, três merendeiras, um secretário e uma faxineira). E, na saúde há um agente de saúde indígena (ASI) e um agente indígena de saneamento (AISAN). Há uma escola anexa à Escola Municipal Emdona Lila Hill de Souza da Vila Picada, Porto Esperidião, voltada para o ensino pré-escolar de crianças, entre quatro a cinco anos de idade. E, ainda, há quatorze aposentados. De acordo com o cacique as famílias estão retomando a prática de manejo de roças tradicionais, tendo em vista a necessidade de consumo de alimentos diversificados e saudáveis. Há perspectiva de potencializar a produção de mel e da piscicultura.

No entorno da sede da associação há uma roça coletiva de $\frac{1}{2}$ hectare que beneficia apenas os quinze associados que pagam uma taxa de R\$ 10,00 à diretoria. Entretanto, o cacique afirmou que muitas dessas ações se estendem também à comunidade, defende que o produto da roça poderá ser comercializado para famílias da comunidade por um preço bem mais acessível em relação aos do mercado da sede urbana. Atualmente quatro mulheres associadas trabalham com a criação de frangos e têm expectativas de sua continuidade como garantia de geração de renda.

Figura 24. Reunião com lideranças da aldeia Acorizal



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 05/03/2023.

Outra ação da associação é o incentivo à fabricação de artesanato. O primeiro projeto foi financiado por uma entidade alemã que disponibilizou recursos para oficinas de fabricação de flechas, cestos, apás, peneira e abanico. Os materiais utilizados para o artesanato são da própria aldeia, mas o buriti está em falta

porque a palmeira é encontrada dentro das fazendas. Para ministrar as oficinas foram convidados o ancião Benito Tomichá e Rosa Pires, ambos realizaram trabalhos e foram gratificados com alimentos.

O povo Chiquitano confecciona cestos com tipos distintos de trançados identificados por: de Sucuri, de Estrela, de Rabo de Gavião e de Bico de Gavião. A pintura corporal é representada nas formas da onça e da cobra sucuri. O cacique explicou que as imagens foram classificadas de “pecado” por muitos religiosos, mas desde o ano 2000, as lideranças vêm trabalhando para recuperar, em suas palavras, “resgatar” essas imagens ancestrais, orientando-se nas referências da Bolívia. O artesão Marcos e outros jovens da aldeia estão se aperfeiçoando também na tecelagem. As vestimentas e as faixas masculinas amarradas na cintura são usadas em cerimônias e apresentações culturais.

O responsável pela área da cultura a aldeia, Marcos Vinícius Mendes Turíbios, iniciou o seu trabalho no ano de 2018 fabricando produtos com fios de algodão, penas, sementes, fibra de buruti, miçanga e trançados em palha. Atualmente confecciona também vestimentas, bolsas, faixas, tiaras com fios de algodão tecidas em teares. Aprendeu essas artes com o avô Inácio Tomichá e a avó Lourença Mendes; a tecelagem aprendeu com a tia e os colares, com a prima; aos poucos foi se aprimorando na prática do artesanato na aldeia.

Os jovens manifestaram a preocupação com a continuidade das músicas tradicionais nas cerimônias, especialmente no Carnaval e convidaram outro jovem chamado Manoel da aldeia Vila Nova Barbecho para ensiná-los a tocar os instrumentos fífano¹⁷ e a caixa. Durante um mês o Manoel permaneceu em Acorizal e ensinou duas pessoas a tocarem caixas e quatro pessoas a tocarem o fífano. O instrumento fífano foi adquirido por meio da compra em Vila Nova Barbecho. Na aldeia há um grupo de dançarinos que se apresenta em eventos e programações culturais, dentro e fora da aldeia.

O jogo de bola (futebol) é uma prática muito importante nas aldeias e comunidades da fronteira e, especialmente na aldeia Acorizal, que vem retomando a experiência ancestral do futebol de cabeça. Outra iniciativa dessa aldeia é a Copa Verde, coordenada por um membro do clã Tomichá, esse campeonato acontece na aldeia. Esta aldeia também acolhe o Campeonato da Fronteira, realizada pela prefeitura. O primeiro campo de futebol foi feito ainda com o uso da enxada pelos próprios Chiquitanos.

A aldeia recebe apoio em suas ações por diferentes instituições: o CDHDMB em ações contra violências, impactos ambientais e na demarcação do território, divulgando e encaminhando denúncias junto ao Ministério Público; A FUNAI, ações de apoio na luta pelo território, embora ressaltassem que nenhuma ação foi efetuada pelo governo Bolsonaro nessa direção, o cacique disse que foram muitos cortes de recursos na assistência social e nas cestas básicas que só foram obtidas judicialmente; a CIMI, apoio da irmã Ada e na construção do Barracão; a UNEMAT e a UFMT em projetos na área Educação; a Prefeitura, na escola, e com combustível para gradear a roça.

Em relação ao recurso água, fomos informados que mais de 90% da água consumida na aldeia vem de uma nascente localizada na aldeia Fazendinha, que no seu entorno já entrou gado e também fogo, portanto, as famílias reivindicam mais proteção, porém a nascente está dentro da terra ocupada pela fazenda do Adilson Sá, que não dispõe de ações para a sua proteção. Também há um poço artesiano situado a 6 km de distância, mas os canos estão enterrados a 40 m de profundidade e devem ser trocados periodicamente, pois diferentes animais da mata os destroem.

Há um trator na aldeia que pertence a quatro sócios, mas foi adquirido em nome da associação,

17. Os Chiquitanos chamam o pífano de fífano, porque se relaciona com o sopro.

por ser uma entidade sem fins lucrativos, condição que favoreceu a sua compra por um valor mais acessível. O trator presta serviço de gradear a roça coletiva da associação quando necessário, e quando há disponibilidade de combustível. O valor do serviço prestado a quem solicita é de R\$ 200,00 quando não dispõe de óleo diesel e de R\$ 150,00 com o fornecimento do combustível.

O manejo do gado

Na aldeia Acorizal há uma área de quase dez hectares de capim jaraguá que foi cercada com arame farpado para o manejo de aproximadamente 47 cabeças de gado bovino pertencentes a oito famílias, porque nem todos querem trabalhar com o gado. Cada família possui entre dois a três animais que recebem marcas de identificação, porém o registro formal do gado é feito em nome do cacique. Esse procedimento se assemelha àquele adotado na aldeia Fazendinha, porém em Acorizal, há uma liderança destinada diretamente para ações com a pastagem. De acordo com o cacique, o gado é uma poupança que assegura a obtenção de renda e aquisição de alimentos, diante de uma emergência, do adoecimento de algum membro da família, recorre-se à venda do gado e se garante o dinheiro para resolver as demandas.

O cacique defende a formação de um pasto cultivado sob o argumento de que o povo Chiquitano sempre trabalhou com manejo de gado e continuarão trabalhando, porém aguarda a homologação do território a fim de decidir sobre a sua ampliação na área de Cerrado, sem necessidade de derrubar árvores, gradeando por baixo e mantendo, desse modo, a vegetação nativa.

Segundo Odír Tomichá, as famílias de Acorizal elegeram um “cuidador para o gado” que recebe mensalmente R\$ 50,00 (cinquenta reais), o sal mineral distribuído para os animais é por conta de cada família que compra um saco. A fim de evitar que o gado adentre o cerrado e se alimente da vegetação chamada tripa-de-galinha e da palmeira indaiá, o cuidador os mantém cercados em um pasto nativo, preservando taquaras e indaiás utilizados no artesanato. Outro aspecto importante é que o gado mantido cercado não ataca as roças, problema recorrente na aldeia Fazendinha e na aldeia Nautukirs Pisiors.

A carne é comercializada dentro da aldeia por arroba no valor de R\$ 230,00 (duzentos e trinta reais) e o quilo da carne é avaliado em R\$ 17,00 (dezessete reais). Há um comércio que circula dentro da aldeia e entre as aldeias; já o bezerro macho é vendido para o fazendeiro. As famílias decidiram manejá-lo porque apreciam a carne bovina, por ser importante fonte de renda, e importante alimento na comensalidade de cerimônias e festas de santo.

O artesanato na aldeia Acorizal

Na aldeia Acorizal há três mulheres tecelãs, a Maria Luiza Tomichá Arruda, Francelina Mendes Tomichá e a Rosa Pires Tomichá. O Marcos Vinícius Mendes Turíbio, de 23 anos, também está trabalhando com a tecelagem. Esse jovem chiquitano nasceu na aldeia Acorizal. Sua avó (mãe da mãe) foi parteira e se chamava Lourença Mendes e o seu avô (pai da mãe) Inácio Tomichá. Dos sete aos dezesseis anos de idade, Marcos estudou na Escola Indígena Chiquitano e conviveu com os seus avós, aprendeu a falar a língua materna e narrou histórias que ouvia dos anciãos.

Logo que o jovem completou seus dezoito anos de idade começou a participar do Grupo Cultural chamado Semente Nativa, liderado por Benedito Santana, de quem recebeu diferentes orientações em execução de projetos e ações relacionadas com o artesanato. O grupo está na sua terceira geração, cujos

ensinamentos são inspirados nas palavras do ancião Inácio Tomichá, que aconselhava sobre a importância de se respeitar os espíritos da natureza e os da cultura. Segundo Benedito Santana dos Santos (Santão) “o fato de os Chiquitanos serem de clãs diferentes – de algum modo explica – as suas idéias divergentes e que, somente por meio da cultura estariam asseguradas.

Quadro 9. Artesãos identificados na aldeia Acorizal

NOMES	TRABALHO REALIZADO	LOCALIDADE
Rosa Pires Tomichá	Peneira, balaio, apá, cesto, toalhas de crochê	Acorizal
Josair Leite Espinosa	Anel de coco, peneira, apá, arco e flecha	Acorizal
Manoela Mendes	Rede de traia, rede tecida	Acorizal
Josineide Surubi	Prepara alimentos e trabalha na aldeia Paresi com Ecoturismo	Aldeia Acorizal/ Paresi
Luciana Leite Espinosa	Fabrica brincos, pulseiras, colares, anel, trajes da seda do buriti.	Aldeia Acorizal/Vila Nova Barbecho
Marcos Vinícius Mendes Turíbios	Fabrica brincos, pulseiras, colares, anel, trajes da seda do buriti e de fios de algodão, redes de traia e tecida.	Acorizal

Fonte: Entrevista com a liderança Marcos V.M. Turíbius, 04/03/2023.

No ano de 2018, após o falecimento de Inácio Tomichá, as lideranças da aldeia continuaram o trabalho de revitalização de práticas culturais que estariam se perdendo “pois muitos saberes foram reprimidos pela escola que funcionou dentro do quartel” – afirmou Benedito Santana dos Santos.

Marcos Vinícius Mendes Turíbios participou também de manifestações indígenas que estimularam um olhar diferenciado para “resgate cultural” e a “valorização dos modos de vida na aldeia”, como ele próprio afirma. Segundo essa liderança há jovens não comprometidos com o aprendizado e a transmissão de ensinamentos tradicionais aos filhos, “falta entender que o artesanato é importante” – afirmou o Marcos.

Outro trabalho realizado na aldeia é a fabricação do instrumento *fifano*. A aldeia realizou uma oficina sobre a execução do instrumento *fifano* para as músicas do Curussé, ministrado por um jovem de Vila Nova Barbecho que recebeu diárias pelo trabalho realizado; as caixas já são tocadas, mas para o instrumento de sopro é mais difícil encontrar músicos especialistas. O Marcos aprendeu a tocar quatro músicas para o Curussé, a Polca (dançante entre homens e mulheres), a Chovena (baile do povo Chiquitano), e a saída das Bandeiras no Carnaval.

O termo Curussé passou a ser adotado em lugar de Carnaval na Terra Indígena Portal do Encantado e no território e aldeia Vila Nova Barbecho. A mudança foi explicada da seguinte forma: “o Curussé se refere à Cultura e também para não complicar com o nome Carnaval, usado pelos não indígenas, por isso usamos Curussé” – explicou Marcos V. M. Turíbios.

Os ensinamentos em forma de oficina geralmente são cobrados. A artesã Luíza Tomichá cobra R\$ 100,00 (cem reais) a diária para ensinar outras pessoas a fazerem os trançados e outros trabalhos manuais. Por isso, durante o trabalho de campo as lideranças da aldeia Paama Mastákama e da aléia Nautukirs Pisiors incluíram em suas demandas materiais para fabricação de brincos e pulseiras e indagaram se a OPAN pagaria também um instrutor (a) para ministrar as aulas sendo este procedimento avaliado como necessário para o desenvolvimento do trabalho.

O termo artesanato está presente no vocabulário dos mais jovens e menos pronunciados pelos anciãos que preferem utilizar o nome dos materiais fabricados, como os “trançados”. De acordo com a liderança de Acorizal alguns trançados estão presentes no dia a dia, mas os “artesanatos” são utilizados em festas, reuniões ou apresentações culturais para expressar a identidade étnica. Dentre eles, os mais fabricados são os que seguem:

Quadro 10. Materiais utilizados para o artesanato na aldeia Acorizal

ARTESANATOS	MATERIAIS UTILIZADOS	PROCESSO
Brinco de pena	Arara, mutum, angola, galinha, periquito, anu, gavião	Coleta da matéria-prima na aldeia. Deixa no sol para evitar ataque de pragas
Brinco de semente	Pau Brasil, saboneteira, semente preta	Coleta, seleção e tratamento da semente
Brinco de semente	Palmeira de Acaí	Compram de outros povos quando participam de eventos
Prendedor de Cabelo	Penas de Arara, mutum, angola, galinha, periquito, anu, gavião	Coleta da matéria-prima na aldeia.
Vestimentas	Pena de Ema	Utilizada na aldeia em
Vestimentas	Seda da palmeira buriti	Para a festa Curussé interna
Vestimentas	Embira de banana	Para festas culturais internas
Vestimentas	Linhos de algodão	Para atividades fora da aldeia

Fonte: Entrevista com o artesão Marcos V. M. Turíbios, aldeia Acorizal, 04/03/2023.

Figura 25. Artesanato fabricado por Marcos Vinícius Mendes Turibius



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 05/03/2023.

Figura 26. Tecelagem fabricada por Marcos Vinícius Mendes Turibius



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 05/03/2023.

Figura 27. Artesanato fabricado por Benito Tomichá e Rosa Pires Tomichá



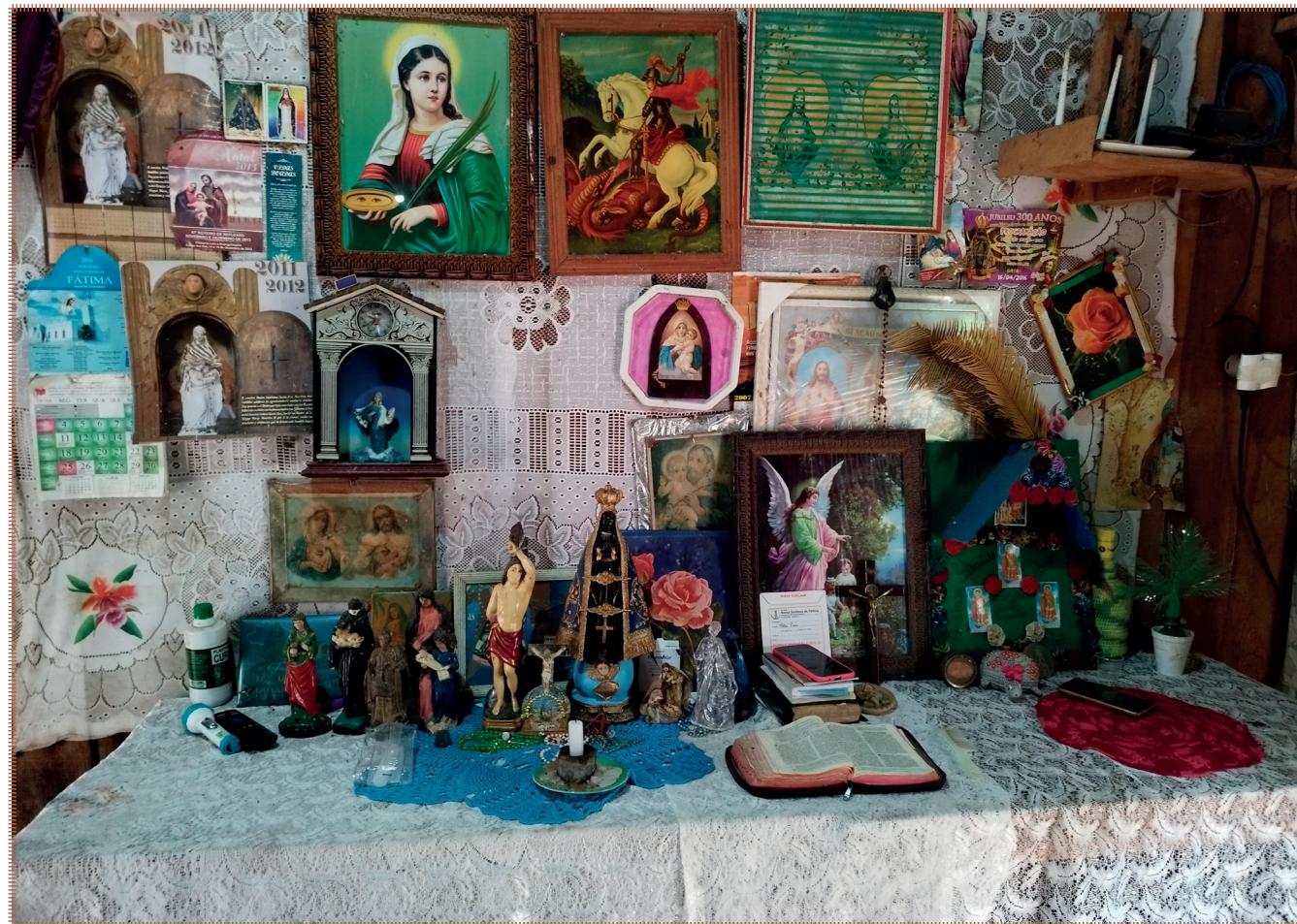
Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 06/03/2023.

Os recursos naturais utilizados na confecção de brincos são coletados na aldeia e os acessórios são industrializados e adquiridos na sede urbana dos municípios de Cáceres, Pontes e Lacerda ou Cuiabá.

A pintura corporal é feita para participação em determinados eventos, como a da onça, considerada sagrada e para contextos relacionados com a luta pelos direitos indígenas, exibida especialmente fora da aldeia. As imagens das pinturas corporais são representadas nos artesanatos e as dos trançados são tatuadas nos corpos. Há pinturas femininas (de cerâmicas e plantas medicinais) e masculinas (de peneira, caixas e onças). As pinturas corporais são feitas nas cores azul (anil), jenipapo (preto), amarelo (açafrão), marrom (jatobá), amarelo (canjiquinha do Cerrado).

A artesã Rosa Pires Tomichá, casada com Benito Tomichá (filho de Inácio Tomichá e Lourença Mendes Tomichá), afirmou que um dos problemas enfrentados na fabricação dos trançados e das vestimentas é a falta da matéria-prima. O buriti tem sido o mais afetado porque a sua coleta tem sido executada sem o devido cuidado, sem que seja observada a fase minguante para a coleta da lua. A artesã relatou que havia um buritizal importante próximo da Fortuna, apontamento feito também pela artesã da Fazendinha, porém muitos jovens que coletam a seda para a fabricação de vestimentas derrubam o buriti fora da época e, desse modo, impedem o seu crescimento. Atualmente o buriti tem que ser coletado na fazenda vizinha com a permissão do fazendeiro para o acesso e a coleta.

Figura 28. Altar com santos na moradia de Rosa Pires Tomichá



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 06/03/2023

A artesã fabrica esteira, baquité, peneira e cesto para roupas, porém ressalta que, se o comprador quiser envernizar ele poderá fazê-lo, mas será por conta da pessoa que o adquirir. “É importante trabalhar no período nublado, quando o sol não está tão intenso porque o material se torna macio para o manuseio” – disse Rosa Pires Tomichá.

Rosa Pires Tomichá é artesã, nascida na localidade Carne Seca, município de Cáceres, o seu avô (pai de seu pai) era indígena da etnia Bororo. A sua moradia fica de frente a uma cerca com a porteira que dá acesso a fazenda. Os materiais mais utilizados para os trançados são os seguintes:

Quadro 11. Lista de artesanatos e a matéria-prima utilizada

TRANÇADOS	MATÉRIA-PRIMA
Esteira	Acuri
Baquité	Broto de Acuri
Cesto	Taboca
Peneira	Taboca
Apá	Buriti
Trançado de Moradia	Indaiá
Estojo para flechas	Buriti
Pilão	Ipê/ Piúva
Mão de Pilão	Lixeira

Fonte: Entrevista com o artesã Rosa Pires Tomichá, aldeia Acorizal, 05/03/2023.

Os chiquitano consideram importante participar de eventos para mostrar suas práticas culturais além comercializar seus produtos. No Encontro da Mulher Rural, que acontece no mês de agosto na sede urbana do município de Porto Esperidião, há uma programação com desfiles de mulheres que representam as comunidades com exposição de produtos e comercialização.

O cacique José de Arruda pontuou diferentes demandas socioculturais da aldeia Acorizal, dentre elas, a construção de uma casa de cultura, mas enfrentam dificuldades para concretizá-la, pois não há palha suficiente na área dos cinco mil hectares para a sua cobertura. Além disso, a palha de indaiá que é adequada para cobrir moradias deve ser coletada até o mês de junho e na lua certa que é a minguante. Já falaram com indigenistas da FUNAI sobre a necessidade da palha. Essa mesma demanda foi reivindicada pelo cacique

Mariano Cesário Lopes Joviú, cacique da Aldeia Paama Mastakama, que tem a expectativa de construir uma casa da cultura na aldeia Paama Mastakama.

As roças de quintal e a produção de alimentos

No ano 2019, os Chiquitano viveram um período de seca e perderam muitas sementes. Antes não dependiam da FUNAI para aquisição de sementes, pois plantavam e guardavam uma parte para o replantio seguinte, porém atualmente contam com o apoio de outras organizações para a aquisição de sementes crioulas. Entretanto, criticam as instituições fornecedoras por entregarem as sementes atrasadas, fora do calendário agrícola e lunar, inviabilizando o cultivo.

Segundo o cacique José de Arruda, cada família possui uma roça familiar manejada no quintal de tamanhos variados e não de um tamanho padrão, sendo esse o modo tradicional dos anciões fazerem roças. Das trinta e cinco famílias da aldeia, vinte estão plantando as “roças de quintal”. A terra é preparada com o uso do trator da Associação que, primeiramente retira a mata, mas, se ela ainda estiver muito alta efetuam a limpeza até três vezes, caso seja necessário. O início do plantio é em outubro.

A família de Alexandra Mendes Leite e Benedito Santana dos Santos (Santão) entrega produtos orgânicos cultivados nas roças para o mercado Hans, mas enfrenta dificuldades no transporte até Cuiabá e na exigência do mercado em receber mil produtos de diferentes gêneros alimentícios.

As famílias cadastradas na Associação forneceram durante quatro anos produtos para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) do Governo Federal que também avalia a qualidade e a viabilidade dos produtos adquiridos e distribuídos para outros grupos sociais não indígenas. Por meio dessa parceira as famílias associadas forneceram produtos para a Escola Estadual 13 de maio, na Vila Cardoso, na Ponta do Aterro (Santa Luzia) e cestas básicas na Vila Picada. Os recursos oriundos desse comércio chegavam às famílias por meio da associação. Alexandra Mendes Leite argumenta que o desafio a ser superado é o temor das famílias de Acorizal em se relacionar com o mercado, com a burocracia e a emissão de documentos, mas avalia que teve a oportunidade de aprender muito a partir desse programa.

Entre os anos de 2012 a 2015 muitas famílias fabricaram farinha, mas não continuaram o trabalho, mesmo sabendo que há muita procura desse produto no mercado. Alexandra Mendes Leite pontuou a necessidade de mais capacitação das famílias para o comércio de produtos, a maioria tem dificuldade de definir preços, exemplificando que Vila Picada, os produtos são mais baixos que das aldeias.

Outra fonte de renda importante é o comércio de frangos. O grupo de mulheres da Associação, com apoio do Instituto Centro de Vida – ICV (REM Emergencial e Estruturante) está desenvolvendo um projeto para a criação de frangos caipiras. As mulheres criam cento e cinqüenta frangos semicaipira, de seis meses, e duzentos frangos de granja, de cinquenta dias, ambas são comercializadas na Vila Picada. Cada frango custa R\$ 40,00 (quarenta reais) e vinte famílias estão envolvidas nessa atividade. Os frangos são consumidos dentro e fora da aldeia e os ovos também. O frango semicaipira é alimentado com frutas jenipapo, caju, goiaba, casca de melancia, folha da bananeira e com milho, pela manhã.

Apicultura

A prática da apicultura é realizada por cinco famílias, entre elas a de José Suribi, José de Arruda e José Henrique, cujas ações foram potencializadas a partir de cursos efetuados pelo SENAR, que também ministrou cursos de piscicultura. As famílias iniciaram o trabalho com sete caixas, adquiriram roupas adequadas com o Sindicato de Trabalhadores Rurais, mas enfrentaram problemas com formigas e os quatis, que derrubavam as caixas. O CTA e a FASE colaboraram na produção e as famílias reivindicaram um técnico para orientar nos procedimentos tendo em vista a ampliação da produção. A principal florada é da Aroeira.

Piscicultura

Na aldeia Acorizal foram implantados quatro tanques de piscicultura administrados pelas famílias do José de Arruda, do Genilson, do Solimar, do Anderson. Os custos são por conta das famílias e 3% são destinados à Associação, que propôs a ampliação para oito tanques, porém os administradores defendem a necessidade de elaborar projetos com recursos mais robustos, voltados para captação e oxigenação da água, além de seu tratamento destinado ao uso nas roças por meio de irrigação¹⁸. As famílias disseram que não se interessam em cultivar legumes e hortaliças porque não apreciam beterraba, cenoura, chuchu, couve, pepino, mas poderiam experimentar com a finalidade de comercialização.

Na TI Portal do Encantado há outras represas instaladas para piscicultura:

- » 04 em Acorizal;
- » 01 na aldeia Fazendinha; abaixo da moradia do seu Lourenço Rupe há uma represa com 200 tambaquis, mas o gado criado solto impactou a represa e matou os alevinos, contudo, há perspectiva de se abrir mais dois tanques;
- » 01 na aldeia Paama Mastakama;
- » 01 na parte Central da Terra Indígena, próximo da estrada, com mais de 200 alevinos recebidos da Prefeitura.

Há três freezers na Associação de Acorizal, um para frangos, outro para frutas e um terceiro freezer que fica na casa do cacique, para os peixes.

18. De acordo com os dados fornecidos pelo cacique José de Arruda, o tamanho desses tanques são em torno de 11mx22m, 23x13, 13x20 e 18x11. Totalizando quase mil metros quadrados de lâmina de água. O projeto da Manos-OPAN atendeu a Associação com mil alevinos de duas espécies piavuçu e tambatinga.

O Futebol Chiquitano na Fronteira

Os jogos indígenas Chiquitano iniciaram em 2012. As ações iniciaram a partir de experiências de lideranças da aldeia Acorizal que participaram como ouvintes nos Jogos Mundiais Indígenas no Brasil, organizados por Marcos Terena. O primeiro contato foi com o Vanildo Umutina, responsável pela hospedagem dos participantes, que divulgava imagens fotográficas do evento para Alexandra Mendes Leite e Benedito Santana dos Santos (Santão) que se sentiram motivados a conhecer os jogos.

Após essa experiência propuseram uma reunião com o cacique José de Arruda e Odir Tomichá e as lideranças que apoiaram a realização de jogos indígenas na aldeia Acorizal. A primeira edição dos Jogos Indígenas Chiquitano teve apoio de diferentes instituições parceiras: o CIMI que apoiou a primeira edição, Deputado de Pontes e Lacerda, a Prefeitura de Porto Esperidião; as aldeias da TI Portal do Encantado; Jackson Nambikuara, e os Umutina.

As aldeias Acorizal, Fazendinha, Vila Nova Barbecho apoiaram os jogos e colaboraram com alimentos, os jovens ficaram responsáveis pela limpeza do pátio da aldeia. O evento previa a participação de apenas famílias da etnia Chiquitano, mas outros povos se interessaram em participar como os Nambikwara (mais de cem pessoas que se deslocaram em três ônibus) e quarenta Umutina. Cada família doou frango caipira, mandioca e milho fofão. A coordenação servia pela manhã a chicha, bebida fermentada à base de mandioca ou milho e a patasca¹⁹, comida tradicional e, ainda pão; à tarde distribuíam frutas diversas. E as organizações apoiadoras doaram alimentos para aproximadamente mil pessoas.

O campeonato incluía jogos de pedra; carregamento de tora, arpão, arco e flecha, queimada, pula-saco (idoso), cabo de guerra (idoso), futebol com bola de mangava com diferentes categorias e por faixa etária.

A prefeitura realizou a instalação de banheiros químicos e os banhos eram realizados no rio Acorizal. Em cada edição houve a colaboração de um político ou uma organização. No segundo ano contaram com o apoio do deputado Ságua Moraes; no terceiro ano da Secretaria de Estado; no quarto ano tiveram apoio da Secretaria de Esportes de Porto Esperidião e estudantes da FAPAN que assistiram e registraram.

A FUNAI não apoiou nenhum dos eventos discordou da participação dos Nambikwara. A Prefeitura apoiou todos os jogos e, posteriormente, o evento se transformou em disputa e interesse da política interna e externa, em razão disso decidiram paralisar o projeto. Durante dois anos o evento foi realizado no mês de abril e nos demais anos em julho no período das férias escolares no Estado. Contudo, ainda pensam em executar os jogos a cada dois anos e pretendem buscar outras fontes de financiamento pela Associação.

Segundo o seu Benedito Santana “O esporte movimenta a fronteira toda”. Em 2003 criou o futebol feminino e, no ano 2009, lançou a “Copa da Amizade” para times masculinos e femininos, porque as mulheres já jogavam, mas ainda não participavam de campeonatos. Posteriormente, as lideranças de Acorizal criaram o campeonato “Copa Verde” com o propósito de levar a mensagem de preservação da flora para os jovens, jogos que acontecem em abril, maio e junho. Começaram com doze times masculinos e sete femininos. Foram criadas regras e uso de uniformes, com apoio de vereadores. Organizaram tabelas, penalização, ampliaram os times e estenderam a participação para outras comunidades, permitindo a entrada de jogadores com pinturas corporais. Neste campeonato participaram times dos municípios de Porto Esperidião, de Pontes e Lacerda de Vila Bela da Santíssima Trindade.

19. Sobre o processo de fabricação da chicha como bebida ceremonial, ver estudos de Verone C. Silva (2015) e Fernández (2021, p. 115-116).

Figura 29. Camisa do time de futebol da aldeia Acorizal



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 04/03/2022.

Os times constituídos por homens são o dobro daqueles constituídos por mulheres. São entre seis a oito times femininos e entre quatorze a dezesseis times masculinos. Há mulheres que são mães e também participam. Os campeonatos acontecem nos campos de futebol de Acorizal e de São Fabiano. A premiação é adquirida com recursos das inscrições e no final realizam um churrasco de confraternização. Um aspecto considerado importante é que além de articular os jovens na fronteira, os jogos se configuram em oportunidades para o comércio de artesanato e, também para a divulgação da cultura chiquitano e da dança Curussé.

De acordo com o Benedito Santana a “Copa Verde foi um investimento”, pois vieram jogadores do assentamento Triunfo, de Cáceres (Cacerense), inclusive o seu filho já que jogou em Cascavel, Morrinho, Paraná, São Luiz de Goiás. Há um jovem de Las Petas (Bolívia) que também joga na Arena.

Os torneios são outros tipos de jogos e acontecem nas aldeias, com datas e premiações variadas e mobilizam os jovens da fronteira. Os jogadores de Acorizal já participaram de torneios na aldeia Nossa Senhora Aparecida, aldeia Nova Fortuna, Araputanga e Pontes e Lacerda. Em 2009 criaram uniformes

para os times nas cores pretas e rosas, as camisas femininas apresentam pinturas de cerâmicas e plantas medicinais. Nas camisas masculinas usam imagens da água, por ser uma entidade viva. Desse modo, os jovens contribuem para difundir a identidade chiquitano pela fronteira.

O Grupo de Mulheres da TI Portal do Encantado

Na Terra Indígena Portal do Encantado mais de 60% são mulheres. As mulheres realizam diferentes práticas socioculturais na aldeia, entretanto, o cacicado ainda é ocupado, predominantemente, por homens, já as mulheres participem de maneira expressiva como liderança na Associação e em outros grupos relacionados com ações coletivas.

A primeira forma de participação de mulheres chiquitano fora das aldeias teve início com o encontro da “Mulher Rural”, instituído pela Organização das Nações Unidas, a fim de homenagear as mulheres que trabalham na agricultura, no manejo de recursos naturais e sua importância para a segurança alimentar das famílias. O Encontro da Mulher Rural acontece em alguns municípios do Estado de Mato Grosso e, no município de Porto Esperidião, as mulheres indígenas da TI Portal do Encantado participam na categoria étnica diferente das agricultoras.

Além disso, desde 2009, Alexandra Mendes Leite atua na Organização de Mulheres Indígenas Takiná, filiada ao Fórum Mato-grossense de Meio Ambiente e Desenvolvimento (FORMATD) e, ainda da Associação Niorsch Haukina de Acorizal.

Jurenilda Ramos Paravá Duarte, da aldeia Nautukirs Pisiors e Alexandra Mendes Leite da aldeia Acorizal propuseram uma roda de conversa com as mulheres chiquitano da Terra Indígena Portal do Encantado. A articulação iniciou com a criação de um grupo de 10 mulheres das quatro aldeias e um grupo no Whatsapp. “O objetivo não é tomar o poder das lideranças de cada aldeia, mas trazer as falas, conversar e orientar com palestras. Não é ser mais que os esposos, mas compartilhar e buscar o empreendedorismo, as especialidades” – afirmaram as lideranças.

No dia 08 de março de 2023, dia internacional da mulher, as mulheres realizaram um café da manhã na sede da Associação Niorsch Haukina da aldeia Acorizal e cada participante levou um alimento para ser compartilhado: pão, saltenha, farofa, chicha, chá, café, bolo de milho doce, salgado, peta e um bolo de aniversário. Essa reunião marcou o segundo encontro de mulheres chiquitanas da Terra Indígena Portal do Encantado e contou com a presença de vinte e oito mulheres.

O salão estava decorado com flores de papel rosa, balão rosa e uma cadeira onde cada uma das mulheres se sentava para ser fotografada e ao final todas as postaram para uma fotografia do grupo. As lideranças fizeram o uso da palavra:

Não foi fácil para a gente reunir, mas já foi uma vitória porque começamos no dia 1 de março e esperamos que daqui pra frente continuemos com essa roda de conversa, com essa luta, com essa busca de levantar nossa auto-estima, buscar nossa autonomia, buscar nossa liderança e ser mulheres guerreira, lutar pelo nosso povo e demarcação do nosso território. Só temos que agradecer a cada uma que está aqui presente, temos pessoas que está nos visitando o nosso território que é a professora Verone, marcando presença nessa roda de conversa. Eu só desejo a nós daqui para frente sucesso e uma luta que vamos segurar as mãos e essa luta para a conquista de nossos direitos. (Alexandra Leite, 08/03/2023, Aldeia Acorizal TI Portal do Encantado).

A gente primeiro agradece a Deus pela oportunidade da gente ser mulher, porque ser mulher é um dom que Deus nos deu né, para sermos esposas maravilhosas dos nossos maridos, nós temos a oportunidade, Deus deu esse dom pra nós gerar vida, então através de nós conseguimos gerar vida, através das mulheres que existem todas as pessoas, então Deus nos fez para que nós pudéssemos gerar vida, então nós somos agraciada por carregar no nosso ventre a criança, o filho né, que Deus coloca em nossas mãos pra que possamos cuidar de cada um. Então um feliz dia da mulher, pra todas nós mulher, nós sabemos das nossas lutas, das nossas dificuldades, das nossas necessidades, dos nossos trabalhos de todos os dias e mesmo assim continuamos a lutar estamos aqui com os mesmos objetivos com esse pensamento, com essa garra, com essa força, com essa vontade com essa dedicação para que a gente possa levar para frente a mulher chiquitana, algo de dentro de nós que possa nascer e possa florir que nós possamos ajudar a conquistar a demarcação do nosso território que vem ai, uma luta há mais de 20 anos e estarmos ajudando tudo isso, nós mulheres somos fortes e guerreiras e estamos aqui para isso para comemorar esse primeiro encontro nosso que nunca tinha acontecido (...) (Jurenilda Ramos Paravá Duarte da aldeia Nautukis Pisiors. 08/03/2023. Alcorizal, TI Portal do Encantado)

Para mim é um prazer de estar aqui com vocês. Bom dia a todas, todas agora. Estamos só nós mulheres. É um prazer imenso de estar aqui. Eu não participei da primeira reunião, pelo motivo igual Alexandra fala cada um tem o seu compromisso. Então, assim, eu fico feliz desse novo começo, dessa organização de mulheres, nossa mesmo! Eu já participei de organização de mulher, mas que não era do povo Chiquitano (...). E trabalhei por um bom tempo. Eu sei que uma organização quando a gente começa tem o objetivo de fortalecimento de nós mulheres, da gente colocar tudo o que a gente sabe por que todas nós somos pessoas que temos os nossos conhecimentos, a valorização dos nossos conhecimentos tradicionais, e tudo aquilo que a mulher faz é importante na nossa vida, importante esse momento porque daqui vai sair muita coisa boa né, muitas ideias, vai ter muita organização diferente do que a gente está acostumada com organização que os homens estão no meio, as mulheres falam mais, mas nós sabemos que quando a gente parte de uma organização desse jeito, só de mulheres nós temos o potencial de tudo. (...) Eu estou com 49 anos e achei que era impossível fazer um mestrado. E eu terminei! Vou só falar da garra que eu tive. Fiz faculdade com dois filhos já, terminei já sou mestre no meio de nós mulheres aqui chiquitanas e é incentivo que eu falo para cada um de nós de vocês jovem, como Alexandra fala as mais velhas, não as mais idosas as mulheres mais empoderadas são as nossas matriarcas são vocês porque vocês que conhecem muita coisa, e nós somos crianças e estamos aprendendo, então nesse movimento que a gente fala já é uma política e que a gente faz uma organização já é inserido na política, inserido nesse governo que nós devemos conhecer e estar unidos, diante de todo o governo, tanto chiquitana quanto não, a gente sabe que existe o movimento e muitas de nós temos que perder o medo de sair, medo de falar para esse mundo, de sair lá de casa e mostrar para o mundo que somos preciosas e cada movimento que a mulher faz e quando a mulher fala é que nós sabemos o que precisamos. Quando estamos em casa preocupadas com a cozinha somente, buscando o homem, o filho e fazendo esse retorno aqui para as mulheres é bom né, mas precisamos também levantar, sacudir a saia e levantar e a gente ir, igual hoje nós temos o exemplo de quem, de duas mulheres importantes que tá assumindo o governo, as ministras né e daqui também podem sair basta a gente conhecer a política e buscar essa forma, igual hoje tem a tecnologia que a gente pode também estar utilizando. Falo como professora! Mas na verdade eu quero que todas nós unamos as mãos, igual como Alexandra falou porque aqui não tem aldeia, não tem unidade, nós não estamos aqui para forma um grupo de aldeia, estamos aqui porque todas nós somos chiquitanas, depois a gente pensa eu sou de tal aldeia porque a nossa sociedade já é toda dividida, já é toda caixinha e se eu buscar uma caixa para a nossa aldeia nos vamos ficar como nós estamos, há eu sou da aldeia tal, eu sou da aldeia tal eu não tô me colocando como povo, como índia

chiquitana, como terra e nós precisamos novamente disso, para o fortalecimento nosso mesmo, igual eu fico muito preocupa hoje em questão das anciãs de nossa comunidade quem são elas, quem eu vou indicar, quem eu vou mostrar para a minha criança quem é a pessoa então nós temos esse objetivo de buscar quem é ela para a nossa sociedade chiquitana. Então eu falo muito e estou aqui para somar à medida que vocês precisarem e estou aqui com boas idéias, tem vez sou muito crítica e às vezes chata, crítico, mas que vai te dar um resultado para você trabalhar. Parabenizo vocês duas pela oportunidade de fazer essa organização, eu sei que não é fácil e vocês conseguiram, quer dizer que as mulheres chiquitanas querem algo diferente, feliz dia das mulheres a todos nós, felicidades a nós todas, mas o Marcos está aí né porque na regra se tiver um homem tem que falar todos. Muito obrigada pela oportunidade (Maria Síria Rupe. Aldeia Fazendinha, TI Portal do Encantado, Acorizal, 08/03/2023).

Figura 30. Liderança Alexandra Mendes Leite da aldeia Acorizal



Fonte : Trabalho de campo, Marcos Turíbius, 08/03/2023.

Figura 32. Liderança Sebastiana Jovio da aldeia Paama Mastakama



Fonte : Trabalho de campo, Marcos Turíbius, 08/03/2023.

Figura 31. Liderança Jurenilda Ramos Paravá Duarte Aldeia Nautukirch Pisiorch



Fonte : Trabalho de campo, Marcos Turíbius, 08/03/2023.

Figura 33. Professora Maria Síria Rupe da Aldeia Fazendinha



Fonte : Trabalho de campo, Marcos Turíbius, 08/03/2023.

3.6 OSBI/COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA

O território e aldeia Osbi²⁰, está localizado no município de Vila Bela da Santíssima Trindade e se formou a partir da junção das famílias oriundas da Guave com as famílias de outros agrupamentos chiquitanos da fronteira. A Guave possuía muito jenipapo com lagoas em seu entorno e o nome Osbi se originou do nome desse fruto nativo (*Genipa americana*), predominante no território.

O primeiro morador da aldeia Osbi foi Miguel Tomichá e sua esposa Mônica Mendonza, com seus dez filhos: André Tomichá (foi o cacique geral); Miguel Filho Tomichá, Inácio Tomichá, Francisco Tomichá, Valeriano Tomichá, Catarina Tomichá, Assunta Tomichá, Rosa Tomichá, Xavier Tomichá (este último é falante da língua chiquitano). Depois chegaram outras famílias como a do Estevão Surubi e do Aurélio Rodriguez Poché, a quem foi concedida a permanência no território pelo chefe principal dos Tomichá.

O cacique de Osbi/Nossa Senhora Aparecida relatou que muitas aldeias que existiam na região se desfizeram e as famílias se dispersaram, pois o território tradicional que estava livre e acessível para a coleta e o extrativismo ficou cercado por fazendas, conforme observado no quadro seguinte:

Quadro 12: Ambientes de caça e pesca de subsistência

NOME DO LOCAL	CARACTERÍSTICA DO LOCAL	NOME ATUAL	IMPORTÂNCIA E USOS SOCIOAMBIENTAIS
Guavi	Havia dois cemitérios situados na beira da estrada junto a duas mangueiras ali plantadas como indicadores da primeira ocupação.	Fazenda Recreio	
São Pedro	Há uma lagoa chamada Formosa com uma reserva importante na área, um cemitério e um esteio de moradia.	Fazenda do Cristiano Brito	Realizavam caçadas noturnas de tatu e porco do mato. A lagoa Formosa é descrita como “encantada” e com uma grande pedra de cor preta no meio.
Violão		Fazenda Santa Rosa de José Henrique	Lugar de caçada, pesca e coleta de espécies medicinais e extração de mel.

20. O termo Osbi, na língua chiquitano, equivale a jenipapo.

NOME DO LOCAL	CARACTERÍSTICA DO LOCAL	NOME ATUAL	IMPORTÂNCIA E USOS SOCIOAMBIENTAIS
Pescaria	Rio Barbado onde Turíbio Ângelo e o José Maria foram expulsos. Havia um cemitério, mas foi gradeado. Essa comunidade estava situada no município de Pontes e Lacerda.		
Baiazinha	Comunidade onde viveu o Miguel Tomichá, pai de José Tomichá, irmão do Pascoal da localidade Nossa Senhora Aparecida. O rio ficava no meio.		
Lagoa Mosquiteiro	Comunidade rural com um cemitério. Muitos morreram com a malária.	Fazenda Gomalina	O rio Gomalina, se localizada após o assentamento Triunfo, onde também havia uma comunidade.
Lagoa Uruguaíto	Baía classificada de Encantada	Atualmente faz parte da Fazenda de domínio da Teca .	Lugar de pesca
Russuscito			Local de caçada e pesca;
Baía Lontra			Local de pesca
Bela Vista	Comunidade Chiquitano	Atualmente é fazenda	Há um cemitério na estrada.
Santo Antônio		Fazenda	

NOME DO LOCAL	CARACTERÍSTICA DO LOCAL	NOME ATUAL	IMPORTÂNCIA E USOS SOCIOAMBIENTAIS
São João do Guaporé	As referências materiais para a localização deste lugar são as mangueiras que ali foram plantadas. Antes o lugar se chamava L & S, de Lúdio Coelho e depois passou a se chamar São João do Guaporé	Fazenda	Há dois cemitérios no local sendo que em um deles está enterrado o Agostinho, parente do cacique Aurélio Rodrigues Poché. O seu Aurélio Rodrigues trabalhou na L e S por quatro anos, havia na fazenda nove mil cabeças de gado.
Baía Grande	Unidade de paisagem descrita enfaticamente como Encantada.		O encanto é descrito a partir do movimento de uma ilha no meio da baía.

Fonte: Roda de conversa, aldeia Osbi, 24/11/2022.

A descrição dos lugares orientados pela memória das famílias chiquitano revela que o território possui lagoas naturais temporárias formadas durante as estações das chuvas e lagoas perenes, que conservam suas águas permanentemente. Esses ambientes e paisagens são muito importantes para o equilíbrio da sazonalidade, da reprodução de diferentes espécies e de recursos disponíveis para caça de subsistência, coleta de frutos nativos, pesca e também para os cultivos.

Houve um aumento no desmatamento da região com a substituição da vegetação nativa por monocultura de soja, aproximadamente a partir de 2015, além disso, os relatos afirmaram que importantes açudes localizados nos fundos da moradia do cacique e no entorno da comunidade secaram e dentro está nascendo uma vegetação invasora; outra observação preocupante é a drenagem que os fazendeiros têm realizando nas áreas alagáveis do entorno das aldeias e comunidades dessa região, alterando o sistema hidrológico.

Desde a década de 1960 o território Osbi foi designado, por uma fazendeira e um padre católico de Santa Clara, de comunidade Nossa Senhora Aparecida, classificação que nega a identidade indígena. Os relatos dos chiquitanos afirmam que a fazendeira chamada Tereza Helena Staut Costa, conhecida como dona Teca, ocupou o território indígena, loteou cinco hectares das terras e reuniu no lote 75 famílias dos Poché, Tomichá, Massai, Soares, Poquiviqui e Surubi, destinadas à formação de mão-de-obra para a fazenda.

A fazendeira se considera benfeitora da comunidade e pressiona os moradores para que não assumam a identidade indígena, ademais, houve conflitos e ameaças contra aqueles que se autoidentificam Chiquitano (PUHL, Relatório I, 2022). As famílias afirmam que o loteamento surgiu por iniciativa da fazendeira, da prefeitura e do INCRA regional. Além disso, houve diferentes intervenções nos serviços públicos para que as famílias que se assumissem a identidade chiquitano não tivessem acesso as atividades escolares, ao atendimento médico e odontológico.

As nove famílias que assumiram a identidade chiquitano formavam uma única aldeia, a Osbi, chefiada pelo cacique Aurélio Rodrigues Poché e o vice-cacique Pascoal Tomichá. Atualmente, ambos os caciques romperam e decidiram formar duas aldeias: a aldeia Osbi, chefiada pelo cacique Aurélio, organizada na parte sul e a aldeia Vaich Veirch, chefiada pelo cacique Pascoal Tomichá, cujas famílias se organizam na parte central. Ao todo somam aproximadamente 30 pessoas que se fortaleceram na luta pela identidade e demarcação do território.

Entretanto, há famílias parentadas aos Chiquitano, mas que preferem não assumir a identidade; estas habitam a parte norte da Osbi, reivindicam a titulação de lotes e, desse modo, estabelecem relações de oposição contra aqueles que se assumem como indígenas, pois prestam serviços à fazendeira e sofrem pressões para a garantia de seu trabalho e de sua subsistência.

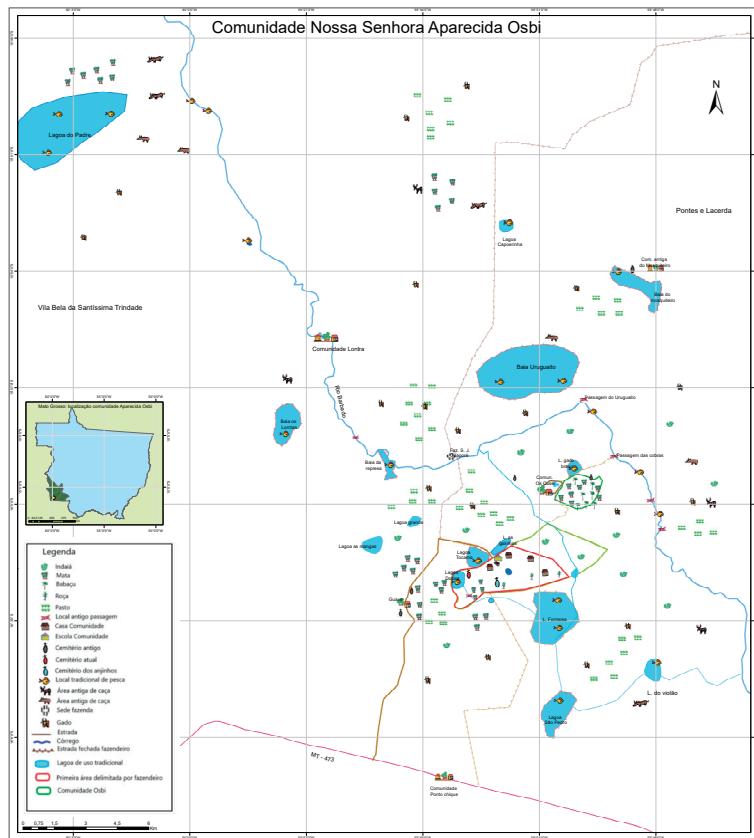
A aldeia está delimitada pela parte alta, pela vila e pela parte baixa. A vila (parte central) possui aproximadamente oito hectares e, nela, está edificado o prédio escolar municipal, a igreja e as moradias de algumas famílias. É um espaço de uso coletivo e, embora a prefeitura insista na estratégia de dividi-la em lotes e ruas, as famílias resistem a esse procedimento e manifestam sua discordância com a nova engenharia e adequação das moradias, pois entendem que as casas e as cozinhas que estiverem nos limites das ruas serão destruídas, assim como as mangueiras e as frutíferas e, por isso, o projeto da prefeitura não prosperou.

Na parte alta estão estabelecidos os sítios das famílias que manejam roças e frutíferas. O tamanho de cada sítio é de aproximadamente 12,30 hectares. Embora os termos *vila* e *sítios* tenham sido introduzidos no ano de 2004, pela fazendeira Tereza Helena Stauth Costa, já faz parte do vocabulário local.

A parte baixa é identificada a partir de uma cerca que divide as terras de domínio da fazendeira, cujo ambiente é formado por campos alagáveis, importante para o manejo do gado que se alimenta da pastagem nativa, e os lotes das famílias, cujo tamanho dos lotes é de aproximadamente 12,30 hectares.

Em todas as comunidades de fronteira, que é o caso de Aparecida, Nova Fortuna, Bocaina e Santa Monica a estratégia deles foi fazer esse Projeto de Assentamento. Essa foi uma estratégia do fazendeiro. Quando o INCRA entrou nessa região, para eles não mexer com a comunidade, eles lotearam esse campo que alaga, e pediu para cada um cercar, inclusive até eles cederam madeira, alguns arames, algumas cercas velhas que eles tinham foi cedida para cada um cercar o seu lote 12 ha, para a comunidade poder usar, porque lá muitos cria seus gados, tem sua tropa. Eles sabiam que não conseguia fazer o povo mudar para cá, porque esse lugar alaga e ninguém seria doido de fazer casa ali. Eles tiveram essa estratégia de fazer movimentar no INCRA um documento para que cada um tivesse o título, que eles falam. Então, eles fizeram um papel, por conta deles mesmo e entregaram para o povo, só que ai foi descoberto que esse papel era apenas um trâmite ilegal que eles estavam fazendo, apenas para fazer o povo acreditar que ele estaria sendo beneficiado (Cacique Sebastião Paz. In: Boletim Território Chiquitano: luta pelo direito ao território n 11. 2022, p.23).

Figura 34. Mapeamento aldeia Osbi, Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Boletim Informativo n. 11. Identidade Chiquitana. Luta pelo Direito ao Território (Set. 2022, p.19).

Figura 35. Reunião na escola da aldeia Osbi, Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 02/03/2023.

Saúde e processos terapêuticos

Os chiquitanos da aldeia não são atendidos pela equipe de saúde indígena, sob a justificativa de que o território ainda não está demarcado, mas também não são atendidos pelo agente de saúde local, vinculado à prefeitura. Em razão disso, as famílias buscam atendimento médico em Santa Clara (antiga Ponta do Aterro), onde está sediada a subprefeitura de Vila Bela da Santíssima Trindade, com um comércio de alimentos, combustíveis, lojas de tecidos e outros serviços utilizados pelas famílias, a 18 km de Osbi (PUHL, 2022).

Os caciques argumentam que deveriam ser atendidos pela equipe de saúde indígena na Terra Indígena Portal do Encantado, pois preencheram um cadastro com esse objetivo e porque se autoidentificam Chiquitano.

Antes do atendimento médico as famílias recorrem aos benzedores e curandeiros da aldeia como o cacique Aurélio Rodriguez Poché que também é o pajé responsável pelas práticas de cura. Há outros curandeiros na comunidade como José Antônio Ferreira Lima – o Geléia, casado com a filha de Inácio Tomichá; e o Roberto Rodriguez, todavia esses outros curandeiros não se assumem a identidade étnica.

Um dos problemas apontados pelas famílias é a dificuldade para o acesso de água potável. Em Osbi, há dois poços artesianos que abastecem as moradias, um estabelecido nas imediações da escola não indígena e o outro dentro da vila. Há muito tempo que esses poços são abastecidos com água transportada por um carro pipa e o agente de saúde questiona sobre a qualidade da água consumida, ou ainda, de onde o caminhão obtém a água para o abastecimento dos poços. Os demais poços estão localizados nos áreas dos sítios que ao todo somam 56 lotes, mas nem todos possuem famílias vivendo dentro.

As famílias se organizam para a criação de poços e distribuição da água, como a do João Santana que abastece seis moradias; o poço de dona Santa Charupá, abastece três moradias; há dois poços particulares, dois poços secos, o poço da escola municipal que atende a metade da Vila, pois a outra metade é atendida pelo poço da dona Catarina e o poço da escola indígena, que atende duas famílias e a escola. Segundo o agente de saúde de Osbi/Nossa Senhora Aparecida os adoecimentos mais freqüentes estão relacionados com diarréia no período das chuvas e doenças crônicas como diabetes e a pressão alta. Em conversas com o cacique Aurélio Rodrigues e sua neta Shirley Rodrigues, levantamos o número de poços para a distribuição da água em Osbi/Nossa Senhora Aparecida

Há um serviço de transporte que oferece atendimento uma vez por mês para quarenta aposentados da aldeia e de comunidades do entorno, entre elas, PA Morrinhos e As Cruz. O micro-ônibus sai às três horas da manhã de Osbi/Nossa Senhora Aparecida e segue para Pontes e Lacerda. Na cidade as pessoas atendidas realizam compras de alimentos nos supermercados e, às 15 horas retornam com o micro-ônibus que chega às em Osbi/Nossa Senhora Aparecida às 20 horas. A prefeitura fornece o ônibus, mas o frete é por conta dos aposentados no valor de 100 reais por pessoa. Só na aldeia Osbi são mais de 26 aposentados.

A escola Indígena e suas demandas

A primeira escola não indígena freqüentada pelos Chiquitano é da década de 1980 com aulas ministradas por uma professora na fazenda, as crianças atravessavam o rio Guaporé de canoa para estudar.

Atualmente há uma escola indígena e outra não indígena de Ensino Fundamental na aldeia. A escola

indígena da aldeia é de Ensino Fundamental com uma turma para a Educação de Jovens e Adultos. Antes funcionava como escola anexa à Vila Nova Barbecho, atualmente está anexa da Escola Indígena Chiquitano da TI Portal do Encantado. Já os estudantes do Ensino Médio percorrem 18 km de ônibus até Santa Clara para estudar.

Antes da instalação do prédio escolar, as aulas aconteciam na moradia do Maurício Rodrigues Poché, filho do cacique Aurélio, mas os ritmos das atividades interferiam na vida cotidiana da família, por isso o cacique decidiu reivindicar junto ao Aloir Pacini²¹ recursos para a construção de uma sala destinada ao funcionamento das atividades escolares. Para tanto foi arrecadado treze mil reais destinados à construção da escola e contou com o apoio das famílias que forneceu a madeira e o trabalho do pedreiro.

As atividades pedagógicas são realizadas pelos professores Laucino Costa Leite Mendes e sua esposa e professora Adelaide Aparecida Chue Urupe, desde o ano de 2016. Os professores demonstraram interesse pelo projeto da OPAN e indagaram se havia rubrica para publicação de material pedagógico sobre coleta e identificação de frutos nativos, outra área de interesse voltou-se para a criação de uma horta para cultivos de frutos nativos.

As mulheres que participaram da roda de conversa falaram de suas experiências com a fabricação de cestos de palha de milho e dos cursos realizados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – SENAR, para o manejo de hortas, confecção de bonecos e pinturas em guardanapos, destinada à geração de renda, sobre este aspecto, pontuaram que na festa junina realizada na Vila foram comercializados oitenta guardanapos fabricados pelas mulheres e dez arranjos de flores confeccionadas pelos estudantes.

Os artesanatos tradicionais, especialmente os trançados, já foram confeccionados na escola em moldes de papel, ainda não confeccionaram com a matéria-prima porque os professores não dominam a técnica e compreendem que será necessário contar com o apoio de um ancião especialista em peneira, apá, cesto, arco e flecha fabricada com a madeira coração-de-negro, o banico de acuri, os trançados para a cobertura das moradias (indaiá) e o pilão (piúva). Para melhor entendimento dos trançados chiquitanos, vejam a dissertação de mestrado de Saturnina Urupe Chuê (2022).

Além dessas reivindicações, os professores e o cacique disseram que já solicitaram a SEDUC um banheiro para a escola, mas a secretaria argumenta que não há número suficiente de estudantes, tendo em vista que oito estão no Ensino Médio e sete no Ensino Fundamental. Os assentos da escola foram doados pela UFMT, em razão da universidade ter adquirido novas unidades para a instituição. Além disso, a prefeitura de Vila Bela da Santíssima Trindade propôs o fechamento da escola indígena duas vezes, mas as famílias resistiram; os professores e o cacique entendem que a escola fortalece a luta pelo território e continuam ampliando as ações na área da educação.

Os professores explicaram que a horta de plantas nativas faz sentido para a aldeia, mas a de verduras não entra na prioridade da escola indígena pois no “Eixo Saberes” do currículo escolar, os projetos devem ser voltados para a roça, os cultivos do milho, da mandioca e a fabricação da chicha. Além disso, a horta não é uma prática do povo chiquitano, mas uma prioridade da escola urbana. A “Tecnologia Indígena” propõe estudos sobre a coleta, mas não é possível realizar esse trabalho na aldeia porque o território não está demarcado e a maior parte dos recursos naturais encontra-se cercada pelas fazendas, outras experiências descritas no “Eixo Fazer” como artesanato, a habitação e a produção do conhecimento indígena poderiam ser potencializadas.

21. Padre jesuíta, antropólogo, integrante do CIMI e professor da UFMT.

O professor da escola propôs ainda como demanda da OPAN a construção de um barracão coberto com folhas da palmeira indaiá para servir como refeitório da escola e, ainda, o cacique Aurélio Rodrigues defendeu a importância de gradear a terra e plantar banana e outras espécies alimentares.

De acordo com o professor Laucindo Costa Leite Mendes, os produtos das roças poderiam ser utilizados na merenda escolar. Pontuou que há crianças que estão acima do peso e com a taxa de colesterol elevada. Além disso, há muitos produtos industrializados como pão, bolacha e macarrão que vem da secretaria de educação tardiamente, um dos exemplos citados foi o pão, consumido na merenda, depois de quatro dias.

O contexto dos jovens e das mulheres

Uma liderança da aldeia relatou que a maioria dos jovens, entre 13 a 18 anos, vive condições de vulnerabilidade na fronteira, há um aumento do tráfico de drogas, da desmotivação pelo trabalho nas roças e na limpeza dos quintais, o trabalho é mobilizado para as fazendas que empregam jovens como vaqueiro, tratorista, peão e diarista para atividades diversas. Registra-se um aumento no consumo de bebida alcoólica e desistências nos estudos.

Outros acontecimentos merecem atenção nos relatos são as violências contra os jovens, a violência doméstica e as ameaças. Como foi a experiência de uma mulher que participou da roda de conversa ao relatar que estava profundamente triste, pois há poucos dias o seu filho foi encontrado morto por afogamento em um açude nas proximidades. Ela pensa que o seu filho pode ter sido brutalmente assassinado e depois lançado no açude.

É importante também considerar que na Osbi/Nossa Senhora Aparecida há jovens mobilizados e que atuam em diferentes grupos: da igreja católica; de futebol, para articular campeonatos, ações lideradas por Adevair, Tucano, Rubens e o professor Anderson da Ponta do Aterro. Essas ações são importantes para motivar a juventude na discussão de projetos futuros e saudáveis e do esporte.

Festas e práticas culturais

Algumas práticas são aglutinadoras da vida comunitária e ceremonial, entre elas a *comensalidade* – após uma roda de conversa é servido algum alimento para ser compartilhado pelos participantes como queijo, canjica, farofa com banana verde, café, suco de frutos e o *tereré* – bebida consumida com muita freqüência na aldeia feita à base de infusão de erva-mate em uma cuia com água muito fria, a água permanece em uma garrafa térmica, mantendo a temperatura fria, ou ainda, em garrafas com a água congelada por ser acondicionada em freezer.

A festa da Nossa Senhora Aparecida, a padroeira, é realizada no dia 11 (véspera) e 12 de outubro (dia da festa) e o festejo inicia na véspera com o churrasco para todos os convidados; no dia 12 de outubro é servido o café da manhã e, em seguida, uma procissão dos fiéis, com celebração e reza do rosário; no almoço servem novamente o churrasco e à noite, o jantar com uma sopa. Há também bolo de arroz e bolo de milho.

A bebida chicha, feita a base da mandioca ou do milho fermentado, já não é servida nos eventos comunitários desde o período em que o cacique Aurélio entregou a responsabilidade da festa para outros

membros da comunidade. Antes desse acontecimento, a festa acontecia durante três dias na escola, porque a igreja não estava construída; o cacique angariava recursos para o almoço, servindo churrasco.

A festa carnava/*deixa* deixou de ser realizada durante três anos em razão da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). De acordo com os nossos interlocutores, com a pandemia, muitas mortes ocorreram e, desde o ano de 2019, acreditam que as moradias ficaram “assombradas”, e as famílias deixaram de realizar a festa que é uma cerimônia destinada a afastar os seres não humanos que provocam doenças²². No ano de 2023 as famílias realizaram a festa, dançaram e beberam chicha, porém não houve nenhum registro, pois os que negam a identidade Chiquitano não permitiram. Uma constatação das famílias é que está cada vez mais difícil encontrar materiais na região para fabricar os instrumentos fífano e as caixas para o Carnaval. Os últimos vieram de Santa Ana (Bolívia).

Outra cerimônia importante que acontece em Osbi é a Romaria de Nossa Senhora de Sant’Ana que ocorre entre os dias 17/06 a 26/07 da Bolívia para o Brasil. Os Chiquitanos se encontram na fronteira e a santa é carregada pelas famílias até a igreja católica de cada aldeia. José Eduardo Moreira da Costa (2000) e Aloir Pacini (2012) descreveram a Romaria que pode ser mais bem compreendidas a partir da leitura de suas obras²³. Durante a Romaria, a chicha é servida, mas em Osbi apenas duas famílias estão fabricando a bebida, a do Aurélio Rodrigues Poché e da Flora Arroio. A dificuldade maior é obter a mandioca e o pilão para fabricar uma grande quantidade da bebida, além disso em Santa Clara (Ponta o Aterro) a chicha é comercializada. Muitas práticas culturais foram abandonadas desde a entrada da fazendeira Teca no território Chiquitano.

Figura 36. Entrevista com o cacique Aurélio e família da aldeia Osbi, Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 02/03/2023.

22. Para maior entendimento sobre o sentido do Carnaval, ler a tese de Silva (2014 e 2015).

23. José Eduardo Moreira da Costa (2000) e Aloir Pacini (2012).

3.7 COMUNIDADE SANTA MÔNICA

A comunidade Santa Mônica está circunscrita em uma área de 300 hectares com 90 famílias e aproximadamente mil pessoas. Os grupos familiares predominante são os de sobrenome Tapanaché, Tomichá, Maconho, Florentin, Vaca, Choré, porém apenas cinco famílias dos Tomichá e dos Maconho assumem a identidade chiquitano. Muitas famílias não assumem a identidade étnica porque temem pela perda do trabalho nas fazendas, a principal fonte de renda das famílias juntamente com o serviço público municipal. Em Santa Mônica apenas quatro famílias Maconho são interlocutoras diretas no projeto da OPAN, mas nem todos os membros Maconho assumem a identidade étnica Chiquitano.

A questão da identidade chiquitano ainda é um ponto nevrálgico. No ano 2000 ocorreu uma Audiência Pública em Porto Esperidião, articulada por fazendeiros, pecuaristas e políticos de Mato Grosso para garantir a não indianidade dos Chiquitanos resultado da divulgação do relatório para a identificação do povo indígena Chiquitano de 1998, coordenado por Joana Fernandes Silva.

Naquele período o fazendeiro levou alguns moradores de Santa Mônica para Brasília a fim de afirmarem que não havia indígena na região e, ainda, mobilizou muitas famílias da comunidade para participar da audiência pública em Porto Esperidião e declarar, publicamente, o seu pertencimento étnico. As questões em torno dessa audiência foram muito bem analisadas no documentário “Manoel Chiquitano Brasileiro (2014), dirigido por Aluízio de Azevedo e Glória Albues e no artigo de Joana Fernandes Silva (2008). E, ainda, entre os anos de 2006 e 2007, a prática do cacicado teria encerrado e a festa Carnaval suspensa.

Outro fato ocorrido foi o estudo monográfico realizado por um dos membros da comunidade e estudante da UNEMAT chamado Estevão Tapanaché que expôs o modo de vida tradicional das famílias, descrevendo as casas de palha e a festa Carnaval. A partir desse trabalho elaborado em 2007, houve redução nas iniciativas para a autoidentificação Chiquitano.

Para chegar à Santa Mônica pode-se percorrer a MT-199, a partir de Palmarito. Em algumas ocasiões do ano, especialmente durante as intensas chuvas, não é possível acessar esse caminho, sendo necessário optar por outro percurso, o de Bocaina até a Vila Matão, pela MT-473, até a MT-265 no sentido Santa Clara/Ponta do Aterro, até a aldeia Osbi/Nossa Senhora Aparecida e, depois para a MT-265 até a MT-199 e, por fim chega-se à Santa Mônica.

O ancião Rafael Tapanaché que não assume a identidade chiquitano, relatou que, entre os anos de 1971 e 1972, trabalhou na demarcação de limites entre Brasil e Bolívia e no entorno da Baía Grande, onde havia um núcleo familiar chamado Marfil cujas famílias foram obrigadas a se deslocarem para San Nícolas del Cerrito, que também recebeu famílias oriundas de Santo Inácio – localidade que foi alterada pelas demarcações –, uma parte da famílias migrou para Nova Fortuna (Brasil) e, a outra, para San Nícolas del Cerrito, Bolívia.

No ano de 1966, as terras da família Tapanaché foram ocupadas pelo Exército que se instalou na região e mobilizou as famílias a trabalhar nas obras para a construção do Destacamento e da Escola Militar Municipal Marechal Deodoro. Os antigos moradores tiveram que se deslocar para o entorno do destacamento com a “autorização e orientação dos militares” cujo lugar passou a se chamar Santa Mônica. O nome se refere à santa que se tornou padroeira da localidade, festejada nos dias 26 e 27 de agosto, cuja

imagem foi introduzida pelo padre Geraldo José dos Santos da Ponta do Aterro, Vila Bela da Santíssima Trindade.

Em Santa Mônica há uma igreja católica e outra da Assembléia de Deus, construída no quintal da moradia do Ascênsio porque as famílias não aceitaram a construção de outra casa religiosa, considerando que a maioria é católica e já existe uma igreja edificada na parte central da comunidade, ao lado da Escola Municipal de Ensino Fundamental Marechal Deodoro e próxima do campo de futebol.

Quando as terras estavam controladas pelo quartel, as festas, os rituais e outras atividades socioculturais só aconteciam mediante a permissão dos militares, por esta razão as famílias chiquitano foram identificadas como “permissionárias nas terras”. Na área do quartel ainda há muita mata com madeira angico, contudo, a sua extração e a coleta da lenha são proibidas, inclusive da lenha seca, condição que gera um aumento nos gastos das famílias, porque necessitam comprar o gás engarrafado, difícil de ser encontrado na região tornando-o exclusividade de alguns fornecedores que eleva o preço do produto.

O ancião Rafael Tapanaché narrou que a sua família já vivia na terra quando a firma “L & S” se declarou proprietária e exigiu a sua saída da terra, mas o seu padrasto buscou junto ao Exército apoio, a fim de garantir que a empresa não os expulsasse e, portanto, permaneceram na localidade. O gerente da firma proibiu a pesca nos açudes e o deslocamento pelos campos, áreas de domínio da firma. Posteriormente, as terras de domínio da empresa L & S foram vendidas para o fazendeiro Luciano Barbosa. Atualmente, a pesca nas imediações é proibida e os moradores se deslocam até a baía do padre ou, ainda, nos açudes para capturar piranha e tucunaré. Há outras baías distantes de Santa Mônica, porém distantes como a baía São João do Guaporé e baía do Romero, próximas da fazenda Boa Vista, condição que inviabiliza a pesca.

A comunidade de Santa Mônica não possui cacique, mas há uma Associação de Moradores. Contudo, os relatos afirmam que:

A comunidade Santa Mônica tinha cacique, o sistema de cacique. Só que os fazendeiros já tinham feito uma manobra para que parasse com essa questão de cacique e passasse a ser uma associação, e nomearam os presidentes. Essa situação aconteceu em começo de 2000. Os fazendeiros mandavam as lideranças deles, que era montado por eles, ir até essas comunidades para orientar. (cacique Sebastião Paz. In: Boletim Território Chiquitano: luta pelo direito ao território n 11. 2022 p.20).

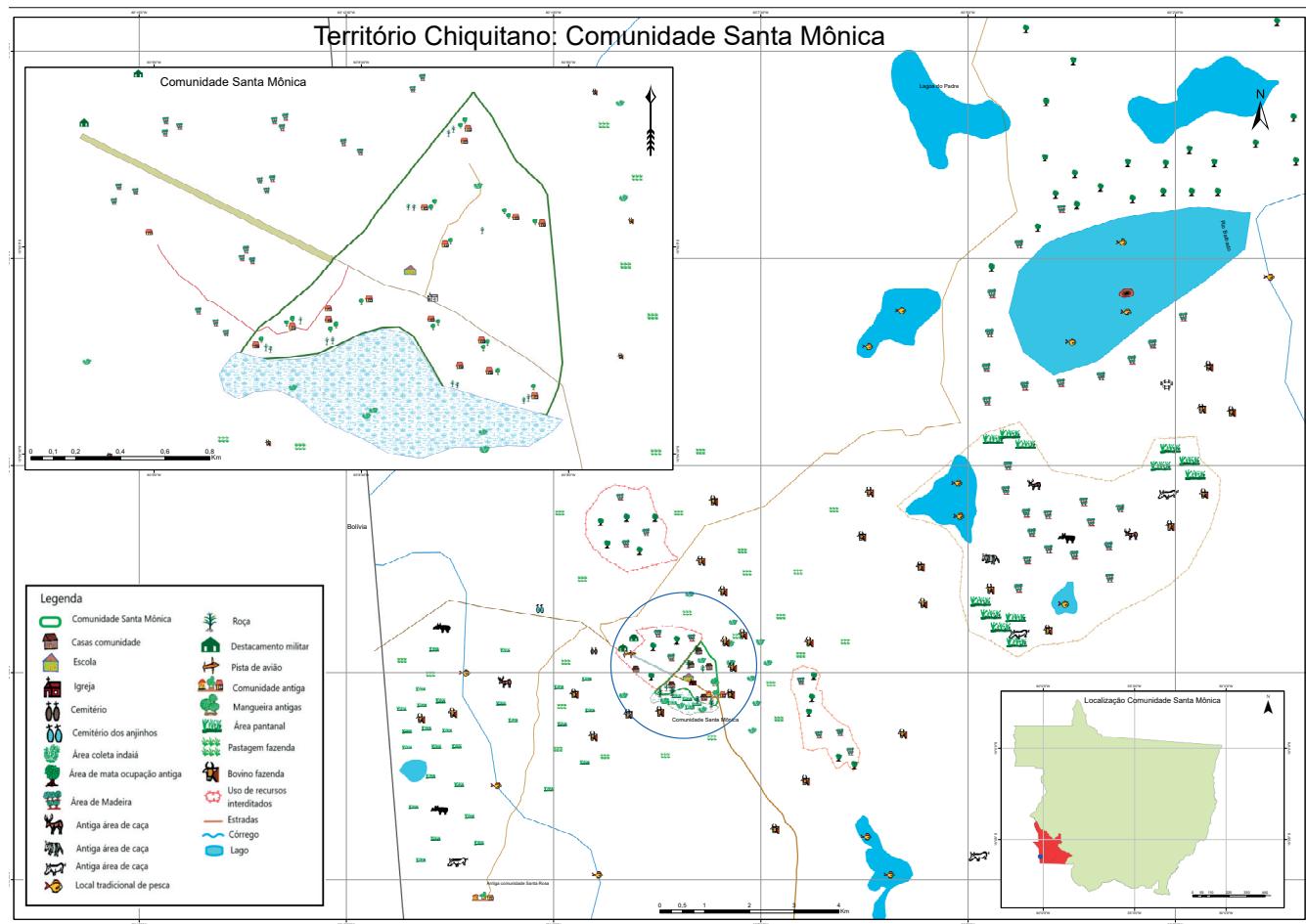
Saúde, água e práticas terapêuticas

O agente de saúde da comunidade Santa Mônica é o Feliciano Maconho Paz, que não se autoidentifica Chiquitano e trabalha há mais de dez anos como funcionário da prefeitura. O agente atende 86 pessoas, considerando que cada família é constituída entre três a oito pessoas. Além dessas famílias é responsável pelo atendimento das famílias que trabalham nas cinco fazendas do Luciano Barbosa (Fazenda São Simão, Fazenda Laci, Fazenda Serraria, Fazenda Bela Vista, Fazenda Capão da Onça), aproximadamente, 96 pessoas e a maioria é de Santa Mônica. Mas alertou que esse número é dinâmico, pois “se o patrão mandar o trabalhador embora será necessário atualizar os dados”.

Em sua atividade como agente de saúde realiza visitas domiciliares, acompanha as famílias vinculadas ao programa bolsa família e registra os dados de forma manuscrita para que outra pessoa cadastre as informações no sistema. No início de cada mês ocorre atendimento médico e vacinação. O médico é efetivo pela prefeitura de Vila Bela e reside em Santa Clara (Ponta do Aterro) onde presta atendimento e

realiza o exame preventivo contra câncer de mama e cólon de útero em mulheres, além de pré-natal, alem desse posto há um ponto de apoio no PA Morrinho²⁴, onde funcionava uma antiga escola que foi desativada para servir como posto de saúde às famílias, tendo ainda no local um técnico de enfermagem para suporte.

Figura 37. Mapa da comunidade Santa Mônica



Fonte: Boletim Informativo n. 11. Identidade Chiquitana. Luta pelo Direito ao Território (Set. 2022, p.24).

Os problemas de saúde que mais acometem as famílias de Santa Mônica são o cálculo biliar (pedra na vesícula), com nove cirurgias realizadas no ano de 2022 no hospital Evangélico Estadual de Vila Bela da Santíssima Trindade com outras cirurgias já agendadas para este ano. A hipertensão acomete 37 pessoas, o diabete seis pessoas, e epilepsia apenas uma criança, além disso, nem sempre há medicação disponível. Outro problema grave é alcoolismo entre os jovens.

As famílias fazem uso de remédios caseiros e da benzeção. Em Santa Mônica há benzedores reconhecidos e procurados com diferentes especialidades:

24. Assentamento de Reforma Agrária Morrinho do Tarumã. Vila Bela da Santíssima Trindade. Código 51-5507. Data de criação 24/09/1996. SR 13 Mato Grosso. Registro 549 (INCRA, 2017).

Quadro 13. Benzedores de Santa Mônica

BENZEDORES	ESPECIALIDADES
Ascênsio Tapanaché	Peito aberto e quedas
Félix Paz	Quebrante eobreiro
Urnamo “Rodriguez” (mudou o nome, pois antes era Maconho).	Sovador; benze de dor de cabeça e fabrica garrafadas.

Fonte: Trabalho de campo, Feliciano Maconho Paz, comunidade Santa Mônica, 28/02/2023.

Em Santa Mônica, há dois poços artesianos que abastecem as moradias e seis poços particulares, perfurados manualmente. O ancião Merquíade Tapanhaché identificava “o olho da água” com uma vara de goiabeira e, após essa descoberta, cavava e fabricava o poço. Atualmente os poços são perfurados com uma máquina industrial e o esposo da Feliciano é quem presta esse serviço na região.

O senhor Marcos Antônio Vieira é esposo da Feliciano Maconho Paz Flores e atua como especialista em furar poço d’água na região; já prestou serviços em Bocaina, em Osbi e no PA Morrinho. A técnica utilizada é muito conhecida na região, primeiramente ele faz a identificação do local para avaliar a profundidade do lençol freático utilizando um galho de goiabeira ou de amoreira e, em seguida, inicia a perfuração.

O agente de saúde informou que a água consumida na localidade não é tratada, embora oriente sobre a importância do uso do cloro, nem sempre as suas recomendações são atendidas e muitos se queixam de dores de barriga por causa da verminose que pode estar associada à má qualidade da água.

Não há agente sanitário, apenas um “cuidador da água”, responsável para ligar e desligar a bomba que faz a distribuição para as caixas d’água e, ainda, troca de encanamento, caso seja necessário. Essa pessoa presta serviço a Associação, tendo em vista que deve resolver os problemas que impedem as famílias de terem o acesso à água, condição esta que piora no período das chuvas. A Garbin Eletro é a empresa terceirizada pela prefeitura para trabalhar no conserto da bomba e de algum problema relacionado com o consumo de água, para tanto, o cuidador deve acionar os técnicos responsáveis dessa empresa.

Trabalho, Roça e produção de alimentos

Os membros da família Maconho manejam roças no quintal. Uma delas é na do Marcos Antônio Vieira e Feliciano Maconho Paz Flores, que manejam roça de toco no entorno da moradia onde cultivam quiabo, mandioca amarelinha, da branca, abóbora, cana-de-açúcar, mamão, abacaxi, milho, pimenta bodinho, bucha natural, batata doce, milho fofo, mandioca brava, feijão de corda, caninha do brejo, açafrão, pepino, feijão guandu, banana-maçã.

A atividade teve início juntamente com o apoio do projeto da OPAN e se tornou uma prática econômica importante para o consumo de alimentos e geração da renda complementar à família porque Feliciano trabalha como professora na escola e o seu esposo como furador de poço.

A anciã Antônia Inácia Tomichá explica a importância da lua para o manejo das roças e segue esse ensinamento dos ancestrais. Segundo a anciã, a lua nova é forte, portanto, inapropriada para o manejo de roças, pois contém uma substância capaz de afetar tudo o que tem vida. A orientação do vento é outra referência importante; não manejam roça quando há vento sul, pois ele é frio e interfere no tamanho adequado das espécies, que não se desenvolvem nem crescem da mesma forma. Segundo os Chiquitano, a lua minguante e a lua cheia são as melhores das fases para cultivos.

Nos quintais da anciã são cultivadas as seguintes frutíferas: acerola, limão, laranja, abacaxi, manga, ata, mamão; também cultivam e consomem frutas nativas como o pequi, jenipapo, cabrito, canjiquinha, coletada no campo. O milho cultivado com freqüência era o branco, o vermelho, o fofó e o amarelo, na roça de toco a derrubada da mata era feita com o machado, depois o corte, a queima, a limpeza e o descoivará. Plantavam em novembro, dezembro e janeiro. Atualmente estão comprando milho para alimentar os frangos criados soltos no quintal. O saco do milho custa R\$ 100,00 e os frangos foram comprados no assentamento Morrinho, que é um núcleo importante de relações comerciais com Santa Mônica.

Figura 38 a e 38b: Roça de toco no quintal de Marcos Antônio Vieira e Feliciana Maconho Paz Flores



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 27/02/2023.

Há um trator da prefeitura que presta serviço às famílias, mas os interessados devem fornecer o óleo diesel para gradear a terra. Nos finais de semana o serviço é pago e o valor cobrado aumenta para R\$ 150,00, mas durante a semana o transporte está à disposição das famílias. Antes, o trator circulava de mão em mão, mas atualmente, uma pessoa é a responsável para que o serviço de gradeação atenda Nossa Senhora Aparecida, São Miguel, Santa Lúcia, As Cruzes e Santa Mônica.

Um alerta foi dado à OPAN, de que o fazendeiro também presta serviços à comunidade com o trator, mas se souber que as famílias estão realizando reuniões e recebendo apoio de organizações, deixará de fornecer ajuda.

Figura 39. Roda de conversa na comunidade



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 26/11/2022.

As famílias estão preferindo se empregar nas fazendas por meio de um contrato mensal reduzindo as diárias e isso implica no distanciamento do manejo das roças que exige o trabalho com a enxada e a foice; portanto, estão comprando banana, laranja, melancia, óleo e produtos para o consumo. Além disso, o desmatamento do entorno tem provocado um aumento de animais que atacam os cultivos, como a cutia que ataca a mandioca e as maitacas, que atacam as mangueiras.

O lugar que mais emprega homens é a fazenda em serviços diversos com maquinário e tratores e, ainda, no manejo do gado. Segundo um de nossos interlocutores, os trabalhadores possuem carteira assinada e recebem um salário mínimo e meio, ou ainda, diárias, que variam entre R\$80,00 a R\$120,00. Os homens iniciam a jornada de trabalho às cinco horas da manhã e finalizam às 17 horas. Se o local de trabalho (fazenda) for próximo à Santa Mônica, possivelmente retornarão diariamente para as suas moradias, caso contrário, apenas nos finais de semana. Além da fazenda, há uma marcenaria e um bar em Santa Mônica que empregam pessoas.

Outra atividade econômica que movimenta pessoas e produtos na localidade é o comércio de casa em casa e a entrega de produtos da roça, leite, frango, frutos nativos canjiquinha/murici (*Byrsinima verbacifolia*), peixe, mel, entre outros, encomendados por meio de grupos de *whatsapp*. O comprador solicita no grupo o produto e o vendedor confirma a disponibilidade e o leva até a moradia do interessado onde receberá o pagamento. Observamos que as mulheres são as mais envolvidas nesse tipo de comércio; mas também há aquelas que residem em fazendas, porque acompanham os seus maridos e lá trabalham fazendo refeições, limpeza de quintal, quase sempre sem remuneração. Outra atividade remunerada é o serviço público prestado na Escola Municipal Marechal Deodoro e na Saúde, como agente de saúde.

Os jovens têm como principal atividade de lazer o futebol. Jogam todos os dias na quadra de esportes construída próxima da escola e da igreja católica. Além de jogos, há treinamentos para torneios organizados pelo presidente João Paulo que estabelece um cronograma para a equipe masculina e a equipe feminina. Em Santa Mônica há quatro grupos masculinos e três grupos femininos. Os torneios acontecem no mês de maio e o agente de saúde defendeu a necessidade de melhorias nas condições físicas da quadra aberta para uma nova quadra coberta, sendo esta mudança necessária para a continuidade da prática esportiva.

Apicultura

A produção de mel é uma prática antiga das famílias para o consumo e se tornou uma iniciativa voltada para o comércio, a Gislaine Maconho, irmã consangüínea da Feliciana, obteve licença para criação de abelhas junto ao IBAMA e conseguiu o selo chiquitano, porém não o renovou.

Figura 40. Prática de Apicultura na comunidade Santa Mônica



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 02/03/2023.

Figura 41. Fruto da canjiquinha ou murici (*Byrsonima verbacifolia*)



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 02/03/2023.

As principais abelhas manejadas são a africana, européia e a jataí. A floração ocorre em área de campo com as espécies hortelã e assapeixe. A Gislaine aprendeu apicultura desde os onze anos de idade e aperfeiçou a técnica de manejo com o SENAR. O trabalho teve início com aproximadamente 20 caixas e efetuou-se por oito anos. O comércio do mel ocorria sob encomenda e o litro custava R\$ 25,00. Há interesse dessa família em ampliar o trabalho com apicultura.

As festas e o Carnaval

Nesta comunidade realizam a festa Carnaval compreendida pela anciã Antônia Inácia Tomichá como sagrada. A anciã explicou:

O carnaval não nasceu por ele, mas quando Jesus andava pela terra conversava com os discípulos e alguns acreditavam, outros não. Fizeram a festa e Jesus saiu dançando dentro da igreja, dançando com a bandeira. Naquela multidão de gente, ninguém sabe para onde ele foi. Ele deixou essa festa que tinha que ser alegre, porque ele não queria tristeza. É no mundo inteiro. É uma alegria para os filhos na terra estar com os amigos, a família, não tem tristeza. Nessa festa enterram o boneco e uma garrafa de chicha, no ano seguinte desenterram ali. (Entrevista com Antônia Inácia Tomichá, comunidade Santa Mônica, 27 de novembro de 2021).

Segundo informações de lideranças locais, a festa para o Carnaval foi realizada no ano 2023 porque “a festa é para o mundo inteiro e não acaba nunca” – defendeu o Rafael Tapanaché, a festa já não acontecia há quinze anos e foi retomada. Ainda possuem especialistas da música tradicional que nessas ocasiões produzem ritmos para produzir alegria para todos da localidade.

Outra festa importante é a Procissão (Romaria) de Nossa Senhora Sant'Ana cujas famílias peregrinam da Bolívia (Santa Ana de Velasco), atravessam a fronteira e adentram à comunidade no Brasil (Ver Moreira da Costa, 2006).

A festa da padroeira Santa Mônica acontece nos dias 26 e 27 de agosto. A imagem da santa foi adquirida pelo padre Geraldo e está a cinco anos na igreja católica. A festa inicia com um jantar na véspera, dia 26; durante a madrugada servem chá com pão e, no dia 27 pela manhã, servem chá e café; para o almoço preparam o churrasco de carne bovina. Segundo os relatos das famílias há muita gente que participa.

A santa é homenageada com uma festa dançante e música mecânica que inicia na véspera com um jantar cujo cardápio é a carne assada, mandioca, macarrão, galinha, refrigerante e cerveja. No dia seguinte, os festeiros servem o almoço e também o jantar. Há muita expectativa de que o fazendeiro libere os trabalhadores para participarem das atividades porque a data é fixa, não podem alterar para atender as agendas de outros interesses. Os organizadores da festa são os membros da Associação de Santa Mônica, presidida por João Paulo e os líderes da igreja católica, representada pelo Adão.

3.8 BOCAINA/ COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA

Bocaina é um assentamento de Reforma Agrária situado no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, registrado sob o nº 5105507, de 18 de janeiro de 1997, ocupado por 17 famílias, distribuídas por 300 hectares (INCRA, 2017). Entretanto, cem hectares são formados por uma área seca, e duzentos hectares consistem em uma paisagem que inunda periodicamente, entre os meses de dezembro a março, razão pela qual recebe a denominação de *pantano*. Na área seca, vivem 53 famílias de sobrenome Pachuri, Tomichá e Sespede. Os limites do assentamento situam-se entre as fazendas Santa Laura e Água Verde.

O assentamento está localizado há nove km do rio Barbado, tributário do rio Alegre, da Bacia do Guaporé, e importante fonte de proteína, além de oferecer lazer às famílias; durante as cheias, o rio contribui com a formação de lagoas e baías, canais naturais ou corixos, onde se concentram diferentes espécies de peixes que são capturados para o consumo.

Um dos problemas identificados nessa paisagem é a drenagem das áreas alagáveis, que os fazendeiros do entorno realizaram há dois anos no território, a fim de conter a inundação natural e o aterro do ambiente. Esse fato resulta na alteração do ciclo hidrológico, tornando o ambiente mais seco e, consequentemente, afetando todo o sistema ecológico. A drenagem nas proximidades do córrego do Macaco foi feita com tratores semelhantes aos utilizados na piscicultura. Além disso, há uma área desmatada nas proximidades, de aproximadamente 1.200 hectares, destinada ao plantio de soja.

A Bocaina Velha ou a antiga Bocaina estava circunscrita ao local onde está situada a fazenda Água Verde. As mangueiras avistadas de longe revelam o antigo território, mas o córrego foi represado pelo fazendeiro. O ancião Marinho Pachuri e seus dois irmãos foram os primeiros a chegar a esse lugar, muito antes do fazendeiro, e deram início à formação da Bocaina. Vejamos o relato que descreve esse processo:

“(...) este lugar era um sertão, um mato e não havia estrada. Nós chegamos e éramos da banda da Amazônia, com meu pai rodamos por Rondônia, Ariquemes, Rolim de Moura e viemos a Porto Velho, Tangará da Serra, porque ele era poaeiro, seringueiro e tecia rede de linha, coberta também, fazia a linha fina e grossa, fazia duas cobertas por dia. Viemos em Cáceres e moramos lá durante seis anos e arrumei um patrão chamado Manuezinho

de Lara e depois trabalhei em São João do Guaporé por cinco anos. E convidaram eles para vir para a região. Lá criava leitão de meia. Ficou cinco para mim e cinco para ele e um para compartilhar, eu comprava ou ele comprava. Moramos trinta anos no lugar chamado Bocaina Velha. Bocaina porque o lago é largo e lá tem uma furna, uma boca, um campo, e lá chamavam Bocaininha. Vieram meu pai, a mãe e o João, Luciano, Paulo, José Inácio, Caetano, Marino, Miguel. Vieram no lugar que hoje é a Fazenda. Na ocasião a terra era devoluta. E de lá mudaram para cá. Fizeram uma casa de palha e barreada e moraram onde viveram um tempo..." (Entrevista com Marino Pachuri, Assentamento Bocaina, 27/02/2023).

A narrativa detalhada de seu Marino revela que, os primeiros ocupantes da terra foram desterritorializados e limitados ao uso do território e dos recursos naturais nele disponíveis. Trabalharam na extração da poaia, da seringa. O lugar onde se estabeleceu a fazenda Água Verde e a fazenda Santa Laura são, portanto, terras que pertenciam aos Pachuri e aos demais Chiquitano de Bocaina.

O cemitério onde estão sepultadas as ancestrais das famílias localiza-se na fazenda Santa Laura e o seu Marino propôs a compra de um alqueire da terra, a fim de garantir o acesso aos parentes falecidos, mas o antigo fazendeiro não aceitou. Na data de 2 de novembro, as famílias realizam visitas e limpezas dos túmulos; para isso, se deslocam em grupos ao cemitério, acendem velas para iluminação das almas dos falecidos com cânticos e músicas para alegrar os mortos. De acordo com o seu Marino é necessária a autorização do gerente da fazenda para o acesso ao cemitério, e o ancião planeja conversar com o novo fazendeiro e negociar a doação ou a compra dessa parte da terra.

Os últimos que faleceram em Bocaina foram sepultados na sede urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade. Esse procedimento parece ter sido uma exigência da prefeitura do município, mas famílias não souberam explicar as razões dessa mudança. Ao que tudo indica, uma lei municipal proíbe a continuidade de enterros em antigos cemitérios e espaços não autorizados pela prefeitura, mas as famílias reclamaram dessa decisão, pois ela dificulta a continuidade das cerimônias e dos cuidados com os mortos.

Na Bocaina Velha não havia sal, e o produto chegava da Bolívia em forma de barra. O fornecimento desse mineral a quilo ocorreu após a instalação das fazendas na região, tornando-se uma importante moeda de troca. Os fazendeiros detinham o controle de sal e de remédios, além de serviços para o plantio de milho, arroz, feijão, melancia, em troca de sal e de roupas. Somente na década de 1990, o sal e os remédios passaram a chegar de Cáceres.

Naquela época, alguns pistoleiros andavam pela região fazendo perseguições e ameaças, pressionando as famílias para que deixassem suas terras, sem nenhum direito. Ao longo de onze anos, seu Marino viveu no sistema de trabalhar com a promessa de um dia obter uma terra, com a ajuda dos fazendeiros, mas isso não ocorreu. Ele trabalhou também em Palmarito, e de lá, ficou sabendo que a sua terra tinha sido apropriada; a roça, a esposa, os filhos e os animais domésticos estavam dentro. "Eu não queria sair, não queriam me pagar e eu não tinha para onde ir" – afirmou o seu Marino.

O cunhado de seu Marinho, por temor e pressão saiu da terra, e se mudou para Casalvasco recebendo um "acompanhamento" [apoio na mudança] e mais duzentos reais em dinheiro, além de farinha, macarrão e arroz; e, desse modo, negociou com o fazendeiro.

O fazendeiro Sebastião Motta, em troca da Bocaina Velha, ofereceu uma nova moradia em Cáceres para cada pessoa que estava na terra, ou, ainda, 200 hectares de mata em Saracura, ou uma terra do outro lado da Bocaina Velha. Por esse acordo, a Bocaina Velha foi trocada pela outra terra do outro lado, onde vivem. A terra foi desmatada com machado e, após construírem a moradia levaram as crianças, roçaram a área e abriram um trieiro.

De posse da nova terra, o seu Marino recebeu de um soldado orientações para que a requeresse e, assim, garantisse o direito de propriedade. Para isso, foi à Vila Bela com o seu irmão José Inácio, preencheram um formulário na prefeitura e pagaram quinhentos reais. Assim, ele requereu a terra.

No ano de 1997 a terra foi dividida entre dez famílias, e cada uma ficou com o lote de 12 alqueires e meio. O representante do INCRA fez uma visita técnica ao local e argumentou que não seria possível criar ali um assentamento para dez famílias. Por isso, incluiu mais sete pessoas do grupo familiar dos principais chefes, com a promessa de que, em dez anos, disponibilizariam outra terra para os descendentes e, dessa forma, os doze alqueires e meio retornariam às primeiras famílias. No entanto, isso ainda não aconteceu, o número de famílias aumentou, mas o tamanho da terra permaneceu o mesmo e, portanto, não atende ao regime de uso da terra para assentamento.

Algumas famílias foram contempladas com o PRONAF A, que destina recursos para a construção de moradias e de banheiros, e o PRONAF para aquisição de trator, gado leiteiro e luz no campo; quanto à estrada, com mais de sete quilômetros, foi construída pelo Exército de Cáceres, a partir de abaixo-assinados pelas famílias da Bocaina/Nossa Senhora Aparecida.

Saúde e práticas terapêuticas

A agente de saúde Dauranilce Miranda Pachuri atua na localidade há mais de 22 anos e lamenta a inexistência de um posto de saúde em Bocaina; apenas o assentamento São Sebastião presta serviço para as duas comunidades. O cadastro de atendimento da agente de saúde registra o total de 54 famílias e 223 pessoas. Destas, 23 famílias são atendidas diretamente em Bocaina enquanto as demais famílias residem nas fazendas onde trabalham: Boa Vista, Santa Laura, Água Verde, Uru, São Marcos (nesta, a porteira fica fechada, por isso o atendimento ocorre por whatsapp), Barra da Onça, Pantanal (onde pedem para abrir a porteira) Santa Luzia; Sítios (Paraíso, Pôr do Sol, N.S. Aparecida, Água Limpa (com quatro famílias).

A principal dificuldade apontada pela agente de saúde é o acesso às famílias nas fazendas, porque nem sempre o gerente permite a entrada e o acompanhamento dos trabalhadores; em razão disso, os diagnósticos são realizados por whatsapp. Já houve recenseadores do IBGE impedidos de aplicar o questionário para o Censo e de pessoas levadas às pressas para Pontes e Lacerda pelo fazendeiro, por falta de prevenção ao adoecimento. O posto de saúde não está equipado com ambulância, mas há um carro que chega até a fazenda Jaquirá, próxima do rio Alegre, para serviços de emergência.



Figura 42. Reunião com os membros da Associação de Bocaina



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 26/93/2023.

As doenças registradas nos cadastros da agente de saúde que mais acometem as famílias são a verminose, a diarréia e os acidentes nas estradas; durante a pandemia do novo coronavírus (COVID-19) não houve mortes. Em Bocaina há práticas complementares de saúde, orientadas por anciões detentores de saberes especializados, como os seguem abaixo:

Quadro 14. Benzedores e parteira na comunidade Bocaina

NOMES	ESPECIALIDADES
José Inácio	Benzedor contra peito aberto
Caetano Sespede	Benzedor contra mau olhado
Marino Pachuri	Benzedor contra sobreiro, de quebrante e dor no dente
Ângela Pachuri	Curandeira que ajeita, posiciona a criança na barriga da mãe parturiente.

Fonte: Trabalho de campo, entrevista com Dauranilce Miranda Pachuri, 25/02/2023.

A prevenção e o tratamento de doenças são realizados pelas famílias antes de recorrerem à agente de saúde, pois são conhedoras de plantas medicinais e fazem remédios caseiros. Durante o trabalho de

campo conversei com uma professora da escola que preparava o jantar e consumia um chá para problemas gástricos. Em sua cozinha, havia hortelã do mato, usada à noite para acalmar a mente e promover um sono tranquilo, pois o chá aquece o corpo e afasta a gripe, sintoma muito freqüente no período das chuvas. Ela me ofereceu um pouco da planta e o chá foi preparado pela dona Cecília Pachurí.

A equipe de saúde realiza no posto de saúde São Sebastião, quinze atendimentos, uma vez por mês, às pessoas portadoras do cartão do SUS; além de vacinações e o preventivo contra o câncer de mama e do cólon do útero. Até o momento, não havia especialista em saúde bucal, a equipe já solicitou, e aguardam a efetivação de um projeto de odontologia rural.

As famílias do assentamento São Sebastião e muitas famílias de Bocaina não assumem a identidade chiquitano. Além disso, há pessoas que não possuem documentos de identidade (RG, CPF). A agente de saúde comentou que a liderança Vanda Copacabana, de Vila Bela da Santíssima Trindade, firmou parceria com o consulado da Bolívia para a regularização de bolivianos no Brasil. Não foi possível confirmar esta informação, mas o assunto está relacionado aos critérios exigidos para que as famílias tenham acesso ao SUS, às escolas, e ao Cadastro Único para benefícios, além da regularização da carteira de trabalho. Essa situação também foi observada em Nova Fortuna.

Trabalho com roça, gado e fazendas

Em Bocaina, há um comércio interno de produtos das roças e de pequenos animais, que é importante, e ocorre entre as famílias, favorecendo o aumento da renda. A agente de saúde mora em um sítio localizado fora dos limites da área de pantano e comercializa queijo, ovos, frango, carne, bezerro e mandioca. Entretanto, nem todos os produtos consumidos são cultivados em Bocaina; muitos alimentos são adquiridos nos mercados da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, e o frete para esses produtos custa aproximadamente R\$ 400,00.

Cada família possui uma *chacra*, *chacrinha* ou *quintalzinho*, como é chamado o entorno das moradias onde cultivam abóbora, batata, melancia, mamão, seriguela, banana, mandioca, abacate, andiroba, bocaiuva, jaca, boldo, entre outros. Na área do assentamento há um pasto nativo e coletivo, que é cercado, para evitar que o gado adentre as áreas cultivas.

Em Bocaina/Nossa Senhora Aparecida são manejados, aproximadamente, 175 bovinos da raça nelore e, cada família é responsável pelo seu próprio gado, que é cercado, durante as chuvas, na parte alta (mais seca). Na parte baixa (inundável) a paisagem é constituída por uma gramínea nativa que serve de alimento para o gado. Desse modo, há alternância no manejo do gado, seguindo o ciclo das estações secas e das estações chuvosas. Esse conhecimento poderia ser mais bem aprofundado em estudos particulares, inclusive a relação dos Chiquitanos com o gado.

Os Chiquitano apreciam muito a carne bovina, servida como churrasco nos finais de semana, quando as famílias que residem nas fazendas retornam à comunidade. Esse alimento é preparado na festa em homenagem à santa Nossa Senhora Aparecida, padroeira da comunidade e nas celebrações durante o Carnaval e a Páscoa, cerimônias importantes para a comensalidade.

De acordo com a agente de saúde, 90% das pessoas que vivem em Bocaina recebem entre um a dois salários mínimos e meio. No entanto, há diaristas volantes que recebem R\$120,00 ou R\$80,00 por trabalho realizado. Os serviços prestados aos fazendeiros estão voltados para o manejo da roça, para amansar cavalos, para capinar, para arrumar cercas. O programa bolsa família atende aproximadamente quinze famílias de Bocaina.

A maioria dos jovens que saem de Bocaina para trabalhar e estudar escolhe o município de Pontes e Lacerda, pois consideram que há mais opções de serviço e mais faculdades públicas e privadas de Ensino Superior (IFMT, UNEMAT, faculdades privadas EAD). Os estabelecimentos que mais empregam os jovens são farmácias, mineradoras, supermercados, frigoríficos.

Uma jovem narrou que o seu marido trabalha durante a semana em Pontes e Lacerda, e quando está de folga na cidade, se desloca para Bocaina para ajudar o pai no trabalho de amansar cavalos para o fazendeiro. Embora esteja vivendo na cidade, ela pensa em retornar a Bocaina, pois está grávida e enfrentando uma crise de ansiedade. Além disso, avalia que na cidade o salário serve apenas para pagar água, luz, telefone e os estudos. Em sua opinião, aqueles que vivem em Bocaina têm uma qualidade de vida melhor do que aqueles que vivem na cidade.

Outras atividades econômicas realizadas em Bocaina ocorrem por meio da Associação Nossa Senhora Aparecida de Bocaina, criada em 1997, em parceria com o Centro de Tecnologia Alternativa de Pontes e Lacerda, cujos associados executam projetos junto ao CTA visando ao aumento de renda das famílias associadas.

O projeto prevê a venda de frutos in natura (goiaba, manga, caju, canjiquinha ou murici (*Byrsonima verbacifolia*) para o CTA. Os frutos são coletados e selecionados pelas famílias, destinadas à fabricação de polpas congeladas no valor de sete reais o quilo. As famílias também entregam mandioca descascada, congelada a vácuo. A cozinha com freezer foi construída na sede da associação de Bocaina com recursos do projeto e, assim que o freezer fica completamente abastecido, as famílias entregam os produtos ao técnico Ronaldo Adriano, do CTA.

A diretoria da Associação Nossa Senhora Aparecida de Bocaina é formada predominantemente pela família dos Pachuri, como veremos em seguida:

Quadro 15. Diretoria da Associação Nossa Senhora Aparecida de Bocaina

NOMES	CARGOS OCUPADOS
Carlos Nei Baca Javanu	Presidente
Rosenilda Pachuri	Vice-presidente
Solange Pio de França	Secretaria
Inocência Albuquerque Bispo de Oliveira	Vice-secretária
Geraldo Pachiri	Tesoureiro
Cecília Santa Pachuri	Vice-tesoureira
Dauranilce Miranda Pachuri	Conselho Fiscal

NOMES	CARGOS OCUPADOS
José Inácio Pachuri	Conselho Fiscal

Fonte: Trabalho de campo, roda de conversa, Bocaina, 25/02/2023.

Segundo Cecília Santa Pachurí, não há um sistema de cacicado em Bocaina, apenas uma associação, que é presidida pelo seu esposo Carlos Nei Baca Javanu e composta, predominantemente, pelos Pachuri. O espaço da associação serve também às celebrações católicas comunitárias e festivas e acontecem no salão coberto com uma cozinha.

O presidente da associação mora em um sítio próximo da antiga Bocaina Velha, durante o trabalho de campo nos hospedamos em sua moradia na qual reside ele e a esposa, pois a filha e o neto moram em Pontes e Lacerda, mas os visitam em algumas ocasiões. Uma parte do sítio foi adquirida por meio de doação de um fazendeiro com quem o seu Carlos trabalhou e, a outra parte, por meio de comprada. O seu Carlos participa de diferentes projetos do CTA com os produtos oriundos de seu sítio e já está construindo uma nova moradia em alvenaria, pois a antiga está com muitos vazamentos e umidades.

Segundo o seu Carlos, o maior problema que os associados enfrentam é o de não possuírem uma conta própria para emissão de nota fiscal, conforme exigência do CTA, além disso, há produtos de outras famílias e sitiantes que são entregues em nome de seu Carlos e não dos próprios agricultores.

A formação e o trabalho dos jovens de Bocaina

A Escola Pública Municipal Monteiro Lobato está localizada ao lado da sede da associação. O antigo prédio escolar foi ocupado pela igreja católica onde são realizadas missas aos domingos e outras práticas cristãs.

A coordenadora da escola é a Inocência de Oliveira Albuquerque, conhecida por Querida, mora há mais de trinta anos na comunidade e reside em uma sala anexa ao prédio escolar, é oriunda da comunidade quilombola Retiro, localizada às margens do rio Guaporé, Vila Bela da Santíssima Trindade.

A escola de Bocaina possui 43 estudantes matriculados, dos quais 13 estão no Ensino Médio, em salas multisseriadas. A equipe de profissionais da escola é constituída por quatro professoras, uma merendeira, uma faxineira e uma coordenadora, que também atua como professora. A diretora é a Dauranilce Leite Mendes que atende na Secretaria de Educação da sede urbana de Vila Bela.

O Ensino Médio funciona em uma sala anexa à Escola Quilombola Estadual Verena Leite de Brito. Um dos problemas apontados pela coordenadora refere-se à dificuldade dos estudantes continuarem a formação, após concluírem o Ensino Médio, porque nem todos buscam o Ensino Superior, que somente é cursado fora da localidade, fato que obriga os jovens a residirem na cidade. Mesmo a modalidade à distância, exige que o estudante realize atividades no polo educacional, o que demanda recursos para transporte, alimentação e, em alguns casos, hospedagem.

Há casos de estudantes que concluíram o Ensino Médio e permaneceram em Bocaina por medo, insegurança e preconceito que sofreram ao chegar à cidade, onde eram chamados de “bugres”. Isso foi relatado por uma professora que trabalha na escola sobre a experiência de um parente que se sofreu profundamente com esse modo de classificação.

Os jovens migram para a cidade, primeiramente, para trabalhar e, depois, para estudar. Os que permanecem em Bocaina se casam mais cedo e constituem famílias, limitando-se a trabalhar em fazendas. O consumo de bebidas alcoólicas é outro problema que tem aumentado e afetado muitos jovens de Bocaina.

A coordenadora da escola encontrou estudantes, entre 18 e 20 anos, dormindo na sala de aula e nos corredores, cansados do trabalho de limpeza, capina, manejo de roças, abertura de buracos para cercas, derrubada de gado para vacinação, amansamento de cavalos que realizam pela manhã nas fazendas. Assim que as aulas começam, no período vespertino, eles não conseguem acompanhar plenamente as atividades e acabam adormecendo no espaço escolar.

Quando os jovens residentes nas cidades têm seus vínculos trabalhistas interrompidos, retornam para a moradia dos pais em Bocaina. Essa realidade foi observada também em Nova Fortuna e em Vila Nova Barbecho; alguns saem solteiros para trabalhar e retornam com esposa e filhos.

Uma atividade importante que mobiliza os jovens de Bocaina é o “futebol”. No assentamento, há quatro times constituídos, e os jogos acontecem nas quartas-feiras, sextas-feiras e domingos. Os campeonatos acontecem no assentamento São Sebastião, com premiações que variam, entre três a quatro mil reais. As famílias de Bocaina argumentaram que o campo está sujo e com pouca iluminação e, por esse motivo, ainda não estão praticando jogos.

O calendário escolar segue o da Escola Verena Leite de Brito, que é quilombola. Os feriados locais são para o Carnaval, a Páscoa e a festa da padroeira de Bocaina/Nossa Senhora Aparecida quando as famílias realizam festas comunitárias. As ações relacionadas à cultura chiquitano acontecem na escola por meio de projetos específicos, mas não estão previstas no currículo. Um exemplo é a festa do Carnaval, para a qual a professora solicitou autorização da coordenadora para a demonstração da música e da dança dentro da escola. Para tanto, convidou seu pai e seus tios, membros da família Pachuri, que tocam o pífano e as caixas, instrumentos tradicionais chiquitanos, para um trabalho com as crianças do Ensino Fundamental.

A escola serve uma refeição aos estudantes às nove horas, com o seguinte cardápio: arroz, feijão, leite, carne e, ainda, bolo, preparado pela merendeira. Houve um período em que os produtos vinham da agricultura familiar, mas esse projeto foi suspenso porque não havia produtos suficientes para atender ao programa. Há uma horta manejada pela coordenadora, cujas verduras são complementos da refeição, entre elas rúcula, alface, cebolinha, couve, jiló. Todavia, foi observado que, a horta não se limita apenas ao preparado da refeição escolar, mas é compartilhada com outras pessoas da comunidade.

Figura 43. Caetano Sespede e Josefa Tomichá



Fonte: 28/11/2022.

Figura 44. Trabalho de Entrevista com o músico Caetano Sespede campo



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 28/11/2022.

Cerimônias e festas em Bocaina

Caetano Sespede é de Bocaina, casado com Joseja Tomichá, filha de Antônio Tomichá. Seus pais são Bartolo Putaré e Joana Sespede, naturais de San Inácio (Bolívia) mas que migraram para Porto Esperidião e um dos primeiros que chegaram às imediações da Bocaina e já estão sepultados no cemitério que fica dentro da área da fazenda Santa Laura.

Desde os oito anos de idade o seu Caetano já trabalhava na Fazenda Arrozal, no corte de arroz e no plantio de banana. No sábado, seguia no carro de boi para a sede de Vila Bela da Santíssima Trindade, levando os produtos para serem comercializados. Trabalhou no seringal Campina, à margem do rio Guaporé, recebendo como pagamento roupas, chinelo e alimentos. Aprendeu a tocar violão e caixas. O seu Caetano Sespede, Inácio Pachuri, Marino Pachuri e Caetano Pachuri organizam e tocam na festa do Carnaval.

Outras cerimônias acontecem antes da Páscoa, como a Semana Santa, ritualizada com um altar e um arco confeccionados com brotos da palmeira babaçu e rezas. A Páscoa é a segunda festa mais importante em Bocaina, depois da festa da padroeira; as famílias preparam refeições para serem compartilhadas com as demais na sede da associação. A galinhada é alimento ceremonial principal. A festa da Páscoa mobiliza mais famílias que a festa do Carnaval. E, a festa da padroeira, Nossa Senhora Aparecida, que ocorre no dia 12 de outubro, acontece com procissão, romaria e sorteios de presentes.

Uma das bebidas mais consumidas pelas famílias de Bocaina é o terere, especialmente nos intervalos do manejo da roça, nas reuniões da associação, e nos encontros familiares; a infusão da erva-mate em água fria faz amenizar o calor intenso da região. Essa prática foi observada também em Nova Fortuna e em Osbi – Nossa Senhora Aparecida.

Em Bocaina há duas igrejas: uma Católica e outra é Batista. Além dessas duas igrejas um homem está construindo a terceira, que é a Assembléia de Deus. Este homem arrendou um lote no assentamento para cultivar piaçava e está produzindo vassouras artesanais com cabos de madeira, o seu produto tem sido comercializado na comunidade e na sede urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade.

3.9 NOVA FORTUNA

Nova Fortuna é uma localidade de 355 hectares e está situada há 75 km da sede urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade. Além de um lote coletivo há outros lotes com tamanhos que variam de 12 a 70 hectares, chamados de sítios, com nomes particulares que os identificam. Os tamanhos dos sítios variam porque alguns sitiantes venderam seus lotes para outras famílias, levando-as a acumular uma extensão maior de terras. A maioria das famílias que participa das ações do projeto da OPAN vive no lote coletivo²⁵.

A população é de aproximadamente 200 pessoas. No ano de 2017, fizeram o primeiro cadastro para a autoidentificação Chiquitano junto a FUNAI e o registro foi de 87 pessoas que assumem a identidade chiquitano. Um recadastramento foi realizado no ano de 2020 pela FUNAI/Pontes e Lacerda que registrou

25. De acordo com João Ivo Puhl (relatório 1, 2021), o traçado de Nova Fortuna é um retângulo de 2.000 metros de comprimento e 150 metros de largura totalizando assim 300.000 m², ou seja, uma área de 30 hectares para 68 famílias, o que representa mais ou menos 4.412 m² por família. No entanto, há famílias que têm vários lotes e enquanto outras se ajuntam no mesmo lote em três, quatro ou mais casas entre parentes, reduzindo ainda mais os espaços cultiváveis em roças, quintais e hortas e a criação de galinhas, patos, porcos, cachorros, gatos, etc. (Puhl, Relatório 1, 2021).

uma queda para 46 pessoas.

As famílias que atualmente vivem em Nova Fortuna estão vinculadas a familiares de linhagens distintas: Algaranha e Nuves, Chacon; Charmo; Parabá; Matucari; Supepe; Sebalho, Vaca, Cambará; Charupá; Corea; Untado.

Ao todo são sete sitiantes não que vivem no loteamento; Agostinho, José Doria, Neguinho, Bartolo (7 lotes), Wal da fazenda (9 lotes), José Boneco, Roni (10 alqueires); Marquinho Monteiro Donizete. Alguns deles não tivemos informações sobre o nome nem do tamanho exato dos lotes, mas, ao que tudo indica, foram adquiridos por meio de compra das primeiras famílias. Alguns relatos foram importantes para a compreensão da localidade:

Esse povo da aldeia Nova Fortuna, onde hoje nós residimos, vem de uma tradição de muitos anos atrás. A convivência desse povo era na comunidade Santo Inácio, na época o nome era San Inacito, ele tinha linguagem assim mais espanhola. Eu tive a oportunidade de acompanhar meu pai naquele lugar, naquelas roças. Tinha um espaço muito grande onde o pessoal cultivava as roças deles, tinha grandes bananais, bananal comunitário, eu lembro até hoje, naquele lugar tinha um bananal que dava mais ou menos uns dois alqueires, esse bananal fornecia a comunidade inteira. Eles tinham as roças particular, podia fazer a roça onde queria, mas o bananal não era dividido, era para todos daquela comunidade. Com o passar do tempo o pessoal foi saindo, foi mudando de lugar e surgiu um novo assentamento, muitos anos depois, que é o assentamento Nova Fortuna, é na área desse assentamento que hoje nós estamos vivendo. Era um assentamento com área de 2000 alqueires, onde foi reservado dentro dele uma área de 11 hectares, é onde hoje esse pessoal está vivendo. (Cacique José Odílio Cambará, Boletim Chiquitano: Luta pelo Direito ao Território, 2022, p.25)

As famílias de Nova Fortuna oriundas de Santo Inácio, fronteira Brasil/Bolívia viviam no lugar que foi ocupado pelo Exército e que faz parte da Gleba Santo Inácio. O tamanho da Gleba é de aproximadamente 43.958 hectares em sua matrícula, grande parte não foi titulada aos ocupantes, portanto, pertence à União²⁶. No ano 2013, Santo Inácio teria 170 hectares de mata, porém as imagens atuais revelam que uma parte importante já foi desmatada. O contexto histórico datado do período de 1960 foi descrito pela liderança José Cambará, cuja fala foi cedida à Fernández (2021, p. 97):

Del 64 nosotros vivíamos en una comunidad que se llama San Ignacito, de aquí de Fortuna da 33 kilómetros. Era una región litigiosa, ahí: “aquí es Brasil”, “aquí es Bolivia”, y quedaba una confusión que ni Bolivia, ni Brasil tenía certeza. Y en el 64 teve casi una revolución entre Brasil y Bolivia; entonces cuando vinieron el canciller boliviano, brasiler, hicieron un acuerdo dentro de esa comunidad en donde yo nací, en donde brasiler, ni boliviano, tenía que poner ley hasta que pasó el límite de la divisa Brasil-Bolivia. Y ahí quedó. En el 70 fue pasando la divisa, y en la comunidad en donde yo viví pasó la divisa, y quedaron unos 5 kilómetros en el Brasil, y ahí fue otro acuerdo. Vinieron los bolivianos, y dijeron que a los que se sentían bien que podían quedarse, y los que se sentían mal le daban otra comunidad, que se llama: San Nicolás del Cerrito, Bolivia. “Allá pueden ir los que se quieran repatriar”, decían. Y entonces, vinieron las autoridades brasileras y nos dijeron: “ustedes son de descendencia boliviana, pero de aquí en adelante cada uno tiene derecho de documentarse para recibir las leyes del Brasil. Lógico que los que están de acuerdo, vamos a llevarles a hacerles la documentación como

26. Informações disponíveis no Sigef – Sistema de Gestão Fundiária (sigef.incra.gov.br). Inseridas entre 2012 e 2013, durante as medições georreferenciadas pelo Programa Terra Legal, ligado ao MDA (Ministério do desenvolvimento Agrário).

brasileros". -Tá bien. Yo debía estar de unos 18 años, ya. En el 74 fui y saqué el registro y serví en el cuartel en Cáceres. En el 76, y en ese intervalo en la comunidad que vivíamos, el ejército midió ese pedazo para hacer una tierra del ejército, 100 hectáreas y ahí nos dieron otro. (Entrevista com José Cambará, Cacique Nova Fortuna, julho de 2020. In: FERNÁNDEZ, Stephany Giovanna Paipilla, 2021, p. 97).

A memória oral de Miguel Parabá de Nova Fortuna descreve que em Santo Inácio havia mais de 450 pessoas organizadas em grupos familiares distintos distribuídos por ruas, lembrou que nas primeiras ruas se estabeleceram os membros da família Cambará. Havia um quartel e uma escola chamada Duque de Caxias, transferida para Palmarito. O seu relato recorda ainda a existência de uma nascente e de um cemitério construído na direção da estrada, onde estão sepultados os ascendentes de Nova Fortuna e afirma a possibilidade de se encontrar vestígios de uma cruz e um esteio da antiga escola que fazia divisa com a antiga fazenda Bonança.

Miguel Parabá trabalhou desde os dez anos de idade na fazenda Bonança, de José Alves (Tripa), natural de Paraguá (Bolívia). Lá o seu trabalho consistia em alimentar os porcos, as galinhas e os peões. O fazendeiro buscava pessoas de Santo Inácio para trabalhar na fazenda e as transportava em um caminhão. Na fazenda havia 67 pessoas que trabalhavam por tarefa e oito cruzeiros, valor com o qual compravam roupas e mercadorias.

A estrada que dá acesso a Santo Inácio sofreu intervenções do fazendeiro Sidnei Bordune, que se apresentou como o novo proprietário das terras. A mudança no percurso nos confundiu e, por alguns minutos ficamos perdidos, mas foi possível contar com informações de alguns homens que encontramos na estrada. O desvio dificultou o trânsito das famílias que agora necessitam percorrer trajetos mais longos para chegar à escola de Palmarito e, também à cidade, para comprar alimentos no mercado e utilizar os serviços de saúde. Nas proximidades de Santo Inácio, vive Carmelo Garcia e cinco famílias em um sítio obtido como pagamento dos serviços prestados ao fazendeiro, mas o lugar não foi o que teriam reivindicado, pois uma parte é formada por brejo, ambiente que dificulta o manejo de roças.

Logo que as famílias saíram de Santo Inácio, pressionadas pelo processo de regularização fundiária na fronteira, se deslocaram para San Nicolas del Cerrito²⁷, Bolívia e também para Nova Fortuna, Brasil. Durante o trabalho de campo atravessamos a fronteira Brasil/Bolívia e fomos a San Nicolas del Cerrito onde vive parentes consanguínes de famílias de Nova Fortuna e dos Pachurí, provavelmente da Bocaina.

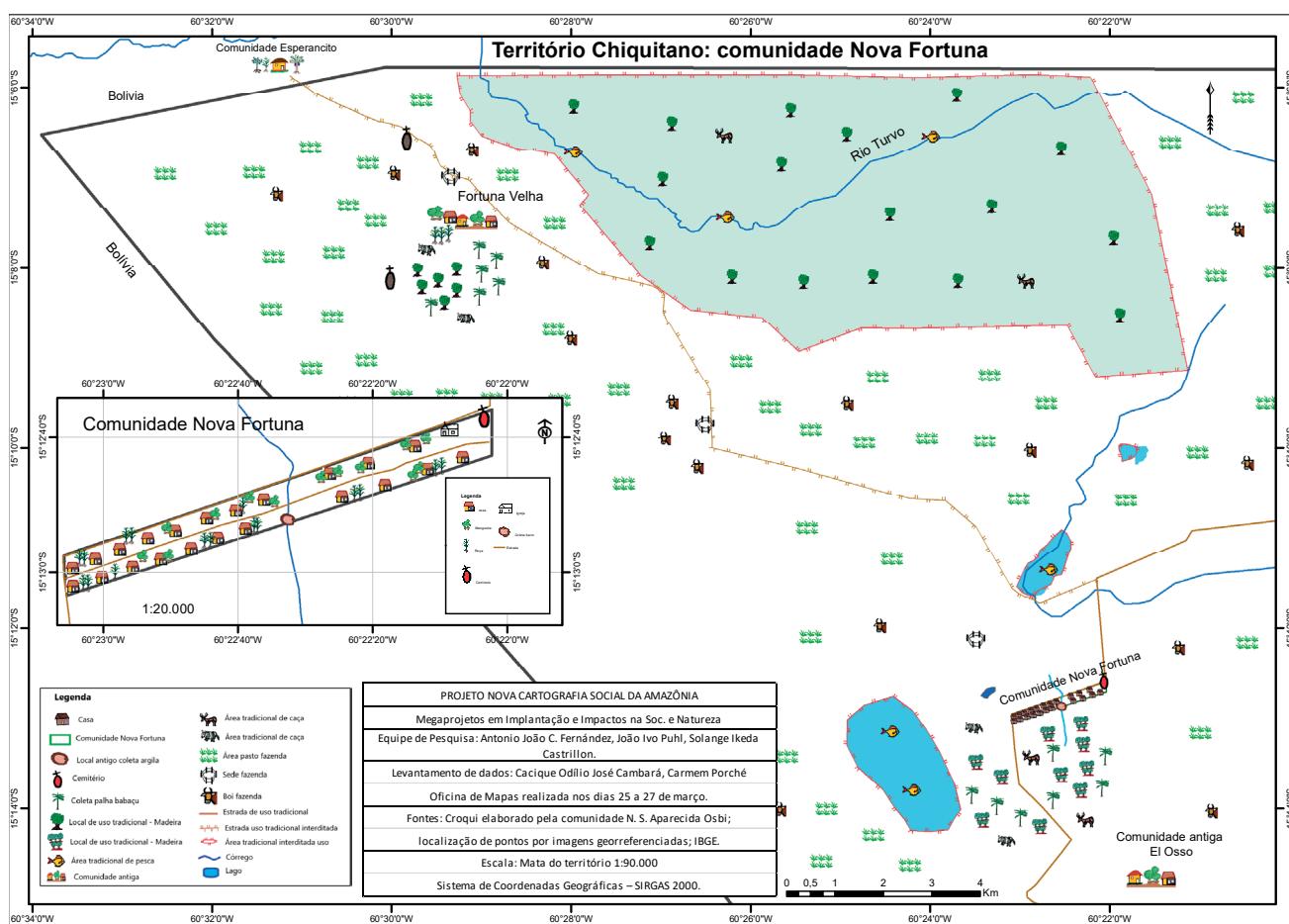
A comunidade San Nicolas del Cerrito está localizada a dois quilômetros de distância do território brasileiro e 20 km de Nova Fortuna onde vivem famílias parentadas daquelas de Nova Fortuna. Nessa localidade não há energia elétrica, apenas um gerador e a água consumida vem de um poço manual e baldeada com vasilhames até a moradia. Há pessoas que se deslocam semanalmente de

27. A área pertencia à congregação cristã católica de San Ignacio de Velasco e foi doada pela Igreja à população local. Teve sua demarcação e titulação realizada pelos órgãos nacionais na data de 11 de janeiro de 2010. Atualmente, representa uma área de 2543, 312 hectares. A comunidade não se distingue como indígena, mas como campesina. Possui uma estrutura interna de organização política semelhante às implantadas pelos jesuítas nas missões. Lá existe uma casa designada Casa de los Bastões, onde ficam todos os instrumentos administrativos; é um espaço de reuniões. A diretoria que coordena a comunidade é denominada cabildo, tradicionalmente é formada por doze membros. Na comunidade San Nícolas del Cerrito, o cabildo é organizado por seis membros: primeiro cacique geral; segundo cacique (autoridade máxima da comunidade); um secretário (responsável pela escrita e documentações); um tesoureiro (encarregado de organizar o setor financeiro); e dois bocais (mensageiros de reuniões, de eventos e responsáveis por outros recados). (Costa, D. S.; Souza, C. A.; Castrilón, S. K. I ,2018, 108)

Nova Fortuna para San Nicolas del Cerrito, levando produtos dos sítios para serem comercializados, entre eles, mandioca, rapadura, abóbora, melancia. Não há uma feira destinada ao comércio de produtos, mas de porta em porta ou durante os torneios de futebol.

A comunidade é formada por uma praça quadrangular com a igreja católica no centro, erguida ao padroeiro São Nicolau, para quem realizam a festa patronal tradicional no dia seis de dezembro. Há somente uma igreja católica, pois a comunidade não aceitou que a evangélica ali se estabelecesse. Há um pequeno cemitério no perímetro da estrada e próximo a uma mata, os túmulos estavam com flores e a estrutura bem conservada. A relação entre Nova Fortuna e San Nicolas del Cerrito, ocorre também a partir das festas tradicionais, quando as famílias de Nova Fortuna procuraram em Cerrito músicos para a realização de danças e cerimônias.

Figura 45. Mapeamento do Território de Nova Fortuna



Fonte: Boletim Informativo n. 11. Identidade Chiquitana. Luta pelo Direito ao Território (Set. 2022).

A Fortuna Velha, o Extrativismo e a Nova Fortuna

A história recente dos Chiquitano foi narrada pelos anciões de Nova Fortuna a partir do extrativismo da borracha. Havia homens contratados por patrões da borracha, que se dirigiam às comunidades chiquitano e dali os levavam durante meses para os seringais. Além disso, seguiam por uma estrada que ligava Cussi, uma antiga comunidade chiquitano, à Fortuna Velha e desta à Esperancita (Bolívia), localizada na beira do rio Turvo, lugares privilegiados para exploração de seringais nativos, cuja prática exigia dos chiquitano a confecção de “borocas”²⁸ que servia para transportar a roupa e a rede do seringueiro; do outro lado da mata, ocupavam-se de manejar roças de subsistência, a pesca e a caça de subsistência.

O ancião Miguel Parabá narrou que no lugar denominado “Fortuna Velha” havia uma mata com barracão para exploração da seringa onde, posteriormente, as famílias construíram moradias para trabalhar por conta própria. A mata de dez mil hectares é cortada pelo rio Turvo que nasce no Parque Estadual da Serra de Ricardo Franco (Brasil) e adentra a Bolívia. Todo o território está situado na Gleba Turvo que, em sua matrícula é citada 25 mil hectares em nome da União, mas ainda não se sabe o quanto do total dessa área está documentado²⁹.

As famílias que viviam em Fortuna Velha estavam integradas com área de mata do entorno, pescavam, caçavam para a subsistência, coletavam frutos e manejavam roças. O motivo da saída da Fortuna Velha para o Santo Inácio foi narrado a partir dos ataques sofridos pelos Nambikwara. Entretanto, o estudo não teve condições de se aprofundar nesse argumento. Na área de mata havia lagoas como a de São Sebastião e Birigui. O lugar da aldeia se transformou no retiro da fazenda Pessoê, com duas casas de alvenaria, gado e pasto, e os chiquitanos enfatizam que há vestígios de uma antiga estrada que não desapareceu e um cemitério dentro da mata que comprovam a veracidade nos relatos (cacique José de Odilo Cambará. In: Boletim Informativo, nº 11, p. 26, 2022).

A Esperancita está situada à margem do rio Turvo, do lado boliviano, e desse lugar procederam algumas famílias parentadas às famílias de Nova Fortuna. O trânsito das famílias entre Nova Fortuna a Esperancita ocorria no período da seca, por uma estrada que foi desativada pela fazenda Pessoê (25 km). Os antigos proprietários da autorizavam o acesso, mas os atuais proíbem os deslocamentos das famílias que, atualmente, precisam percorrer 80 km. As famílias que viveram em Esperancita trabalharam nos seringais nativos e fabricavam “poncho, capa e bolacha” da seringa em troca de roupas e mercadorias (alimentos).

Há uma igreja católica chamada Boa Esperança, cuja padroeira é festejada no dia 18 de agosto com chicha e música. As quatro famílias de Esperancita hoje vinculadas a Nova Fortuna plantavam mandioca, milho, arroz, cana de açúcar e fabricavam rapadura, farinha e chicha de milho, sendo o extrativismo da pesca e a coleta do mel práticas freqüentes.

As famílias que assumem a identidade Chiquitano reivindicam a abertura da estrada por dentro da fazenda, ou uma nova estrada que poderia passar por dentro da reserva de mata, situada ao longo

28. O termo “boroca” do seringueiro é um tipo de bornal “encalhado” (reforçado) com o leite extraído da seringueira num processo de defumação que gera um aspecto de couro. As borocas e outros utensílios “encalhados” eram comumente produzidos e serviam para serem levados à mata sem correr o risco de molhar, resguardando, assim, a integridade dos produtos levados para o trabalho pelos seringueiros (<https://uc.socioambiental.org/es/noticia/183276>).

29. Informações disponíveis no Sigef – Sistema de Gestão Fundiária (sigef.incra.gov.br). Inseridas entre 2012 e 2013, durante as medições georreferenciadas pelo Programa Terra Legal, ligado ao MDA (Ministério do Desenvolvimento Agrário).

do rio Turvo. Além disso, compreendem que o seu território tradicional está circunscrito pelas áreas de Esperancita (do lado brasileiro), Nova Fortuna e Santo Inácio.

A Nova Fortuna foi estabelecida na década de 1960, e o mais antigo habitante possuía sobrenome Massarí ou Massai, oriundo de Santo Inácio. Após ter chegado à localidade, recomendou aos demais residentes que procurassem a prefeitura de Vila Bela da Santíssima Trindade para obter informações sobre como proceder para permanecer na terra, se havia algum documento que pudesse assegurar a posse. Naquela ocasião, representava a autoridade responsável para emitir os documentos de posse da terra. A prefeitura defendia a construção de uma escola agrícola no local e o seu representante argumentou que as famílias poderiam cultivar somente “lavoura branca” (milho, mandioca e arroz), mas se o projeto da escola se efetivasse, as famílias deveriam sair da terra.

No lugar houve um trabalho intensivo de evangelização do pastor e missionário Gustavo Adolf Bringsken, pai de André Bringsken, atual prefeito de Vila Bela da Santíssima Trindade, que se estabeleceu na fronteira e construiu uma casa destinada a cultos cristãos. O pastor chegou ao Vale do Guaporé na década de 1950, com ações junto a Missão Cristã do Brasil e começou o trabalho de evangelização dos Chiquitano, dos Nambikuara e dos Quilombolas.

Nossos interlocutores afirmaram que o pastor Gustavo identificava Nova Fortuna como “aldeia” e afirmava que o seu trabalho seria o de “evangelizar e amansar indígenas”, esta fala resultou no afastamento de muitos fiéis que migraram para outra igreja instalada posteriormente no local, por que não se reconheciam como indígenas. Atualmente a igreja Assembléia de Deus aglutina mais fieis na localidade, contudo há um casal de Nova Fortuna da Missão Cristã que trabalha com o pastor e continuou o trabalho de evangelização em sua própria moradia. A casa religiosa que pertencia a Missão em Nova Fortuna foi cedida para a instalação de um posto de saúde. É possível observar algumas dessas casas abandonadas na fronteira ou, ainda, que foram destinadas para outros fins

Entre os anos de 1993 a 1996, onze famílias de Nova Fortuna, sofreram tentativas de expulsão da terra e se mobilizaram e realizaram várias ações para permanecerem no território. O grupo acampou na praça central da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade. E, dessas onze famílias, cinco participavam do sindicato de trabalhadores rurais e decidiram reivindicar o apoio junto ao presidente do sindicato e do prefeito.

Há diferentes versões que explicam a tentativa de expulsão das famílias de Nova Fortuna. Uma versão diz que teria sido a denúncia de desmatamento da área por sitiante residente e a outra afirma que algumas famílias não pagaram o imposto devido e, em razão disso, o prefeito encaminhou uma carta para a desocupação da área. Será necessário investigar com mais profundidade esse processo fundiário que envolve Nova Fortuna, a prefeitura, as famílias e as lideranças locais.

O grupo seguiu mobilizado e contou com o apoio do presidente do sindicato que articulou junto ao INCRA ações para que o problema fosse solucionado. Após acordos e negociações, a equipe local do INCRA demarcou lotes de 100m x 250m. No primeiro mandato do prefeito Wagner Vicente da Silveira, houve um projeto de transformação da Nova Fortuna em uma Agrovila, cujo tamanho seria o de 50m x 80m. O documento foi registrado em cartório e depois entregue ao prefeito para que assinasse³⁰.

³⁰. Essas informações foram obtidas por fontes orais junto aos membros que participaram desse processo histórico. Não foi possível obter informações oficiais por parte do INCRA nem da Prefeitura de Vila Bela da Santíssima Trindade.

A saúde e as dificuldades para o acesso a água

O posto de saúde de Nova Fortuna está localizado ao lado da escola municipal e da igreja católica, no perímetro da estrada principal da parte baixa, antes do córrego e do poço d'água que abastece as famílias do lote coletivo. Há dois profissionais uma técnica de enfermagem e um agente de saúde que prestam atendimentos cotidianos das 7 às 11 horas e das 13 às 17 horas. O atendimento do médico e da enfermagem ocorre, geralmente, na segunda semana de cada mês com consultas, preventivo de câncer de cólon do útero e vacinas.

Segundo a técnica de enfermagem, que atua no posto de saúde, desde 2014, os serviços emergenciais são prestados pela sua “iniciativa e generosidade”, pois não há abono nem ajuda de custo para o trabalho. Há uma ambulância em Palmarito que atende Cantão, Matão, Palmarito e Nova Fortuna. De Palmarito a Nova Fortuna são, aproximadamente, 42 km de distância e a ambulância poderá despender mais de 50 minutos até a localidade Nova Fortuna e, ainda, poderá levar mais duas horas e trinta minutos para a sede urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade, se a estrada de terra estiver ruim (período de chuva), mas apenas uma hora e 30 min. se a estrada estiver em boas condições (período de seca e com manutenção).

A técnica ressaltou que há boas perspectivas para que a localidade receba uma ambulância nova com atendimento exclusivo às famílias de Nova Fortuna e de Bocaina/Nossa Senhora Aparecida, por causa do apoio de um político da região. No assentamento Seringal há um posto de saúde e outro em Palmarito, os técnicos que atuam nesses locais possuem cargos de confiança da prefeitura.

O posto de saúde de Nova Fortuna atende aproximadamente 58 famílias da localidade e das fazendas Pessoê, Cassulé, Moinho, Jatobá, Berigui, São Sebastião, Periquito, Palmeira, Guaporé, Limão, Escalibu, Cristina/Poço das Emas, Sonho Real, Tucano, Sílvio Santos. Outras dezesseis fazendas são acompanhadas pela técnica de Palmarito.

Há reclamações das lideranças contra o agente de saúde por desatenção aos doentes e não realização de visitas programadas. Embora o agente tenha sido solícito em nos receber, identificamos que não efetua o registro sistemático dos atendimentos, nem mesmo as doenças que acometem as famílias. Mesmo assim, ressaltou que muitas famílias na fronteira não possuem documentos, condição esta que inviabiliza o seu cadastro no SUS.

Os relatos apontaram que cinco famílias estão em condições de vulnerabilidade e que a equipe médica atende apenas uma vez por mês, chega às dez horas e finaliza o trabalho ao meio dia, desse modo, não completa os atendimentos necessários.

A técnica afirmou que as principais doenças que acometem as famílias são a diarréia e a infecção urinária e que os trabalhadores consomem pouca água, argumentou que “não sentem sede porque boleiam a coca e a umedecem na boca para extraír os nutrientes da folha enquanto trabalham”. Entretanto, durante o trabalho de campo não observamos o consumo de folha de coca pelas famílias nas comunidades, apenas casos esporádicos por trabalhadores na estrada.

Outros problemas são os acidentes de motocicletas, pessoas com diabetes e a hipertensão dos idosos, há também um caso de epilepsia, condição que exige medicamento de uso contínuo cujo pedido é efetuado no final do ano e regularizado no mês de maio; a técnica é responsável por buscar o medicamento na sede urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade e todo mês deve oficializar os pedidos.

Além desses problemas, a técnica apontou a violência de gênero contra mulheres e estupro de vulneráveis por parentes, resultando muitas vezes na gravidez indesejada; há mulheres que não realizam o

pré-natal com os profissionais da saúde e revelam a gravidez somente na semana do nascimento do bebê.

A técnica expôs a sua preocupação com os jovens de Nova Fortuna que no seu ponto de vista é rota do tráfico de drogas e que os jovens estão vulneráveis, com poucas atividades a serem realizadas na comunidade, de que há apenas um campo de futebol, lazer insuficiente para atrair e direcioná-los para o uso produtivo e criativo do tempo. A escola foi citada como um lugar importante, porém as atividades e as aulas, na ocasião, foram reduzidas para um único período.

A qualidade da água foi avaliada como ruim; no período das chuvas os casos de diarréia aumentam em crianças e adultos – “a água parece leite”, afirmou a técnica. A parte baixa é ocupada pelos sítios, áreas cercadas com arames, com poços privados, portanto, não sofrem nem com a distribuição nem com a falta de água potável. O lote coletivo está na parte alta formado por quarenta e seis moradias abastecidas por apenas uma rede de água fornecida por um único poço construído na parte baixa, próximo de um córrego que se forma no período das chuvas. A água é bombeada até uma caixa d’água e dali distribuída para as moradias.

Nova Fortuna possui um “cuidador da água”³¹ responsável para ligar a bomba do poço, verificar vazamentos, consertar encanamentos e que recebe R\$ 500,00 mensais pelos serviços prestados. A prefeitura paga os gastos com a energia elétrica que garante o funcionamento da bomba do poço e, ao longo do dia (5 h, 9 h, 15 h), o cuidador se desloca até o local onde está instalada a bomba, liga o aparelho que lança água à caixa d’água que será distribuída às moradias. Um dos problemas recorrente são o acúmulo de sujeira que se acumula na caixa e o entupimento do encanamento. O cuidador disse que no lote do José Cambará foi construído um poço artesiano no valor de R\$ 8.000,00, mas a água ficou salobra e imprópria para o consumo.

Figura 46. Poço



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt 24/02/2023.

31. Termo de identificação para o responsável pelo abastecimento da água no lote coletivo. De acordo com o cuidador são 400 litros utilizados por moradia e, aproximadamente, 30 mil litros de água por dia.

Figura 47. Quintal com plantio de banana



Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 24/02/2023.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental de Nova Fortuna

A Escola Municipal de Nova Fortuna oferece Ensino Infantil e Ensino Fundamental. Em 2023, a unidade escolar matriculou 81 estudantes e, no ano de 2022, registrou a formação de 115 estudantes. Já o Ensino Médio é oferecido na Escola Municipal Dom Antônio Rolim de Moura, localizada no assentamento Seringal³² em uma sala anexa à Escola Verena Leite de Brito (Escola Quilombola). A prefeitura disponibiliza um ônibus escolar, terceirizado, que realiza o deslocamento de estudantes da comunidade e das fazendas circunscridas à Nova Fortuna. A unidade dispõe ainda do espaço para encontros e reuniões da Associação de Desenvolvimento da Nova Fortuna, criada em 2009 e presidida por Waldi Jermias Sespepe.

Marlene Nunes Doria dos Santos é professora e coordenadora da escola, há oito anos, tendo migrado com a família de Santo Inácio aos sete anos. Essa professora relatou que a escola possui cinco professores (as), uma faxineira e uma merendeira; os cursos são ministrados no período matutino, e os projetos culturais estão vinculados a temas como a “consciência negra, a cultura de matriz africana, a tecnologia dos diferentes povos, o artesanato e o “resgate da cultura chiquitano”, por meio da alimentação e da fabricação da chicha. Mesmo assim, a professora argumentou que em Nova Fortuna enfrentam classificações e estereótipos pejorativos com o uso dos termos que afirmam que “indígenas são porcos e sujos”.

A língua Chiquitano e suas artes não fazem parte do currículo da escola, mas é importante registrar que há falantes dessa língua como as anciãs Maria Paticu Algaranha (Nova Fortuna) e Manoela Durã

32. Sobre a identidade Chiquitano na Escola do Assentamento Seringal, ver o estudo de FERNÁNDEZ, Stephany Giovanna Paipilla, 2021, p. 131).

(mudou para Palmarito). A anciã Maria Paticu Algaranha, de noventa anos de idade, viveu em San Nicolas del Cerrito e possui deficiência visual, mas é acompanhada por uma sobrinha.

A sua moradia é composta por apenas um quarto e, não muito distante dali, moram seus dois filhos, Laura Algaranha Lima e João Algaranha Paticu. É possível avistar de sua casa os tetos das habitações deles. A mulher narrou, saudosa, os tempos quando bailava nas festas de Carnaval, *Chovena* e *Martes de Carnaval*. Disse que “o carnaval é alegre, mas quando enterram o boneco choram muito sobre a sepultura, pois não sabem se vão alcançar outro ano”. E pronunciou diferentes termos na língua chiquitano.

Figura 48. Anciã Maria Paticu Algaranha falante da língua materna



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 24/02/2023.

Figura 49. Entrevista com a anciã e liderança da comunidade



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 24/02/2023.

A escola serve uma refeição às nove horas da manhã como arroz, feijão e carne, cujos produtos são enviados da sede urbana de Vila Bela da Santíssima Trindade. A água consumida pelos estudantes vem de um poço simples, instalado no espaço da cozinha da unidade. O calendário escolar é marcado pela principal festa que acontece no dia sete de setembro, com desfile, fanfarra e churrasco, patrocinado por doadores locais e/ou fazendeiros; nesse dia as famílias são mobilizadas a participar e comerem juntas.

Os principais problemas relatados pela coordenadora são a falta de profissionais capacitados, a não permanência de professores na localidade; a ausência de moradia que garanta a permanência deles; e o fato de que há estudantes que concluem o Ensino Médio e não continuam a formação superior; a SEDUC já cogitou fechar a escola por falta de professores capacitados e de número insuficiente de estudantes para a abertura das turmas.

Há crianças que estão fora da escola por falta de documentos. A coordenadora apontou que quase 90% da população trabalha em fazendas e há famílias sem registros de identidade como Certidão de Nascimento, RG, CPF, Carteira de Trabalho. Na região, há entradas e saídas de famílias com crianças que acompanham os seus pais em deslocamentos das comunidades bolivianas para trabalhar em fazendas no Brasil.

O grupo de mulheres e as novas costuras

O grupo das mulheres costureiras de Nova Fortuna foi criado em 2022, com o apoio da OPAN, configurando-se em uma organização de famílias que assumem a identidade Chiquitano. Atualmente o grupo é formado por quinze mulheres que se reúnem para costurar e produzir materiais com a expectativa de reduzir os seus gastos com roupas, melhorar a renda e fortalecer o acesso a outros projetos.

Os materiais são fabricados com as máquinas e os tecidos disponibilizados pelo projeto da OPAN. Ao longo de dois meses as mulheres produziram o total de sete almofadas, sete bolsas, trinta e nove tapetes e um lençol. Os trabalhos foram também confeccionados com retalhos coloridos adquiridos pelo projeto.

A coordenadora do grupo de mulheres é a Elenir Cebalho e os principais resultados já apontam para o fato de que as mulheres deram muita importância ao processo de aprendizagem, por meio do qual “uma ajuda a outra na arte na costura”. As mais jovens estão aprendendo com as mais experientes, reconhecidas na pessoa da Inácia Urtado Pedraça e Elenir Sebalhe Gonçalves. Há no grupo antigas tecelãs que fabricavam fios do algodão branco e do marrom para tecer redes de dormir.

Figura 50. Rodas de conversa com mulheres de Nova Fortuna



Fonte: Trabalho de campo, Paulo, 24/02/2023.

Figura 51. Mulheres de Nova Fortuna apresentam os seus trabalhos as famílias e a OPAN



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt, 24/02/2023.

Figura 52. Mulheres de Nova Fortuna recebem apoio de maquinas de costura da OPAN



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt , 24/02/2023.

Figura 53. Mulher participa de reunião e do grupo de mulheres com os filhos



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt , 24/02/2023.

Durante a reunião o cacique José Odilo Cambará propôs a criação de um nome que pudesse identificar o grupo de mulheres, tendo em vista que, futuramente, o grupo poderá ser formalizado, garantindo desse modo, o fortalecimento de ações e recursos para as demais atividades.

O nome proposto para o grupo foi inspirado no nome da organização financiadora do Projeto “Manos Unidas” e, a partir de uma leitura refletiva, o cacique e a sua esposa propuseram que o nome do grupo fosse “Mãos e Pés Unidos”. A decisão sobre o nome do grupo será mais bem discutida pelas mulheres.

Algumas mulheres comentaram que sentiram dificuldades no início do trabalho com a costura, além de medo e insegurança na manipulação da máquina e da possibilidade de errar, algumas quebraram agulhas e se assustaram, pois de acordo com os relatos obtidos, a “costura sempre foi uma prática feita à mão e agora estão usando uma máquina”! – afirmou Elenir Cebalho. Portanto, é uma experiência nova, diferente e desafiadora para as mulheres;

A nova coordenadora do grupo Elenir Cebalho disse que procura manter o ânimo das mulheres para que não desistam e, mesmo que errem, continuem a praticar e se aperfeiçoar. Disse que até o momento o material produzido foi um experimento e os erros fazem parte do processo de aprendizagem, mas de agora em diante “não poderão errar com frequência e buscarão a perfeição”.

Para tanto, o grupo será dividido entre as que já dominam a técnica e as que ainda precisam de mais experiência, estas últimas contribuirão, especialmente no corte e na costura à mão, porque consideram que estão se aperfeiçoando e participando de um trabalho coletivo. Algumas questões foram levantadas pelas mulheres do grupo de costura: o que fazer com o produto final da costura? Onde comercializar? Como garantir que se torne fonte de renda para as mulheres? Como vai funcionar a distribuição dos recursos adquiridos com a venda?

Uma sugestão proposta na reunião foi que as mulheres criem meios para divulgar e comercializar os produtos na comunidade. A coordenadora buscará apoio da Igreja Católica para vender os produtos nos bazares promocionais e nas festas religiosas, além de contar com ajuda de seu compadre, Agostinho Supepe, um sitiante e comerciante no local.

Foi possível observar que, além de aquisição de materiais, as mulheres sentem falta de mais interlocução e acompanhamento no desenvolvimento dos projetos, de troca de experiências sobre a vida familiar e sobre o trabalho. E a costura pode ser um modo de integrar essas demandas socioeconômicas e afetivas.

Festas, cultos e curas em Nova Fortuna

A maioria das famílias de Nova Fortuna pertence à religião evangélica Assembleia de Deus, outra parte é católica, e uma família pertence à Missão Cristã do Brasil.

A Assembleia de Deus é conduzida pelo pastor Onair Barbosa (não chiquitano) e um dos cooperadores dessa religião é o Miguel Parabá, que assume a identidade Chiquitano, foi líder católico na comunidade San Nicolas del Cerrito (Bolívia) e, após participar da Igreja Mundial do pastor Valdomiro Santiago, deixou de consumir bebidas alcoólicas e a sua esposa, que estava doente, foi curada.

Há trinta anos Miguel Parabá realiza diagnóstico e curas com as mãos e prepara remédios com plantas medicinais em Nova Fortuna. Este curandeiro foi iniciado em San Inácio de Velasco (Bolívia) por outra curandeira e orienta que, para se obter a substância curativa de uma planta é importante observar a parte dela que será extraída, se está posicionada na direção do sol; e, ainda, conversar com a planta ou com a casca da árvore que será retirada para obter a sua permissão. As principais espécies descritas pelo curandeiro são coletadas em seu quintal ou no entorno do loteamento. Segue abaixo o quadro com as descrições:

Quadro 16. Plantas medicinais e seus usos apresentados pelo pajé de Nova Fortuna

PLANTAS RELATADAS	CURAS
Três pessoas	Picada de cobra, doença malária,
Folha de cajueiro	Dor de barriga
Pé de vaca	Coluna
Jasmim	Dor de dente
Sucupira	Gripe
Amendoim do campo	Apêndice

PLANTAS RELATADAS	CURAS
Amendoim de bugre	Hérnia
Copaíba	Pasmo
Sangue d'água do brejo	Gastrite
Gengibre	Gripe
Babosa	Câncer
Flamboiã	Dor no corpo
Açafrão amarelo	Inflamação

A Elenir Sevalho e a Roberta Sebalho também realizam curas e fazem o diagnóstico de doenças com as mãos, tendo adquirido esse conhecimento no curso de medicina tradicional realizado em Nova Fortuna.

A outra igreja estabelecida na localidade é a católica, que festeja o padroeiro São Francisco de Assis, e o padre vem de Vila Bela da Santíssima Trindade duas vezes na semana para realizar missa e atividades sacramentais. O responsável pela coordenação da igreja é o Agostinho Supepe, ministro capacitado para realizar as celebrações.

A Festa de São Francisco de Assis é realizada no dia cinco de abril na igreja católica. Os festeiros recebem doação de alimentos de famílias da localidade e de fazendeiros para preparar as refeições que serão servidas na festa. A imagem do santo foi comprada na Bolívia e, no dia do festejo, o lugar recebe pessoas de diferentes lugares que se deslocam de ônibus da sede de Vila Bela da Santíssima Trindade, de Palmarito e de Cantão. Na Fortuna Velha, as famílias realizavam a festa a São João Batista e de São Jorge, porém não podemos afirmar se alguma família mantém essa tradição.

Os cultivos no quintal

O quintal nos lotes coletivos de Nova Fortuna possui diferentes espécies cultivadas, tanto na parte da frente, quanto do fundo, entre elas, a mandioca, o jenipapo, a banana, a manga, o abacaxi, a cana de açúcar e as plantas medicinais, o manejo é feito com a queima de folhas secas que são reunidas em pequenos montes e as cinzas misturadas com a terra.

Há famílias que arrendam lotes de outras para plantar e, depois da colheita, trocam os produtos em sacas como pagamento. Essa prática de arrendamento é freqüente no loteamento, mas é possível também verificar alguns lotes desocupados, com mato alto, sem nenhuma atividade produtiva.

O amendoim é cultivado por ser muito apreciado como alimento e pode ser triturado juntamente com o milho para ser consumido em forma de suco. Pode ainda ser fabricado como a chicha ou servido com frango em uma sopa. O amendoim pode ser consumido como chá, após ser triturado, diluído em água fervida e adoçado para acompanhar um pedaço de pão. As mulheres são as principais conhedoras desses preparos alimentares.

3.10 GRUPO BEIJA FLOR DE CHIQUITANO NÃO ALDEADO EM CONTEXTO URBANO

O grupo Beija Flor é organizado por famílias de chiquitano não aldeado (como se autoidentificam) que residem, predominantemente, no bairro Aeroporto do município de Porto Esperidião.

O município de Porto Esperidião, com 12.176 pessoas (IBGE, 2021), é um importante polo para o povo Chiquitano da fronteira. Ele serve como um local de referência para assistência, educação, saúde, comércio, compra de produtos, moradia e alimentação. Ademais, há uma rede de parentesco e compadrio que formaliza as relações entre as famílias, oriundas das aldeias e comunidades da fronteira Brasil-Bolívia.

Francelina Chue Poquiviqui coordena o grupo Beija Flor há quatro anos, com o objetivo de promover ações, realizar projetos e valorizar os saberes e a produção da cultura Chiquitano. O fundador do grupo foi seu pai, Antônio Maconho Poquiviqui, que deu nome ao grupo. Os membros da família Poquiviqui foram os primeiros a realizar atividades voltadas para produção de potes e panelas de argila no bairro, com dona Angelina Chué Poquiviqui, artesã e viúva de seu Antônio M. Poquiviqui, à frente. O Carnaval, Curussé, é uma importante festa organizada pelo grupo Beija Flor, desde o seu inicio de sua constituição até os dias atuais.

A fabricação de potes e panelas na cidade difere da produção de potes e panelas produzidos nas aldeias e comunidades, afirma Angelina Chué Poquiviqui. A “argila preta”, utilizada nesse trabalho, era coletada às margens do rio Aguapeí. Nas imediações da cidade, há uma cerâmica que doa argila, mas apenas em pequenas quantidades.

Produtos de Fundo de Quintal

Atualmente são quinze mulheres que participam do grupo Beija Flor e, em 2021, empreenderam três feiras orgânicas, voltadas para a comercialização de diferentes produtos que foram classificados de “fundo de quintal”, como cebolinha, pimenta e outras plantas alimentícias cultivadas nos quintais. Além disso, outros produtos como jogos de tapete, roupas usadas, incluindo bolos, pão caseiro, aluá de amendoim, chicha de milho e queijos, todos fabricados no próprio bairro. Os produtos que sobravam eram trocados entre as mulheres. A feira com o tema “fundo de quintal” acontecia aos sábados, para não concorrer com a feira municipal, que acontece aos domingos.

Durante a pandemia do novo coronavírus (Covid 19), o grupo recebeu apoio da Federação de Assistência Social e Educacional (FASE) de cestas básicas com alimentos e sementes de frutas nativas como pitomba, cumbaru para plantio. Outra parceria importante do grupo foi com o Sindicato de Trabalhadores Rurais, liderado por Agnaldo Muquissai, esposo de Francelina Poquiviqui Moconho e, ainda a UNEMAT, o Instituto Gaia de Cáceres e a religiosa irmã Claudete da Igreja Católica.

Figura 54 - Roda de conversa do grupo de mulheres do Beija Flor



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt , 24/02/2023.

As mulheres que participam do grupo Beija Flor são oriundas de diferentes localidades da fronteira e trazem consigo experiências e saberes que se complementam. Elas estão interessadas no projeto da OPAN, visando à ampliação das ações realizadas a partir dos trabalhos anteriores de cultivos nos fundos de quintal e sua comercialização, bem como a confecção de toalhas de crochê, a costura de tecidos, a fabricação de pães, bolos e bebidas tradicionais.

Francisca Macoño Chué é cozinheira e mora no bairro Coab Nova, prepara o almoço e o jantar durante as festas e os eventos do grupo no bairro.

Francisca dos Santos Oliveira é oriunda da Baía Bela, próxima do Destacamento Santa Rita atualmente mora na Coab Nova e fabrica chicha de milho torrado, a bebida, após ser fervida é congelada para ser servida em diferentes ocasiões. Produz pão caseiro e fabrica tecidos com agulhas de crochê, e costura roupas e bonecas de pano.

Angelina Chué Poquiviqui é natural da aldeia e comunidade São Pedro, próxima de Vila Nova Barbecho, na fronteira e reside há 35 anos no bairro Aeroporto. Ela atua na pastoral da criança e no ministério da igreja católica com autoridade para dirigir celebrações católicas e distribuir hóstias. Além disso, participa do grupo da terceira idade, proposta pelo CRASS. É mãe Francelina Chué Poquiviqui e a viúva de Antônio M. Poquiviqui.

O lote onde reside Angelina Chué Poquiviqui está situado ao lado da igreja de Santo Antônio e a terra já está dividida entre os seus dois filhos, tendo sido adquirido como pagamento de serviços prestados a um fazendeiro. É nesse lugar onde realizam a festa do Carnaval, que se estende por três dias e também a festa de Santo Antônio, celebrado no dia do aniversário falecido esposo.

Josefina Urupe Massavi mora há mais de 40 anos em Porto Esperidião. É filha do Nicolau Urupe e

da Clemência Muquissai Urupe, anciãos da aldeia Vila Nova Barbecho, e casada com Luiz Massavi. Os seus oito filhos residem nos municípios de Primavera do Leste e de Porto Esperidião. Atualmente mora em um sítio na comunidade Santa Bárbara, onde maneja uma roça com orientações das diferentes fases da lua, cria animais domésticos, fabrica tapetes de retalhos e produz chicha de milho e mandioca. Após observar a semente de algodão marrom do povo indígena Myky, fornecido pelo Paulo Eberhardt da OPAN, disse que na região esse algodão é chamado de “pardo”.

Maria Graciele Urupe Massavi é filha da Josefina Urupe e reside na Cohab Nova com o seu marido e o sogro, ambos trabalham em fazendas. Ela argumentou que os jovens não se afirmam como Chiquitano devido ao preconceito. Além disso, mencionou que não sabe fazer “chicha verdadeira”, somente a chicha de fubá torrado, que é adoçado, e fervido em fogão a gás.

Franciele de Paula Lima mora no bairro Aeroporto de Porto Esperidião há oito anos. É natural de Cáceres e atua no grupo Beija Flor desde o início de sua formação. O seu interesse com o projeto é melhorar a renda e reduzir os gastos com alimentos. É mãe de dois filhos e reside em uma casa alugada.

Maria Eugênia Parabá é de San Manoel, localidade situada a sete km de San Matias. Trabalhou na fazenda Santo Antônio e, atualmente, reside na sede urbana de Porto Esperidião. É sogra de Angelina Chué Poquiviqui e mãe de três filhos, dois moram em Cuiabá e um está sob os seus cuidados, este último sabe tocar os instrumentos para o Carnaval Chiquitano. Maria aprendeu a fabricar vasos de cimento na fazenda onde trabalhou e comercializa esse produto em Porto Esperidião.

Figura 55. Mulheres do Grupo Beija Flor



Fonte: Trabalho de campo, Paulo Luís Eberhardt , 30/11/2022.

O Curussé para o Grupo Beija Flor

O primeiro grupo de Carnaval da sede urbana de Porto Esperidião foi o “Asa Branca”, organizado pela família Lopes e Massai. O seu Antônio Maconho Poquiviqui participava desse grupo, entretanto, houve uma ruptura, e tomou a decisão de criar um novo grupo carnavalesco e realizar a sua própria festa.

O grupo “Asa Branca” continua mobilizando muitas famílias para a festa e tem o apoio da prefeitura municipal que disponibiliza a alimentação e a carne para o churrasco, servido durante o festejo. Outro grupo de Carnaval do município é o “Nativo”, coordenado pela família Castedo. E o terceiro grupo é o “Beija Flor” da família Chué Poquiviqui.

Esses três grupos carnavalescos disputam a festa mais alegre, que se expressa tanto pelo número de pessoas que conseguem aglutinar quanto pela decoração, pela alimentação e pela chicha, uma bebida fermentada à base de milho ou mandioca. Esses são os critérios para uma boa festa, que pode ser garantida pelo apoio, pelos recursos arrecadados e pelo poder político dos grupos no município.

De acordo com a nossa interlocutora, os grupos carnavalescos Asa Branca e Nativo realizam a festa Curussé na sede urbana, mas não assumem a identidade étnica ou indígena. As mídias sociais de Porto Esperidião associam o Carnaval ao povo Chiquitano com apoio do município e, mesmo assim, as famílias não se auto-identificam Chiquitano.

Uma das características do Curussé na sede urbana é o protagonismo performático dos grupos. O grupo Beija Flor, antes do reconhecimento étnico, incluía em seu enredo de dança, o reinado com rei e rainha. Contudo, após sofrerem críticas dos parentes que viviam na fronteira, pela performance representada, e pelos temas decoloniais ministrados no Ensino Superior, o grupo decidiu mudar os personagens centrais da festa, no lugar de rei e rainha, por um casal de bonecos, confeccionados em tecido pelas mulheres do grupo. O casal tem o objetivo de alegrar os dançantes e, de certo modo, ocupar o lugar do rei e rainha no Carnaval. Neste caso, os jovens transformam a tradição ritual do Curussé e introduzem novos conteúdos diacríticos para afirmar a identidade étnica.

Contudo, será necessário conhecer por meio de pesquisa mais aprofundada, se os demais grupos da cidade mantiveram os personagens rei e rainha em sua performance e quais os conteúdos inerentes a esses protagonistas. E, desse modo, compreender o que seria o Carnaval dos Chiquitano não aldeados.



Figura 56. Músicos do Curussé do Grupo Beija Flor



Fonte: Francelina Poquiviqui, 19 e 20 de fevereiro de 2023.

Figura 57. Mulher preparando Chicha para o Curussé



Fonte: Francelina Poquiviqui, 19 e 20 de fevereiro de 2023.

Figura 58. Mulher preparando o almoço para o Curussé



Fonte: Francelina Poquivique, 19 e 20 de fevereiro de 2023.

Figura 59. Mulheres do Grupo Beija Flor servindo almoço



Fonte: Francelina Poquivique, 19 e 20 de fevereiro de 2023

A identidade Chiquitano na Cidade

O Sindicato de Trabalhadores Rurais de Porto Esperidião é considerado parceiro muito importante para o Grupo Beija Flor porque participa do Conselho Municipal onde são discutidas políticas públicas, dentre elas a moradias das famílias que vivem no município.

De acordo com os nossos interlocutores, a Cohab Nova é um bairro onde residem 99% de Chiquitano. No entanto, as famílias são classificadas de “pobres e necessitadas” e não como “indígenas” ou “Chiquitano”. Já o bairro Aeroporto é ainda mais antigo que a Coab Nova, e as condições são semelhantes.

Segundo a coordenadora do grupo Beija For, a população da cidade não aceita ser chamada de indígena e prefere ser identificada pelo termo “bugre”, por entender que esse termo remete ao de mestiço (mistura de branco com indígena). Além disso, considera que o indígena é aquele que vive na fronteira Brasil e Bolívia, os que vivem na cidade são “bugres ou mestiços”.

Outro aspecto importante é a resistência dos povos da fronteira em aceitar que famílias da cidade se auto-identificassem como Chiquitano. Para Francelina Poquiviqui, os Chiquitano não aldeados sofrem preconceitos na cidade, tanto de não indígenas, que os classificam de “pessoas que não trabalham e que vivem recebendo coisas do governo” quanto de não indígenas, ao afirmarem que aqueles que vivem da cidade estariam “inventando uma identidade, uma vez que não usam cocar, a não ser para algum evento externo ao município”. Essa crítica sobre a invenção da identidade, vinda de seus próprios parentes indígenas, foi rebatida por Francelina, que reconhece que o uso do cocar do povo Umutina e do povo Rikbaktsá pelo Chiquitano é legítimo, pois os “Chiquitano não aldeados trabalham com o conceito de diversidade”.

A experiência com a roça urbana

As mulheres do grupo Beija Flor iniciaram o projeto junto a OPAN elegendo um terreno de aproximadamente um hectare, localizado a três quilômetros da sede urbana para a formação de uma roça (21Lo341084 - UTM8245423). As ações são realizadas por seis mulheres que se deslocam de carro ou de bicicleta para o terreno. A área é cercada por arames e faz divisa com outra propriedade com pastagem cultivada e com gado dentro. Há uma capoeira e uma pequena mata com algumas espécies de madeira que abrigam diferentes insetos e abelhas que estavam produzindo mel.

Figura 6o: Mapa de localização do Grupo Beija Flor



O terreno não possui água suficiente para irrigar as mudas, sendo essa uma das principais demandas e preocupações do grupo, especialmente durante o período de seca. A perspectiva do grupo é criar alternativas para o acesso à água, para isso, estão dialogando com a Secretaria de Agricultura do município de Porto Esperidião para levantar a existência de uma rede de água da rua e a possibilidade de abertura de um poço. Há um encanamento para água e uma possível nascente no entorno do terreno, condição que favoreceria a abertura de um poço.

Além disso, houve perdas de espécies ocasionadas por pragas, como “quem-quem” e “boca-de-cisco” (vermelho e pequeno). As famílias de outras aldeias e comunidades têm utilizado um produto chamado “regente” e, ainda, o “óleo diesel”, mas o Agnaldo Muquissai, que participa do grupo e também é presidente do sindicato de trabalhadores rurais do município não aconselha o uso desse produto, argumentando que eles contêm muito defensivos químicos.

As principais espécies manejadas no terreno são de feijão de corda, que leva cerca de duas semanas para crescer e, a melancia, cujas sementes vieram da Bolívia, sendo brancas e avermelhadas. As espécies de melancias que levam de três a quatro meses para amadurecer foram prejudicadas pelas intensas chuvas. A mandioca cacau foi misturada com a espécie camanducaia, com objetivo de promover experiências na

produção de conhecimento e melhoramento genético. A camanducaia de oito meses, é utilizada para realizar o cruzamento com outras espécies, a fim de fortalecer a produção e atender ao comércio.

O sabuguinho é uma planta medicinal e nativa na região; foi encontrado no terreno manejado pelas mulheres e mantido no meio da roça. Seu uso é indicado para tratar dores no estômago, possui propriedades cicatrizantes, combate a diarréia e traz bem-estar ao estômago após o consumo de bebidas alcoólicas. Outra espécie identificada no terreno é o papo-de-peru, que é importante para o tratamento de diabetes e dores no estômago.

O milho preto e o milho vermelho foram obtidos em Salvador, Bahia, durante um evento de agricultura familiar. Outra variação cultivada na roça é o milho fofo, cuja semente é manejada na aldeia Fazendinha da Terra Indígena Portal do Encantado e foi transportada para a aldeia Vila Nova Barbecho, onde foi entregue por uma parenta a dona Angelina Poquiviqui do Grupo Beija Flor. É importante acompanhar a dinâmica das redes de acesso e troca de sementes nas aldeias e delas à área urbana. O maxixe é também nativo na região e a abóbora cambotian, a paulistinha, a comum e a cana-de-açúcar, também estão sendo cultivadas.

A Angelina Chué Poquiviqui afirma que a comensalidade é uma prática muito importante para os Chiquitano. Cada pessoa leva para o terreno onde manejam a roça chá, café, bolo, chicha e, na hora do descanso, sentam-se e comem juntos, conversam e se divertem. “Todos os dias levam a chicha para o trabalho na roça”, disse dona Angelina Chué Poquivique.

O grupo também solicitou à OPAN uma placa informativa com nome do grupo de mulheres e da instituição apoiadora, a ser fixada na entrada do terreno, a fim de orientar o acesso ao espaço e o projeto de manejo de roça urbana. Para isso, pensam em criar uma logomarca do “Grupo de Mulheres Chiquitano Não Aldeadas” e estão levantando o interesse de outras mulheres não indígenas em participar do grupo durante a festa do Curusé.

Figura 61. Mulheres do grupo Beija Flor na capina



Fonte: Francelina Poquiviqui, 2022.

Figura 62. A comensalidade no trabalho com a roça



Fonte: Francelina Poquiviqui, 2022.

Figura 63. Produtos da roça do Grupo Beija Flor



Fonte: Francelina Poquiviqui, 2022.

No entorno do terreno há uma mata com a madeira ipê, recomendada para a fabricação de pilões, que servem para amassar (moer) o milho ou a mandioca para o preparo da chicha. Com o embrirucú, confeccionam uma seda, uma espécie de corda, além de gamelas e cochos, utensílios que acondicionam alimentos para animais. Utilizam também o açoita-cavalo e o jacarandá (da flores roxas e azuis), para fazer cabos de machado tradicional. Além dessas madeiras, há uma área de capoeira já recuperada.

Uma nova gradeação será necessária na parte lateral do terreno, considerando que o mato cresceu e cobriu o milho cultivado. O Paulo Eberhardt, indigenista da OPAN, sugeriu o cultivo de leguminosas em todos os espaços para suprimir o mato e nutrir a terra. Ele orientou a evitar o uso da roçadeira de fio e da lâmina, por serem difíceis de controlar da máquina e, além disso, violentas e perigosas.

As mulheres semearam no terreno quarenta pacotes de sementes para hortaliças, adquiridas em um mercado agropecuário de Porto Esperidião, contudo, nenhuma semente se desenvolveu. Elas levantaram a hipótese de que as sementes estavam estragadas ou de que a terra não era apropriada para as hortaliças. A horta foi cercada com estacas de madeira verde que brotaram. Embora as sementes não tenham germinado, as madeiras brotaram, surgindo a perspectiva de utilizarem essas mudas para reflorestamento.

Os resultados preliminares do projeto foram apontados pelo grupo de mulheres e pelo representante do Sindicato de Trabalhadores Rurais nos seguintes aspectos: empoderamento das mulheres, ações terapêuticas para aquelas que estão em luto pela morte de parentes durante a pandemia de COVID-19, novas parcerias com órgãos municipais, convites para participar de feiras orgânicas, a possibilidade de apoio de um micro-ônibus para o deslocamento das famílias até a roça urbana, a ampliação da área para o plantio de mais espécies em outro local, a realização de experimento com o plantio de feijão na lua certa e com o preparo da terra (gradeada), além da avaliação da política para a agricultura desenvolvida por povos indígenas e da compreensão do papel da FUNAI em relação ao DAF.

O manejo da roça na área urbana pelo grupo Beija Flor potencializou a participação das famílias engajadas na primeira edição da Feira de Produtos Orgânicos do município de Porto Esperidião. Cada produto foi preparado e exposto na feira com uma etiqueta de identificação que informava o valor cobrado e o nome do produtor. Entre os nomes estavam: sabão de álcool, de limão e de mamão; chicha de milho, bolo de arroz tradicional, chocolate de amendoim, cebolinha, pimenta de cheiro, pizza, mandioca e baquité, confeccionado por Florêncio Urupê, da aldeia Vila Nova Barbecho.



Figura 64. Mulheres na feira de produtos orgânicos de Porto Esperidião



Fonte: Francelina Poquivique, 10/03/2023

A coordenadora do grupo Beija Flor, Francelina Chué Poquivique, afirmou que o projeto desenvolvido junto a OPAN foi muito participativo. Durante a festa do Curussé houve divulgação da instituição, e os participantes ficaram curiosos para conhecer o apoiador da festa. A doação de R\$ 2.000,00 para aquisição de alimentos destinada à comensalidade que acontece no Carnaval não foi suficiente, e outras famílias contribuíram com produtos para o preparo do almoço gratuito na cidade. A dona Josefina Urupe Massavi, colaborou com 40 kg de abóbora de sua roça para Curussé.

A perspectiva futura das mulheres é trabalhar com material reciclado como sacolas, papel, publicações de campanha política, entre outros. Esse material será reaproveitado para fabricar bonecas indígenas com a máquina de costura adquirida com recursos do projeto. Para o desenvolvimento desse trabalho estão envolvidas cinco mulheres e, uma das regras é não comprar produtos de outras pessoas, mas do próprio grupo. Elas já não compram pães, bolos, cheiro verde, bolos, bebidas nem tecidos, porque já são produzidos pelo próprio grupo.

O grupo Beija Flor recebeu o convite para participar de um “Festival Rural” que acontecerá em Brasília, pois está inserido no Programa Biosfera do Pantanal, Comitê de Bacia Hidrográfica, articulado pelo Instituto Gaia. A coordenadora do grupo propõe levar chicha de milho e chicha de amendoim. O evento objetiva a troca de experiências e de diferentes sementes, cujo tema será “cores e sabores”.



4. Atores, relações e instituições junto ao povo Chiquitano

O povo Chiquitano tem realizado atividades e projetos em parceria com diferentes organizações governamentais e não governamentais, com objetivo de atender às demandas e reivindicações das famílias que vivem na fronteira Brasil/Bolívia. Para um melhor conhecimento dessas organizações e dos projetos, listamos a seguir as principais parceiras dos Chiquitano no atual contexto do diagnóstico.

1. Operação Amazônia Nativa (OPAN) – atua junto às famílias chiquitano na fronteira desde 2021, com o Projeto “Apoio ao Povo Indígena Chiquitano de Fronteira BR/BO”, focando na segurança alimentar e no protagonismo de jovens e de mulheres. O projeto propõe fortalecer a cultura e a segurança alimentar por meio da implementação de roçados, quintais, hortas familiares, além de realizar um diagnóstico participativo socioeconômico, cultural e ambiental para a obtenção de dados e análises do contexto atual, bem como mapeamento territorial e descritivo dos aldeamentos. O financiamento é proveniente da agência espanhola Manos Unidas. Site: <https://amazonianativa.org.br/programas/mato-grosso/>

2. Instituto Centro de Vida (ICV) – atua junto às famílias chiquitano em parceria com a FEPOIMT pelo Programa REM, no Subprograma Territórios Indígenas, na Regional Vale do Guaporé, atendendo a dez comunidades e aldeias. As ações tiveram início no ano de 2019, a partir do atendimento de demandas ao Programa REM (Emergencial) e, atualmente, são realizadas pelo REM (Estruturante).

As principais demandas reivindicadas pelos Chiquitano são: ferramentas de trabalho como freezer para abastecimento de polpa de frutas destinadas ao comércio, seladora de embalagem, estrutura para caixa d’água, reforma de cozinha e banheiro para casa comunitária, fortalecimento da agroecologia, capacitação para a produção, melhoria no abastecimento de água com encanamentos, apoio na roça coletiva em área urbana. Site: https://www.icv.org.br/projeto_especial/rem-mt-subprograma-territorios-indigenas/

3. Centro de Tecnologia Alternativa (CTA) – atua na fronteira Brasil e Bolívia com assistência técnica em agroecologia desde 2013. Atualmente, desenvolve o programa “Rotas da Agroecologia”, voltado para o beneficiamento de frutas, agregando valor aos produtos dos Chiquitano. Outro projeto implantado recentemente é voltado para o agroextrativismo da bocaiúva, focando na extração e experimentação de óleos essenciais. O Centro continua atuando na comunidade Bocaina com o projeto “Quintais Produtivos”, fomentando a indústria local. Para isso, foram distribuídas 120 mil mudas de plantas e sementes frutíferas para roças e quintais.

O CTA e a Associação de Produtores Indígenas Chiquitano (APIC), da aldeia Fazendinha da TI Portal do Encantado, realizarão o projeto em sistema silvipastoril, que prevê capacitação para pesquisa e assistência técnica no manejo do gado leiteiro e de corte. O projeto também incluirá a coleta e a comercialização da bocaiúva (macaúba) e do cumbaru (baru) para a produção de óleos essenciais.

O técnico do CTA, Ronaldo Adriano, avaliou que, nos projetos realizados com as famílias das aldeias

Fazendinha e Acorizal, havia expectativas de comercialização de produtos. No entanto, a produção não foi suficiente para o mercado, por isso, o CTA fortaleceu o plantio de frutas e, mesmo assim, as famílias não atingiram a quantidade exigida para vendas. As frutas não comercializadas foram destinadas a alimentar aves e porcos consumidos pelas famílias.

Na comunidade Osbi/Vila Nossa Senhora Aparecida houve perda de frutas. Todavia, a falta de demarcação do território e o fato de algumas famílias não se autoidentificarem como indígenas sem uma declaração da FUNAI inviabilizam o aceite de financiadores de projetos.

De acordo com o representante do CTA, as instituições que apoiam os Chiquitano precisam conversar entre si, para evitar sobreposição de ações. Ele defendeu a criação de uma rede de fortalecimento institucional como o Grupo de Intercâmbio em Agroecologia (GIAS), além do trabalho em grupos produtivos com alinhamento, produção e comercialização. Site: <https://www.ctamt.org.br/>

4. Instituto de Pesquisa e Educação Ambiental do Pantanal (GAIA) – realiza diferentes ações por meio do programa “Humedales sin Fronteras”. Já apoiou a APIC da aldeia Fazendinha, da TI Portal do Encantado, com projeto de agroecologia; acompanha a Política de Recursos Hídricos de Porto Esperidião e o Comitê de Bacias do Alto Paraguai, com atividades de restauração de matas ciliares das nascentes do rio Rio Jauru. Além disso, apoia campanhas de solidariedade em favor dos Chiquitano e organiza feiras de agricultura familiar, com distribuição de sementes orgânicas para cultivos nos quintais. Site: <https://www.institutogaiapantanal.org/>

5. Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI/UNEMAT) – apoia estudantes indígenas do curso de Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas, com três habilitações: Línguas, Artes e Literatura; Ciências Matemáticas e da Natureza e Ciências Sociais, em Barra do Bugres. Também apoia estudantes indígenas em outros Campi da instituição. Site: <http://portal.unemat.br/?pg=site&i=indigena&m=historico>

6. Universidade Federal de Mato Grosso (PROINDI/UFMT) – realiza estudos e projetos de extensão junto às famílias das aldeias e comunidades. Executa o Programa PROINDI para a inclusão de estudantes indígenas na universidade e apoia a luta do povo Chiquitano pela demarcação do território, além de efetuar denúncias contra violência indígena. Site: <https://www.ufmt.br/pro-reitoria/prae/pagina/proind/147>

7. Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Porto Esperidião – apoia projetos e ações na área da agroecologia, organiza feiras de experiências produtivas e orgânicas, realizada a entrega de sementes, o transporte de materiais e orientações relacionadas com o cadastro de produtos e de documentação para o comércio desses produtos. Promove discussões e ações para a sustentabilidade ambiental, participa e divulga oficinas pedagógicas e troca de experiências temáticas. O presidente do sindicato é o Agnaldo Massavi, que atua no Grupo Beija Flor de Chiquitano não aldeado no município. Site: <http://www.fetagrimt.org.br/site/sindicatos>.

8. Prefeitura de Porto Esperidião – realiza ações na área de esportes junto ao povo Chiquitano, como a Copa Fronteira e assistência ao grupo de mulheres Beija Flor. Colabora com a festa do Curussé no espaço urbano do município e, atualmente, promove a feira orgânica com a participação dos Chiquitano. Site: <https://www.portoesperidiao.mt.gov.br/Noticias/Final-da-copa-fronteira--edicao-2019-140/>

9. Prefeitura de Vila Bela da Santíssima Trindade – administra os principais serviços de assistência, educação municipal, transporte escolar e posto de saúde nas comunidades e assentamentos. Firmou um acordo de comodato com o ICV/FEPOIMT, para o uso de um terreno no bairro Aeroporto destinado ao manejo de uma roça urbana. Site: <https://www.vilabeladasantissimatrindade.mt.gov.br/>.

<https://www.setasc.mt.gov.br/-/6076927-indios-chiquitanos-de-vila-bela-da-santissima-trindade-terao-acesso-ao-registro-civil>

10. COOPERSSOL – é a Cooperativa de Consumo Solidário e Sustentável localizada no município de Cáceres, MT. A diretoria compra produtos dos Chiquitanos para serem comercializados na sede da cooperativa e realiza feiras e eventos para comércio, promoção e divulgação dos produtos e das comunidades. Site: https://www.facebook.com/cooperativa.cooperssol/?locale=pt_BR

11. Igreja Católica de Porto Esperidião e de Cáceres – ações de solidariedade, celebrações, missas, visitas, sacramentos e formação de grupos de pastorais.

12. Conselho Indigenista Missionário (CIMI) – apoia as lutas contra a violência sofrida pelos Chiquitano na fronteira, realiza denúncia pública nas redes sociais e articula, junto a outras instituições, a luta pela demarcação do território indígena. Site: <https://cimi.org.br/>

13. Federação dos Povos Organizados Indígenas de Mato Grosso (FEPOIMT) – foi criada em 2013 e reativada em 2016 para atuar na articulação e mediação política e jurídica junto a sete regionais de Mato Grosso: Xavante, Cerrado/Pantanal, Vale do Guaporé, Noroeste, Kaiapó, Xingu e Médio Araguaia.

A diretoria da FEPOIMT realizou, no ano de 2018, sete oficinas de consulta pública nas regionais e uma específica com mulheres, a fim de levantar demandas dos povos indígenas para o Subprograma de Territórios e Povos Indígenas no REM/MT, além de estabelecer critérios para o acompanhamento da aplicação dos recursos pela SEMA/MT.

Em 2019, devido à pandemia da COVID-19, foi necessário criar o Plano Emergencial no REM, com recursos de aproximadamente 50 mil para cada projeto. O REM Emergencial com os Chiquitano contemplou a aldeia Vila Nova Barbecho, com a construção de galinheiro coletivo, aquisição de frangos para o consumo das famílias e a reforma da casa multiuso. Na TI Portal do Encantado, foram realizadas diferentes intervenções: Na aldeia Acorizal, a reforma do galinheiro para o comércio de frangos; nas aldeias Paama Mastakama e Nautukirs Pisiors, o plantio de banana para roças comunitárias, destinada ao comércio; na aldeia Fazendinha, a construção de um galinheiro para a criação de frangos destinados ao consumo; e, no bairro Aeroporto de Vila Bela da Santíssima Trindade, ações para o manejo de quintais sustentáveis.

As capacitações também estão previstas no REM, dependendo das necessidades locais. São propostos cursos nas áreas administrativa, agrícola, de manejo e controle de queimadas, entre outras. A perspectiva é de que as famílias compreendam o que é uma associação, uma cooperativa, suas diversidades e quais são as mais adequadas para cada aldeia, considerando procedimentos como formalização, taxas e prestação de contas, para evitar a criação de associações com o único objetivo de arrecadar recursos.

Até o momento, nenhuma associação chiquitano é filiada a Federação dos Povos e Organizações Indígenas de Mato Grosso. A FEPOIMT é um órgão do terceiro setor criado para a representatividade indígena e uma das bases da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), sendo esta vinculada à Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), portanto, funciona em rede.

As principais parcerias da FEPOIMT são com CIMI, CTA, FASE, Centro de Direitos Humanos, Nova Cartografia Social da Amazônia, IFMT, UNEMAT, UFMT, MST, CPT, OPAN e algumas Paróquias. Integram ainda a rede “Observa/MT”, articulada com o FORMAD, para o trabalho de monitoramento e licenciamento em Áreas de Preservação Permanente.

A FEPOIMT considera que a entrada de organizações nas aldeias deve ser precedida pela sua articulação com a Federação, a fim de que a relação seja mediada em colaboração com os indígenas e, assim, evitar o surgimento de problemas internos e entre as próprias lideranças.

De acordo com os relatos de Soilo Urupe Chuê, ponto focal da regional Vale do Guaporé e Conselheiro da FEPOIMT, um dos desafios nas aldeias e nas comunidades Chiquitano é que “alguns assumem a identidade indígena e outros não; ou ainda, alguns a assumem quando é oportuno, quando não é, não assumem”. E, continuou afirmando que esse contexto é complicado para as instituições que não conhecem a realidade local, e desistem de apoiar ações e projetos com o povo Chiquitano. Por esse motivo, ele argumenta que é importante conhecer quem é quem e, ainda, como os Chiquitano operam nas diferentes práticas e o seu modo de vida.

Para este conselheiro, houve um avanço no processo de autoidentificação étnica, mas, em suas palavras, é necessário manter a comunicação e avisar as lideranças e o Conselho de Caciques antes de começar o trabalho, pois as instituições que propõem atuar nas aldeias necessitam saber quem é quem. Um exemplo que ele destacou foi: “(...) eu assumo, mas (se) meu tio não assume e a instituição chega e quer unir os dois, mas não tem como unir os dois, vai criar mais conflito ainda” (Soilo Urupe Chuê, Cuiabá, 20/05/2023).

Outra orientação desse conselheiro da FEPOIMT é que negar apoio àqueles que não assumem a identidade chiquitano pode gerar conflitos nas comunidades e aldeias, pois uma “doação” não pode ser negada, independente da auto-identificação. Do ponto de vista das relações, todos são parentes, o compadre que faz visita deve ser tratado com profundo respeito e indagou: como negar apoio às famílias? Contudo, há casos específicos e, tudo tem limite. “As instituições vão chegar cada vez mais e todo apoio é bem-vindo, mas não sabemos se vai melhorar ou acirrar os conflitos” (Soilo Urupe Chuê, Cuiabá, 20/05/2023).

Algumas recomendações foram sugeridas por Soilo Urupe Chuê às organizações que realizam ações junto aos Chiquitano listadas a seguir:

- » As associações das aldeias que administram os recursos e os projetos devem conversar previamente com os caciques, pois ambos ocupam posições distintas na aldeia. Caso o cacique não autorize as ações, o projeto tende a não se concretizar;
- » As roças coletivas visam o comércio e são diferentes de roças familiares. Por isso algumas famílias



acabam não participando de mutirões tradicionais, mas podem aparecer na hora da distribuição. As famílias se acostumaram a gradear toda a terra que servirá para a roça coletiva, mas o plantio ocorre de maneira fracionada;

- » O tempo e o prazo de execução dos projetos não são os mesmos das famílias para organizar reuniões, demandas, ciclos de plantio, festas e rituais;
- » Embora as demandas para os projetos sejam definidas pelas próprias famílias é possível que, após receberem os materiais, argumentem que não há mais interesse no que foi solicitado. Por isso, é importante que os técnicos e os pontos focais avaliem o que deu certo e o que será necessário mudar;
- » Um comentário crítico a OPAN é que, embora a organização realize trabalhos importantes, pois tem um corpo técnico completo, ainda não incluiu indígenas em suas equipes, nem como técnicos nem como indigenistas. Essa inclusão poderia oportunizar ao trabalho maior proximidade dos povos e de seu contexto regional.

Site: <https://fepoimt.org/>

ALDEIAS E COMUNIDADES	INSTITUIÇÕES							
	OPAN	ICV	CTA	FAINDI/UNEMAT	IFMT	UFMT	PREFEITURA PORTO ESPERIDIÃO	PREFEITURA DE VILA BELA
1. Vila Nova Barbecho	X	X	X	X	X	X	X	
2. Nautukirs Psiors	X	X	X			X		
3. Paama Mastakama	X	X				X		
4. Fazendinha	X	X	X	X		X		
5. Acorizal	X	X	X	X	X	X	X	
6. Nova Fortuna	X	X				X		X
7. Osbi/Nossa Senhora Aparecida	X	X	X			X		X
8. Bocaina	X	X	X					X
9. Santa Mônica	X	X						X
10. Grupo Beija Flor não aldeado	X			X			X	

ALDEIAS E COMUNIDADES	INSTITUIÇÕES					
	SINDICATO DE	FEPOIMT	INSTITUTO GAIA	IGREJA CATÓLICA	POLÍTICOS LOCAIS	COOPERSOL
1. Vila Nova Barbecho	X	X		X	X	
2. Nautukirs Psiors	X	X				
3. Paama Mastakama		X		X		
4. Fazendinha	X	X	X	X		X
5. Acorizal	X	X		X		X
6. Nova Fortuna		X				X
7. Osbi/Nossa Senhora Aparecida	X	X		X		
8. Bocaina		X		X		
9. Santa Mônica		X				
10. Grupo Beija Flor não aldeado	X		X	X	X	



5. Considerações finais e recomendações

O Diagnóstico Socioeconômico, Cultural e Ambiental foi realizado em dez aldeias e comunidades com famílias que assumem a identidade étnica na fronteira Brasil-Bolívia: Terra Indígena Portal do Encantado (aldeias Fazendinha, Acorizal, Paama Mastakama e Nautukirs Pisiors), Nova Fortuna, Bocaina, Santa Mônica, Osbi/Nossa Senhora Aparecida, Vila Nova Barbecho e o Grupo Beija Flor de não aldeados, em contexto urbano.

Os Chiquitano se organizam na fronteira em diferentes regimes de uso da terra, resultado de diferentes processos históricos de desterritorização, de transformações socioculturais e das lutas para o reconhecimento de sua identidade étnica e da reterritorialização.

Entretanto, é possível identificar elementos que caracterizam os Chiquitano enquanto povo: a vida comunitária com a presença de caciques e lideranças; o uso de sobrenomes indígenas para definição do parentesco e das regras para casamento; as relações de compadrio, as historicidades de vida na fronteira Brasil-Bolívia; o manejo de roças familiares, a cerimônia Carnaval e festas patronais³³; a comensalidade; as trocas e a reciprocidade; a arquitetura das moradias; a cosmologia e a vida ceremonial; a língua materna ainda falada pelos anciãos.

O resultado do diagnóstico apontou problemas e demandas nas aldeias e comunidades e, portanto, propõe a construção de um Programa de Apoio ao Povo Chiquitano na fronteira entre Brasil e Bolívia, com a perspectiva de desenvolver diferentes projetos em diálogo com as famílias, a fim de que as ações contribuam para o fortalecimento de sua organização socioeconômica, cultural e territorial.

A Terra Indígena Portal do Encantado, de aproximadamente 43 mil hectares, é formada por quatro aldeias que abrigam uma população de cerca de 270 pessoas, organizadas por chefias regidas por um sistema de cacicado. Além disso, cada aldeia possui três associações formalizadas: APIC (Associação de Produtores Indígenas Chiquitano), ASN (Niorsch Haukina/Associação Semente Nativa), ASCHI (Associação Sustentável Chiquitano).

O diagnóstico constatou que na TI Portal do Encantado os Chiquitano realizam diferentes atividades socioeconômicas no território, como o manejo do gado bovino, roças coletivas de banana vinculadas às associações, roças familiares nos quintais, caça de subsistência, apicultura, piscicultura, coleta de frutos e plantas medicinais, coleta de palha da palmeira indaiá para cobertura de moradias, coleta de buriti, sementes e penas de aves para a fabricação de artesanato, plantio de frutas e banana para comercialização, e criação de frangos caipiras nos quintais e de semi-caipiras em galinheiros. Algumas dessas ações resultam de projetos em parceria com organizações não governamentais, como FEPOIMT, ICV, OPAN e o CTA, com financiamento de agências internacionais.

Há problemas socioambientais que foram identificados no território. Em 2021, houve denúncia de impactos e contaminação do rio Tarumã, devido ao represamento de sua água por um fazendeiro para a

33. Neste caso não se configura no catolicismo cristão, considerando que os Chiquitano teriam aceitado a forma, mas não o conteúdo dos ritos. “Neste sentido, as cerimônias e os rituais chiquitano, aparentemente, tem os mesmos símbolos do catolicismo (cruz, rosário, santos, capela, sermões, batismo, enterro, entre outros), porém redefinidos pela perspectiva indígena” (SILVA, 2015, p. 29).

construção de uma ponte, uma obra irregular que afetou a qualidade das águas destinadas ao consumo, ao banho e à pesca de subsistência dos Chiquitano. Além disso, existem importantes áreas que precisam de proteção, pois estão fora do território, como as nascentes, os cemitérios e os lugares sagrados dos seres encantados. Em 2023, houve denúncia junto ao IBAMA e à FUNAI de desmatamento no entorno do Território Indígena.

Outras consequências do desmatamento no entorno do território foram relatadas pelos anciões e os caciques. Houve um aumento de animais de caça de subsistência nas roças (quati, porco, macaco, catete), que destruíram os cultivos. Isso resultou na mobilização das famílias para desenvolver estratégias de cercamento das roças, com a justificativa de que o desmatamento é o responsável por esse desequilíbrio.

Quanto ao associativismo chiquitano, seu objetivo é apoiar, colaborar, fortalecer a luta pelo território, além de atrair recursos para as aldeias. Entretanto, há um modo político e particular de participação das famílias nas associações que deve ser observado. Esse modo implica em regras de chefia, reciprocidade, distribuição e alteridade. Nem todas as famílias são associadas; portanto, é importante considerar que os projetos com recursos externos precisam dialogar com todas as famílias para não restringir o acesso a bens, produtos e sua distribuição nas aldeias.

As ações de associativismo têm se ocupado com os desafios do mercado e do comércio de gêneros alimentícios das roças das famílias, que, em sua maioria, cultivam nos quintais para a subsistência, mas tem expectativa de direcionar os produtos para o comércio. Portanto, são necessários diálogos e planejamento para definir interesses, possibilidades e critérios para lidar com a burocracia, a prestação de contas, os parceiros e as redes de relações institucionais, além de uma avaliação conjunta da viabilidade sociocultural, tanto para o comércio quanto para a subsistência.

As mulheres chiquitano ocupam posições de liderança nas Associações. No ano de 2023 foi criado o grupo de mulheres da Terra Indígena Portal do Encantado. De acordo com os relatos das lideranças, quase 60% das mulheres atuam em diferentes práticas: nas associações, na agricultura, no artesanato, como parteiras, como benzedeiras, nas escolas, nas universidades, no esporte, nos grupos de dança da aldeia e no movimento de luta pelo território.

O novo grupo articula mulheres de diferentes faixas etárias das quatro aldeias da Terra Indígena Portal do Encantado e propõe registrar os saberes das mulheres anciãs, criar rodas de conversa sobre temas relacionados com adoecimento e cura, cuidados com as parturientes, práticas alimentares (chicha, patasca, entre outras), oficinas sobre memória, histórias das famílias e genealogias, além de uma agenda de articulação política, participação no evento da Mulher Rural, da Mulher Indígena, oficinas de trabalho em artes, levantamento de problemas a serem enfrentados na aldeia e articulação com a Takiná – Organização de Mulheres de Mato Grosso.

Dentre as principais reivindicações dos Chiquitano da Terra Indígena Portal do Encantado (aldeias Fazendinha, Acorizal, Paama Mastakama, Nautukirs Pisiors), destacamos as seguintes: apoio à homologação da Terra Indígena Portal do Encantado e à gestão territorial e ambiental do território; apoio e fortalecimento ao associativismo chiquitano; apoio e fortalecimento da atuação junto ao grupo de mulheres. Na área da saúde e segurança alimentar foram sugeridas a criação de rodas de conversa com técnicos e agentes de saúde, benzedeiras, parteiras e sovadeiras para prevenção de doenças, incentivo às práticas terapêuticas e trocas de experiências sobre os saberes relacionados com diagnósticos e curas; promoção da saúde mental com acompanhamento de profissionais capacitados para atuar junto às famílias vulneráveis e adoecidas.

O Território Chiquitano da aldeia Vila Nova Barbecho está sub judice em relação ao uso exclusivo de

25 hectares e ao usufruto dos recursos naturais de 300 hectares com a fazenda São Pedro. Entretanto, uma parte desses 300 hectares já foi desmatada pelo fazendeiro para a formação de pasto e criação de gado, inviabilizando, desse modo, a coleta de recursos naturais fundamentais para a subsistência das famílias, como a palmeira indaiá, a lenha, a caça de subsistência, os frutos nativos e as plantas medicinais, além da proteção da nascente para o consumo de água potável.

Desde o ano 2000, as famílias lutam pelo reconhecimento da identidade étnica e pela formação de um Grupo de Trabalho Multidisciplinar para o Estudo de Identificação da Terra Indígena, com o objetivo de demarcar o território tradicional. A aldeia é formada por 86 famílias que residem em 26 moradias, o tamanho da terra onde residem, nas condições em que vivem, limita as condições de vida das famílias, sendo necessária a demarcação do território.

As lideranças defendem a importância da Escola Indígena José Turíbio na luta pelo território e espaço de trabalho para os jovens que concluíram o Ensino Médio e o Superior na área de Licenciatura. Entretanto, ela não acolhe todos os profissionais que desejam trabalhar nela, os quais recorrem a outras escolas não indígenas, ou ainda, às fazendas, dentro e fora do estado de Mato Grosso. Essa condição resulta em transformações internas, nas regras de convivência e parentesco, com maior abertura para casamentos fora da etnia, com não Chiquitano.

Nesse entendimento, é importante as ações voltadas para a juventude com o objetivo de garantir a sua permanência e o seu protagonismo no território, além de projetos para a geração de renda, por meio de um programa articulado entre as lideranças, os jovens e as diferentes organizações: FEPOIMT, SEDUC, CTA, ICV, FASE, UNEMAT e UFMT.

Um dos desafios da escola é a continuidade da formação dos estudantes, devido às exigências da SEDUC quanto ao número de estudantes em sala de aula e no EJA. Essa determinação, segundo as lideranças, não corresponde ao contexto das famílias. Outro fator é o uso da internet, que, embora necessário, tanto nas moradias quanto na escola, tornou-se um fator de dispersão dos jovens e de sua pouca participação nas atividades coletivas da aldeia, como reuniões, grupos e ações comunitárias.

O aumento do consumo de álcool entre adultos e o seu incipiente consumo entre os jovens têm se tornado uma preocupação. Soma-se a isso o agravamento da saúde mental após a pandemia da COVID-19, com indícios de sintomas de ansiedade, síndrome do pânico e depressão, que necessitam de diagnóstico e acompanhamento da equipe de saúde indígena. A sugestão das lideranças é que escola atue como aglutinadora de diferentes ações, em diálogo permanente com as famílias da aldeia e outras organizações governamentais e não governamentais que atuam na fronteira e junto aos Chiquitano.

Nesse entendimento, foram propostas as seguintes ações e projetos:

Apoio na criação do Grupo de Trabalho Multidisciplinar para o Estudo de Identificação da Terra Indígena Vila Nova Barbecho, visando à demarcação e proteção do território;

Desenvolvimento de um projeto junto à Escola Indígena José Turíbio com o objetivo de garantir a permanência e o protagonismo dos jovens no território, além de geração de renda, com fortalecimento do uso da língua materna, a produção de material pedagógico, apoio ao registro audiovisual das principais cerimônias e rituais, como o Carnaval (Curussé), a Semana Santa e a festa dos santos padroeiros. Realização de cursos sobre novas tecnologias, produção de vídeos, podcasts e boletins destinados ao uso na escola. Revitalização da orquestra de violino chiquitano na Escola, com ensaios de música e fabricação de instrumentos musicais;

Apoio para a aquisição de sementes e mudas para as roças e quintais das famílias, destinadas ao



Outro aspecto que chamou a atenção na fronteira foi o aumento de igrejas cristãs evangélicas, instaladas nas aldeias e comunidades, com a adesão de muitas famílias chiquitano. Algumas cerimônias e festas tradicionais se transformaram, com consequências na vida sociocosmológica do povo Chiquitano que devem ser melhor compreendidas a partir de estudos e pesquisas mais aprofundados.

Entretanto, o reconhecimento étnico, a autoidentificação do povo Chiquitano e a luta pelos direitos assegurados pela Constituição Federal de 1988, têm aumentado. As contribuições para essa consciência política também vieram com o Ensino Superior indígena, o protagonismo das mulheres na organização da Takiná/MT, das associações Chiquitano e o fortalecimento da FEPOIMT, que atua como mediadora na articulação política e institucional junto aos povos indígenas no Mato Grosso, além do apoio de universidades e organizações não governamentais.

As principais demandas dessas aldeias e comunidades são: apoio na luta pela demarcação do território tradicional Chiquitano, apoio ao grupo de mulheres de Nova Fortuna, com estratégias para comercialização dos produtos confeccionados, parceria com as escolas para trabalhos sobre a história de vida e genealogias das famílias, subsídios para o manejo e roças nos quintais, destinadas à subsistência das famílias e a redução do consumo de produtos industrializados. Além disso, apoio no manejo da apicultura e a possibilidade de sua ampliação em Santa Mônica, com ações das organizações que atuam nessas localidades como CTA, ICV, FEPOIMT.

Na área da educação, a parceria com as escolas não indígenas, em diálogo com as professoras e as diretoras de Nova Fortuna, Bocaina, Santa Mônica para palestras, oficinas nos círculos de saberes relacionadas com práticas alimentares, musicais, artísticas, esportivas e artesanais; com discussão do currículo da escola, do registro histórico das famílias e suas genealogias. E, ainda a articulação com a Defensoria Pública para RG, CPF e Carteira de Trabalho das famílias que vivem na fronteira, permitindo o acesso de crianças e jovens à escola, à assistência social e ao cadastro no SUS.

Apoio à Escola indígena de Osbi nos projetos pedagógicos e na construção do barracão com cozinha destinada ao preparo de refeições com os produtos das roças da comunidade, valorizando a comensalidade e os produtos cultivados nas roças. Essas ações podem aglutinar parcerias entre o ICV, CTA e a FEPOIMT.

O Grupo Beija Flor, formado por Chiquitano não aldeado em contexto urbano, tem como integrantes e ponto focal as mulheres. Em vez de serem classificadas como “pobres” que vivem em bairros distantes do centro da cidade, reivindicam a identidade de “chiquitanas não aldeadas” e lutam por melhores condições de vida na cidade.

No espaço urbano do município de Porto Esperidião, as mulheres reivindicam moradia de qualidade, apoio na aquisição de sementes para o manejo dos quintais, acesso a água tratada, infraestrutura para os plantios de suas roças urbanas e apoio para participar de feiras agroecológicas e dos Conselhos Municipais.

O grupo Beija Flor tem como objetivo, com os produtos cultivados nos quintais e no terreno disponibilizado, garantir a subsistência das famílias e melhor a renda, seja por meio da comercialização em feiras orgânicas no município, ou ainda, pela redução dos gastos com alimentos e outros produtos adquiridos nos mercados da cidade. Outro aspecto importante é que, a participação dessas mulheres nas ações e programas do município, é uma forma de serem respeitadas e reconhecidas etnicamente.

Uma das práticas culturais das mulheres é a costura, com a qual fabricam bonecas e bonecos indígenas para o Carnaval da cidade e para o comércio nas feiras locais. Além disso, propõe o registro do patrimônio imaterial da festa Curussé, realizado no período do carnaval, em Porto Esperidião, pelo grupo Beija Flor e outros grupos em contexto urbano.



Referências bibliográficas

ALARCÓN, Roberto Balza (2001, p. 337), *Tierra, território y territorialidad indígena: un estudio antropológico sobre la evolución en las formas de ocupación del espacio del pueblo chiquitano de la ex-reducción jesuita de San Jose*. Santa Cruz de la Sierra: APCOB. SNV/IWGIA (Série Pueblos Indígenas de la Tierras Bajas de Bolivia).

BOLETIM Território Chiquitano nº11: Identidade Chiquitano: Luta pelo Direito ao Território, Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Megaprojetos em implementação na Amazônia e impactos na sociedade e na natureza. BORTOLLETO, Renata Silva. Os chiquitano de Mato Grosso. Estudo das classificações em um grupo indígena da fronteira Brasil-Bolívia. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado) – Depto de Antropología, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais (FFLCH), USPPNCSA/PPGCSPA-UEMA (Set. 2022). Pesquisa: Antônio João Castrilon Fernández e lideranças Chiquitano.

_____.; FALKINGER, Sieglinde. Gramática y vocabulario de los Chiquitos (S. XIII). Cochabamba-Bolivia]: Instituto Latinoamericano de Misionología/ UCB/Itinerarios Editorial, 2012. (Colección Scripta Autochtona, n. 9.)

COSTA, D. S.; SOUZA, C. A.; CASTRILON, S. K. I.. Caracterização da comunidade San Nícolas del Cerrito, San Ignacio de Velasco, Bolívia. Revista Ibero-Americana de Ciências Ambientais, v.9, n.1, p.103-118, 2018. DOI: <http://doi.org/10.6008/CBPC2179-6858.2018.001.0008>

COMBÈS, Isabelle. Diccionario étnico. Santa Cruz la Vieja y su entorno en el siglo XVI. Cochabamba: Itinerarios/Instituto de Misionología (Colección Scripta Autochtona 4), 2010.

CHUÊ. Saturnina Urupe. Caderno de Saberes e Práticas Culturais na Educação Escolar Indígena Chiquitano. Produto de Mestrado Intercultural . UNEMAT. 2022.

D'ORBIGNY. Viaje a la América Meridional: Brasil, República del Uruguay, República Argentina, La Patagonia, República de Chile, República de Bolivia, República del Perú, realizado de 1826 a 1833. V. 1, 2, 3. [s.l.]: Editorial Futuro, 1945

IPHAN. PROCESSO IPHAN/MT Nº 01425.000334/2020-15. Projeto de proteção e gestão de 23 Sítios Arqueológico na Terra Indígena Portal do Encantado e Vila Nova Barbecho Município de Porto Esperidião – MT. Inside Consultoria Científica. Belém, Pará, fevereiro de 2022.

FALKINGER, Sieglinde. Historia y Situacion Actual de La Lengua Chiquitana. (Version abreviada y revisada de la tesis de licenciatura presentada en 1993). Traducido del alemán al español por: Gabriele Müller Loarca, 27 de set. 2006. (mimeo.)

MARTÍNEZ, Cecilia Gabriela. Chiquito, chiquitano, Chiquitania. Historiografía y etnohistoria recientes sobre Chiquitos En el corazón de América del sur (Vol.1) Lorena Córdoba e Isabelle Combès (eds.) / Biblioteca del Museo de Historia / UAGRM, Santa Cruz de la Sierra 2015, p. 169-186.

MANOEL CHIQUITANO BRASILEIRO. Documentário. Aluízio de Azevedo e Glória Albues. Mato Grosso, Brasil. 2013/2014. Etnodoc. TV Brasil.

MOREIRA DA COSTA, José Eduardo Fernandes. A coroa do mundo: religião, território e territorialidade chiquitano. Cuiabá: EdUFMT/Carlini & Caniato, 2006.

PAPILA-FERNADEZ, Stephany Goivanna. Do que você gosta? Epistemologias Chiquitanas nas Comunidades de Nova Fortuna e Seringal e sua relevância para uma educação intercultural, 2021.

PUHL, João Ivo. Relatório de trabalho de campo. Projeto de Apoio da OPAN Apoio ao Povo Indígena Chiquitano de Fronteira BR/BO, 2021.

PACINI, Aloir. Identidade étnica e território na fronteira (Brasil-Bolívia). Porto Alegre, 2012. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RIESTER. Jürgen. Em busca de la loma santa. La Paz/Cochabamba-Bolivia: Editorial Los Amigos del Libro, 1976.

_____. Contribución al conocimiento de la cultura de la nación indígena chiquitana. v. 2. Santa Cruz de la Sierra-Bolivia: [s.n.], 2008, (manuscrito).

SANTANA, Áurea Cavalcante. Línguas cruzadas, histórias que se mesclam: ações de documentação, valorização e fortalecimento da língua chiquitana no Brasil. Goiânia, 2012. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFG.

SILVA, Joana Fernandes. Identidades e conflito na fronteira: poderes locais e os chiquitanos. Memória Americana, 16 (2), p. 119-148, 2008a.

SILVA, Joana Fernandes. Relatório da viagem de campo realizada para a identificação de Chiquitanos na área de influência do gasoduto Brasil-Bolívia (ramal Mato Grosso), no trecho Cáceres-San Matias. Cuiabá, 3 de dezembro 1998.

_____. Plano de Desenvolvimento para Povos Indígenas Chiquitano. Contrato de trabalho 008/2000 de assessoria para a FUNAI: Ampliação do Levantamento sobre os Chiquitano e Proposição para o PDPI. Convênio Gasoduto BolíviaMato Grosso – FUNAI. Cidade, julho de 2000.

_____. Relatório Circunstaciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Portal do Encantado (Povo indígena: Chiquitano). Município de Porto Esperidião, Vila Bela da Santíssima Trindade-MT. Cuiabá, mai. 2004.

SILVA, Verone Cristina. Carnaval: Alegria dos Imortais: Ritual, Pessoa e Cosmologia entre os Chiquitano no Brasil. 2015. Tese de (Doutorado em Antropologia) Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. Extracción, dueños y patrones entre los chiquitano del valle do Alto Guaporé, frontera Brasil-Bolivia. In: VILLAR, Diego; COMBÈS, Isabelle (Orgs.). Las tierras bajas de Bolivia: miradas históricas y antropológicas. Santa Cruz de la Sierra: El País, 2012. (Colección Ciencias Sociales de El País, n. 29.)

_____. La fiesta de la alegría entre el pueblo chiquitano en el Brasil. In: MUSEO DE HISTORIA DE LA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA GABRIEL RENÉ MORENO. Las tierras bajas de Bolivia. Jornadas de Antropología, Historia y Arqueología. Santa Cruz de La Sierra-Bolivia, 2014.

_____. e Leite. Os Quilombolas do Vale do Guaporé: modos de conhecimento e territorialidade. Cuiabá: EdUFMT; Ed. Sustentável, 2014.

_____. Nós (pobres) e eles (ricos): Modos de identificação e alteridade para o povo indígena Chiquitano. Diversidade étnico-racial e as tramas da escrita [livro eletrônico] : historiografia, memória e

ensino de história indígena na contemporaneidade / organização Luís César Castrillon Mendes.[et al.]. São Paulo, SP: Paruna Editorial, 2022, p. 561-578.

TOMICHÁ. Roberto Charupá. La primera evangelización en las reducciones de Chiquitos, Bolivia, 1691-1767: protagonistas y metodología misional. Cochabamba-Bolivia: Editorial Verbo Divino/Ordo Fratrum Minorum Conv/UCB, 2002.

XAVIER, Lidia de Oliveira Xavier. Fronteira Oeste Brasileira: entre o contraste e a integração. Universidade de Brasília Departamento de História Programa de Pós-Graduação em História. Brasília, 2006.

Anexos

1. GRUPOS DE FAMÍLIAS CHIQUITANO POR ALDEIAS E COMUNIDADES

ALDEIAS E COMUNIDADES	GRUPOS FAMILIARES PREDOMINANTE
Aldeia Vila Nova Barbecho	Tossuê, Urupe, Chué, Muquissai, Macoño, Massavi
Aldeia Nautukirsch Pisiorsch	Mendes, Paravá Ramos, Surubi
Aldeia Paama Mastakama	Lopes, Joviu, Espinosa
Aldeia Acorizal	Tomichá, Salvaterra, Monteiro
Aldeia Fazendinha	Rupe, Rup, Surubi,
Comunidade Santa Mônica	Tapanaché, Maconho, Florentin, Vaca, Choré.
Osbj/ Nossa Senhora Aparecida	Poché, Tomichá, Massai, Soares, Poquiviqui e Surubi, Arroio.
Comunidade Nova Fortuna	Algaranha Nuves; Chacon Charmo; Parabá; Matucari Supepe, Cebalho, Vaca, Cambará Charupá , Corea, Untado.
Comunidade Bocaina	Pachuri, Sespede, Tomichá
Grupo Beija Flor, bairro Aeroporto	Maconho, Poquiviqui, Chué, Massavi, Parabá, Urupe.

2. ASSOCIAÇÕES CHIQUITANO POR ALDEIA E COMUNIDADE

ASSOCIAÇÕES	DESCRIÇÃO	ALDEIA/COMUNIDADE
APIC	Associação Produtores Indígenas Chiquitano	Aldeia Fazendinha, Terra Indígena Portal do Encantado
ASN	Associação Semente Nativa (<i>Niorsch Haukina</i>)	Aldeia Acorizal, Terra Indígena Portal do Encantado
ASC	Associação Sustentável Chiquitano	Aldeia Nautukirs Pisiors e Aldeia Paama Mastakama da Terra Indígena Portal do Encantado
ANSA	Associação Nossa Senhora Aparecida	Comunidade Bocaina
OCA	Organização Chiquitana Aeroporto	Bairro Jardim Aeroporto na sede urbana de Vila Bela da Santíssima, Bocaina, Nova Fortuna e Santa Mônica.

3. CRONOGRAMA DE FESTAS E PRÁTICAS CULTURAIS

ALDEIAS/ COMUNIDADE	MUNICÍPIO	FESTA/ EVENTO	DATA DA FESTA	CERIMÔNIA
Vila Nova Barbecho	Porto Esperidião	Nossa Senhora de Fátima	13 de maio	Festa da Padroeira
Vila Nova Barbecho	Porto Esperidião	Carnaval	Fevereiro	Festa
Vila Nova Barbecho	Porto Esperidião	Sexta Feira Santa	Abril	Cerimônia
Vila Nova Barbecho	Porto Esperidião	Dia dos Mortos	2 de Novembro	Cerimônia e visita aos cemitérios

Paama Mastakama- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Carnaval	Fevereiro	Festa
Paama Mastakama- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Sexta Feira Santa	Abril	Cerimônia
Paama Mastakama- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Nossa Senhora Aparecida	12 de outubro	Festa da Padroeira
Paama Mastakama- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Encontro Multicultural Calendário	Dia dos Povos Indígenas – 19 de abril	Jogos
Paama Mastakama- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Copa Verde	Março	Jogos
Paama Mastakama- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Copa Fronteira	Junho	Jogos

ALDEIAS/ COMUNIDADE	MUNICÍPIO	FESTA/ EVENTO	DATA DA FESTA	CERIMÔNIA
Acorizal – TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Carnaval	Fevereiro	Festa
Acorizal – TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Sexta Feira Santa	Abril	Cerimônia
Acorizal – TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Santa Terezinha	1 de outubro	Festa da Padroeira
Acorizal – TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Copa Verde	Março	Jogos
Acorizal – TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Encontro Multicultural Calendário	Dia dos Povos Indígenas – 19 de abril	Jogos
Acorizal – TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Dia de finados	2 de novembro	Cerimônia
Acorizal – TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Copa Fronteira	Junho	Jogos

Fazendinha- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Carnaval	Fevereiro	Festa
Fazendinha- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	São João Batista	23/24 Junho	Festa do Padroeiro
Fazendinha- TI Portal do Encantado	Porto Esperidião	Dia de finados	2 de novembro	Cerimônia

ALDEIAS/ COMUNIDADE	MUNICÍPIO	FESTA/ EVENTO	DATA DA FESTA	CERIMÔNIA
Grupo Beija Flor	Porto Esperidião	Carnaval	Fevereiro	Festa
Grupo Beija Flor	Porto Esperidião	Santo Antônio	13 de junho	Bairro Aeroporto
Grupo Beija Flor	Porto Esperidião	Finados	2 de novembro	Cerimônia

Ponta do Aterro	Vila Bela da Santíssima Trindade	Santa Clara	11 de agosto	Festa Padroeira
-----------------	----------------------------------	-------------	--------------	-----------------

Bocaina	Vila Bela da Santíssima Trindade	Semana Santa/Páscoa	Abril	Comunidade
Bocaina	Vila Bela da Santíssima Trindade	Nossa Senhora Aparecida	12 de outubro	Festa Padroeira

Nova Fortuna	Vila Bela da Santíssima Trindade	São Francisco	05 de abril	Santo Católico
Nova Fortuna	Vila Bela da Santíssima Trindade	Festa Escolar	7 de setembro	Escola

ALDEIAS/ COMUNIDADE	MUNICÍPIO	FESTA/ EVENTO	DATA DA FESTA	CERIMÔNIA
Santa Mônica	Vila Bela da Santíssima Trindade	Santa Mônica	26 e 27 de agosto	Festa Padroeira
Santa Mônica	Vila Bela da Santíssima Trindade	Carnaval	Fevereiro	Comunidade

Nossa Senhora Aparecida	Vila Bela da Santíssima Trindade	Carnaval	Fevereiro	Festa
Nossa Senhora Aparecida	Vila Bela da Santíssima Trindade	Copa Fronteira	Junho	Jogos
Nossa Senhora Aparecida	Vila Bela da Santíssima Trindade	Nossa Senhora Aparecida	12 de outubro	Festa Padroeira

